

**IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS
UMA ANÁLISE DE ARGUMENTAÇÃO
EM PERSPECTIVA DISCURSIVA**

**Autora: Sheila Elias de Oliveira
Orientador: Eduardo Roberto Junqueira Guimarães**

**INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM/UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FEVEREIRO/1998**

Sheila Elias de Oliveira

IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS
UMA ANÁLISE DE ARGUMENTAÇÃO
EM PERSPECTIVA DISCURSIVA

Dissertação apresentada ao Curso de
Linguística do Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Estadual
de Campinas como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em
Linguística

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Roberto
Junqueira Guimarães

UNICAMP
Instituto de Estudos da Linguagem
1998

UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	
V.	
TOMBO BC/	35194
PROC.	395/98
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO R\$	11,00
DATA	30/09/98
N.º CPD	

CM-00116429-3

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

OL4i	<p>Oliveira, Sheila Elias de</p> <p>Igreja Universal do Reino de Deus: uma análise de argumentação em perspectiva discursiva / Sheila Elias de Oliveira. -- Campinas, SP: [s.n.], 1998</p> <p>Orientador: Eduardo R. Junqueira Guimarães</p> <p>Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem</p> <p>1. Semântica. 2. Análise do discurso. 3. Paráfrase X 4. Predicado (lógica) X 5. Definição (lógica) X I. Guimarães, Eduardo Roberto Junqueira. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem III. Título</p>
------	---

Neste exemplar é a redação final da tese
defendida por Sheila Elias de Oliveira

e aprovada pela Comissão Julgadora em

27, 02, 1998.

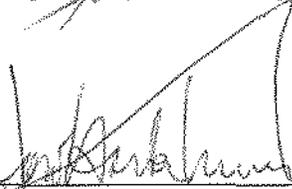
Prof. Dr. Eduardo Roberto Junqueira Guimarães



Prof. Dr. Eduardo Roberto Junqueira Guimarães - Orientador



Prof.ª Dr.ª Mônica Graciela Zoppi Fontana



Prof. Dr. José Horta Nunes

Campinas, 27 de fevereiro de 1998.

Agradeço a...

... meus pais, Luiz e Alba, pelo amor e o apoio incondicionais, sempre; a minha irmã, Monica, amiga de todas as horas; a minha avó, Ada, a meus tios e primos, em especial a Vera, Sônia, Ana Paula, Cláudia e Andréa, pelo companheirismo;

... a Gilvan, professor e amigo a quem devo minha vinda à UNICAMP; aos professores Emílio e Ruth, pelo incentivo;

... aos colegas da UFSC Renata e Alberto e especialmente a Ina, que acompanhou o andamento do curso de mestrado e desta dissertação via e-mail;

... aos amigos de Florianópolis, em especial a Isabella, pelo apoio técnico e pela torcida;

... aos novos amigos de Campinas, em especial a Bete, pelas conversas acerca da língua e da vida, e a Melissa, pela presença, a companhia e a torcida;

... ao Francisco, pelo companheirismo, a paciência, o carinho...

... às (ex-)secretárias da pós-graduação do IEL, Rose e Bete, por tantos atendimentos;

... a Cláudia e Maria Onice, pelas dicas bibliográficas;

... a José e Mônica, pela leitura atenta do trabalho para e qualificação e pelo privilégio de poder contar com eles novamente na banca de defesa;

... a Eni e Eduardo, pelo horizonte teórico aberto e pela acolhida; a Eduardo, em especial, pelo bom humor e a boa vontade, pelo respeito ao aluno, pela orientação eficiente sem a qual não teria sido possível concluir o trabalho no tempo em que me propus;

... finalmente, ao CNPq, pelo apoio financeiro que me possibilitou dedicação integral ao curso de mestrado.

SUMÁRIO

Resumo.....	06
1 Introdução.....	08
2 Língua e argumentação em perspectiva discursiva.....	12
3 Igreja Universal do Reino de Deus.....	17
3.1 Breve histórico.....	17
3.2 O diabo.....	19
4 O Santo Culto em seu Lar - ser cristão.....	21
4.1 O programa.....	21
4.1.1 As bênçãos.....	21
4.1.2 O cristão carnal e o cristão verdadeiro.....	25
4.1.3 Silêncio local: o palavrão.....	30
4.1.4 A Rede Record.....	32
4.1.5 A família.....	32
4.1.6 A conversão: da morte para a vida.....	33
4.1.7 A ameaça e a misericórdia divinas.....	35
4.1.8 Deus e o diabo.....	37
4.1.9 Mais uma vez, a família.....	39
4.1.10 A salvação e o vencedor.....	40
4.1.11 A comida que não perece.....	42
4.2 A argumentação.....	43
4.2.1 A culpa é sua.....	43
4.2.2 Converta-se.....	46
4.2.3 O vencedor é quem luta pela comida que não perece.....	49
5 Palavra de vida - prosperidade.....	53
5.1 O programa.....	53
5.1.1 Prosperidade é de Deus.....	53
5.1.2 A corrente da prosperidade.....	57

5.1.3 Miséria é do diabo.....	59
5.1.4 O espírito de revolta.....	61
5.1.5 O dízimo.....	63
5.1.6 Antes e depois da Universal.....	65
5.1.7 As provas: os telefonemas, a bíblia, os testemunhos.....	67
5.1.8 A promessa de vitória - o diabo não vence o lutador.....	82
5.2 A argumentação.....	86
5.2.1 A culpa é sua.....	86
5.2.2 Prosperidade é de Deus.....	86
5.2.3 Converta-se e você será abençoado.....	90
5.2.4 Os pastores e o telespectador-alvo.....	92
6 Argumentação e discurso.....	95
6.1 O mecanismo definatório.....	95
6.1.2 Os movimentos das definições entre os programas <i>O Santo Culto em seu Lar</i> e <i>Palavra de Vida</i>	97
6.1.3 Outros discursos.....	102
6.2 Outros aspectos da argumentação.....	104
7 Considerações finais.....	107
Summary.....	110
Referências bibliográficas.....	112
Bibliografia consultada.....	114

RESUMO

Este trabalho consiste em uma análise da argumentação dos pastores da Igreja Universal do Reino de Deus em dois programas de TV exibidos pela Rede Record - *O Santo Culto em seu Lar*, que traz como tema 'ser cristão', e *Palavra de Vida*, com o tema 'prosperidade'.

Nosso ponto de vista teórico é o da Semântica Histórica da Enunciação, tal como a apresenta Eduardo Guimarães. Essa perspectiva, que se filia à Escola de Análise de Discurso Francesa, preconiza que os sentidos de uma enunciação são constituídos em lugares de significação historicamente construídos - os discursos. A partir da consideração do histórico como constitutivo dos sentidos, o dizer é analisado em dois níveis - o de sua constituição, que é o espaço interdiscursivo, e o de sua formulação, aquele em que o sujeito verbaliza os seus sentidos.

A argumentação, que se dá no espaço da formulação textual, é efeito da relação de discursos; as intenções do sujeito falante ao argumentar se constituem a partir de sua memória histórica, dos lugares de significação discursivos que ele ocupa necessariamente, ainda que de forma inconsciente. Para nós, portanto, argumentar não é persuadir ou convencer; argumentar é direcionar o dizer, unificar a interpretação, em gestos que produzem o efeito de que o que foi dito: 1) só poderia ter sido formulado daquela maneira e 2) se origina no indivíduo, e não como processo histórico de significação.

Em nosso *corpus*, identificamos um procedimento semântico de construção da argumentação - o mecanismo definitório, realizado por meio de predicados. Os pastores definem (e, ao definir, constroem como referentes) alguns conceitos-chave na argumentação da Igreja Universal, tais como os de 'Deus', 'diabo', 'cristão carnal', 'cristão verdadeiro', 'prosperidade', etc. As definições são formuladas por dois tipos de predicados, que classificamos a partir de seu funcionamento enunciativo: os predicados parafrásticos e os exegéticos. Os predicados parafrásticos fazem ressoar os sentidos uns dos outros e/ou dos referentes que constroem; os exegéticos dão visibilidade social a esses referentes. Juntos, os predicados vão-se articulando em argumentos e conclusões, formando uma teia argumentativa.

Na análise intertextual entre os dois programas, observamos que os referentes assumem novos sentidos, de acordo com as condições de produção de cada um dos programas. *O Santo Culto em seu Lar* é gravado a partir de um culto na sede nacional da Igreja Universal; *Palavra de Vida* é feito para TV e exibido ao vivo. Essa diferença marca uma mudança nos sujeitos interlocutores dos pastores - no primeiro programa, já fiéis; no segundo, primordialmente fiéis potenciais. A partir dessa alteração, os objetivos dos programas são diferenciados e os sentidos dos referentes que contróem a argumentação são outros.

Em cada um dos programas e entre um e outro, identificamos contradições argumentativas. O direcionamento do sentido se dá a partir das fundações discursivas majoritárias - os discursos capitalista e liberal. As contradições são um indício de que a argumentação não garante a persuasão, uma vez que a Universal, a Igreja evangélica que mais cresce no Brasil, se sustenta em um dizer contraditório.

PALAVRAS-CHAVE: 1. Semântica. 2. Análise do Discurso. 3. Paráfrase. 4. Predicado. 5. Definição.

1 INTRODUÇÃO

O judaísmo, o islamismo e o cristianismo são categorizados pelo teólogo David Tracy como “religiões do livro” - aquelas para as quais certos textos funcionam “como “escritura” no sentido estrito: ou seja, como documentos *normativos* para a compreensão fundamental da comunidade religiosa e o controle de suas metáforas básicas e, dessa forma, de sua visão da realidade” (1992:96). No cristianismo, ele acredita, essa condição se intensifica com as parábolas, em sua conjunção de gênero narrativo e processo metafórico.

Nosso trabalho se propõe analisar a argumentação dos pastores de uma religião cristã evangélica fundada no Brasil na segunda metade deste século - a Igreja Universal do Reino de Deus. Concordamos com Tracy quanto ao estatuto normativo que a bíblia assume no cristianismo. No entanto, a partir da perspectiva da semântica histórica da enunciação na qual nos inserimos, acreditamos que para compreender uma comunidade religiosa cristã, devemos recorrer primordialmente não à bíblia, mas aos textos produzidos pela comunidade religiosa em questão.

Isso porque em nossa posição teórica os sentidos de qualquer enunciação se definem no ato enunciativo, à medida que o indivíduo, interpelado em sujeito pela ideologia, realiza gestos de interpretação a partir de sua memória histórica (o interdiscurso), ocupando posições discursivas. Partindo da consideração do interdiscurso como constitutivo dos sentidos, a bíblia é tomada como um ponto de deriva a partir do qual cada comunidade religiosa que a assume como escritura produz deslocamentos. Sua normatividade para nós, então, se constitui a partir de um imaginário religioso que atribui a ela o estatuto de lugar da verdade divina.

Esse lugar construído para a bíblia funda a argumentação dos pastores da Igreja Universal do Reino de Deus. As direções argumentativas dos dois programas constituintes do nosso *corpus* são sustentadas pelo argumento por autoridade - os pastores falam ‘em nome de Deus’, como que reproduzindo a Sua palavra expressa no livro sagrado e nele legitimada, palavra essa que representa a verdade.

O argumento por autoridade se funda em um lugar de significação no qual o caráter literário da bíblia é desconsiderado, caráter esse que, por outro lado, é corroborado em análises que mostram as diferenças históricas na apresentação da vida e do pensamento de Jesus nos evangelhos. Com o apagamento do caráter literário da bíblia, transforma-se a fala dos pastores em ‘descrição da realidade’. Esse efeito de ilusão referencial perpetua-se no discurso da Igreja Universal. Ele é legitimado até mesmo quando a interpretação da Igreja é comparada à de outras religiões. A comparação, que poderia trazer à tona a construção da ilusão referencial, produz o efeito contrário, reforçando a referencialidade das palavras dos pastores - eles falam a interpretação verdadeira.

Por outro lado, na Universal, falar em nome de Deus é falar contra o diabo. A partir da oposição entre essas duas personagens formulam-se os argumentos dos pastores. Nosso aparato teórico-metodológico nos permite compreender os sentidos além de sua evidência empírica. Não nos basta perceber como Deus e o diabo se articulam nos fios argumentativos da Igreja Universal; buscaremos compreender como essa articulação se constitui discursivamente, assumindo que compreender posições de sujeito de representantes religiosos de uma Igreja como a Universal, a religião evangélica que mais cresce no Brasil, é compreender discursos que tomam força em nossa sociedade e que se efetivam nessa formulação cristã.

Nosso *corpus* de análise é composto por dois programas de TV exibidos no estado de Santa Catarina pela Rede Record, emissora pertencente à Igreja Universal. Essa emissora leva ao ar, especialmente de madrugada e pela manhã, uma programação feita pela Igreja.

O programa *O Santo Culto em seu Lar* exhibe parte de um culto ministrado na sede nacional da Igreja Universal do Reino de Deus, localizada no Brás, em São Paulo. O bispo Paulo Roberto ministra a reunião. O programa que analisamos aqui foi exibido no sábado de carnaval, dia 08/02/97, pela manhã. Classificamos o seu tema como ‘ser cristão’, uma vez que trata das obrigações e das características da vida de um cristão da Igreja Universal.

O programa *Palavra de Vida* é exibido ao vivo todas as madrugadas a partir da meia-noite e tem duração aproximada de três horas. Algumas vezes é repetido pela manhã. *Palavra de Vida* difere de *O Santo Culto em seu Lar*, à medida que é feito para a TV, além de sua exibição ser regional e ao vivo. O bispo do estado de Santa Catarina, Roberto Mauzer, coordena o programa, do qual participam outros pastores que, junto ao bispo, discutem um tema selecionado. Telespectadores participam por fax ou telefone, deixando registrados problemas que estão vivendo relacionados ao tema da noite e pedindo para que seus nomes sejam mencionados pelos pastores na oração final. Entre as falas dos representantes da Igreja são mostrados testemunhos de fiéis que se consideram abençoados a partir do seu ingresso na Universal. Há também intervalos em que são exibidos comerciais da Igreja ou reportagens a respeito do tema da noite. O programa que analisamos aqui foi ao ar em 10/02/1997, segunda-feira de Carnaval. Seu tema é prosperidade.

Os dois programas selecionados foram gravados em vídeo, a partir das transmissões pela Rede Record. Nas transcrições, não nos detivemos em marcas da oralidade, uma vez que os símbolos da escrita atendem aos nossos objetivos de análise, dos quais excluem-se fatos fonético-fonológicos.

A escolha dos programas foi fundamentalmente temática. O desenvolvimento do tema 'ser cristão', do *O Santo Culto em seu Lar*, acreditamos oferecer fatos que nos ajudassem a compreender concepções básicas da Universal, ancoradas em sua interpretação do cristianismo. Já o tema 'prosperidade', do *Palavra de Vida*, nos interessou a partir da percepção da importância dessa bênção no programa *O Santo Culto em seu Lar*, em uma das orientações argumentativas do qual aparece, conforme veremos, como a principal bênção funcionando como característica distintiva do 'cristão verdadeiro'. Um outro critério foi a diferença na confecção dos programas, já que um é gravado a partir de um culto e outro feito para TV. Essa diferença, que sinaliza diferentes condições de produção, será levada em consideração em nossas análises.

A argumentação será analisada primordialmente a partir do mecanismo definatório que se dá por meio de duas formas de predicação - a predicação parafrástica e a exegética. As definições e os referentes por elas construídos constituem argumentos e conclusões.

Desenvolveremos as explicações acerca de nosso procedimento teórico no próximo capítulo.

2 LÍNGUA E ARGUMENTAÇÃO EM PERSPECTIVA DISCURSIVA

Propomo-nos investigar a argumentação dos pastores da Igreja Universal a partir da semântica histórica da enunciação, tal como a apresenta Eduardo Guimarães. Nessa perspectiva, o histórico é constitutivo dos sentidos à medida que é considerado em sua inscrição na materialidade discursiva. A noção de discurso é a da Escola de Análise de Discurso Francesa (AD) - *efeito de sentidos entre locutores*. “Compreender o que é efeito de sentido é compreender que o sentido não está (alocado) em lugar nenhum mas se produz nas relações: dos sujeitos, dos sentidos” (Orlandi, 1992:20). A consideração do discurso como efeito de sentidos traz uma especificidade na compreensão do funcionamento lingüístico que torna necessário repensar noções trabalhadas por algumas áreas: pela lingüística, tais como as de língua, texto e argumentação; pela semântica - a própria concepção de sentido; e pelas ciências sociais, tais como as de história, política e ideologia.

Começamos pelo deslocamento feito a partir das ciências sociais. História, política e ideologia são compreendidas em AD a partir da noção de interdiscurso, que se define como o conjunto de formações discursivas, as quais, a partir de formações ideológicas, determinam o que pode e deve ser dito em uma conjuntura social dada (Pêcheux, 1975:160).

As filiações ideológicas caracterizam os lugares de significação do sujeito. Os sentidos se definem, então, a partir das posições que ele ocupa no interdiscurso. Nesse ponto se determina o político, como “o fato de que o sentido está sempre dividido, tendo uma direção que se especifica na história, pelo mecanismo ideológico de sua constituição” (Orlandi, 1996:22). A ideologia, ao interpelar o indivíduo em sujeito, ou seja, ao injungi-lo a ocupar uma posição interdiscursiva, produz o imaginário, isto é, o lugar de “uma interpretação particular que apareceria no entanto como a interpretação necessária, e que atribui sentidos fixos às palavras em um contexto histórico dado.” (idem:100)

A esse efeito ideológico Pêcheux (1975:173) denomina esquecimento nº2, o mecanismo pelo qual um sujeito-falante não reconhece outros enunciados em relação de paráfrase com aquele que seleciona no interior da FD que o domina, o que dá ao seu

enunciado uma ilusão referencial. Juntamente ao esquecimento nº2 funciona o esquecimento nº1, pelo qual o sujeito-falante não reconhece que não pode se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina, o que lhe dá a impressão de ser a origem do seu dizer.

Na formulação de Orlandi, esses efeitos ideológicos fundamentais do funcionamento lingüístico são possíveis pelo trabalho do silêncio, tomado enquanto materialidade histórica. Essa autora distingue o silêncio fundador, que garante o movimento dos sentidos, e a política do silêncio (ou silenciamento), subdividida em silêncio constitutivo, o que atua no apagamento necessário de outras palavras pela que se diz, e silêncio local, ou censura, que determina no dizível interdiscursivo aquilo que não pode ser dito (Orlandi, 1996:23-4).

Um mecanismo lingüístico de produção do imaginário é a argumentação, ou como a caracteriza Guimarães (1995:77-88), a *diretividade do dizer*. Ao direcionar o dizer, a argumentação direciona (unificando) a interpretação, silenciando o percurso do sujeito na produção dos sentidos, ou seja, seu percurso pelo interdiscurso, fazendo funcionar os esquecimentos 1 e 2.

O efeito de textualidade produzido pela argumentação é trabalhado por esse autor (idem:77) a partir das noções de coesão e consistência: “A coesão diz respeito às relações que reenviam a interpretação de uma forma à outra, numa seqüência do texto. A consistência diz respeito às relações que reenviam a interpretação de uma forma ao acontecimento enunciativo”. O acontecimento enunciativo reúne presente e memória - o presente da formulação lingüística e a memória interdiscursiva, que põe a língua em funcionamento (idem:86). A orientação argumentativa, ao estabelecer argumentos e conclusões, contribui para o efeito de unidade próprio da textualidade.

O sistema lingüístico é compreendido como um espaço simbólico “dotado de uma *autonomia relativa* que o submete a leis internas” (Pêcheux, idem:91) postas em funcionamento a partir do seu exterior constitutivo - o interdiscurso.

A tarefa do analista de discurso é compreender, ou seja, explicitar o modo como o discurso produz sentidos em uma dada enunciação (Orlandi, 1996:33). É essa a tarefa que abraçamos, buscando analisar a argumentação além de sua evidência empírica.

Procuraremos mostrar a natureza discursiva dos argumentos dos pastores da Igreja Universal do Reino de Deus - que discursos os determinam, a que posições de sujeito se filiam.

Nossas análises seguem a progressão linear dos programas. No *O Santo Culto em seu Lar*, comentamos aspectos da fala do bispo Paulo Roberto trecho a trecho e dividimos o programa em blocos temáticos; o *Palavra de Vida*, também dividido em blocos temáticos, recebe nossos comentários após as falas de cada pastor. Buscamos, no entanto, seguindo essa segmentalidade, desfazê-la, mobilizando os conceitos de coesão e consistência, pelos quais trataremos de argumentos que orientam, na formulação enunciativa, para uma dada conclusão, procurando compreender a constituição interdiscursiva da formulação argumentativa, constituição na qual trabalha o silêncio - o fundador, que possibilita o movimento do sujeito em sua dispersão, e a política do silêncio, que pelo silêncio constitutivo faz significar determinados discursos em detrimento de outros e pela censura interdita localmente dizeres possíveis.

Analisaremos, para tanto, a construção discursiva de referentes por meio de um mecanismo definitório realizado lingüisticamente pela predicação. Os predicados, ao construírem esses referentes, definindo-os, constituem argumentos e conclusões nos dois programas constantes do *corpus*. Em nossas análises, identificamos dois funcionamentos enunciativos distintos da predicação, que nos levaram a classificar os predicados em parafrásticos e exegeticos. Para compreender esses dois funcionamentos, vamos à explicitação das noções de *predicado*, *paráfrase*, *exegese* e *definição* que adotamos.

Distinguimos os predicados segundo sua noção sintática tradicional: “o segmento da oração que se opõe ao sujeito e se distingue dele por conter um verbo” (Ilari e Geraldí, 1992:90). Observamos que em nosso *corpus* o funcionamento enunciativo dos predicados é definitório; no entanto, percebemos dois sub-funcionamentos que, juntos, constroem as definições - alguns predicados parafraseiam o referente; outros realizam uma exegese do referente e/ou dos predicados parafrásticos, interpretando-os.

Comprendemos a paráfrase como *ressonância* de significação. Serrani (1991:103-4) explica a adoção do termo: “ressonância porque para que haja paráfrase a significação é produzida por meio de um efeito de eco entre as unidades; elas soam de novo,

acontecendo uma vibração semântica mútua”. Essa autora afirma que “há paráfrase quando podemos estabelecer entre as unidades envolvidas uma ressonância - interdiscursiva - de significação, que tende a construir a realidade (imaginária) de um sentido” (idem:103). Buscaremos mostrar que, em seu efeito de aparente homogeneidade, os predicados parafrásticos que funcionam determinando argumentos e conclusões em nosso *corpus* provêm de diferentes formações discursivas e, portanto, significam diferentemente na dispersão do acontecimento enunciativo. Os predicados exegeticos, por sua vez, ao espalhar as ressonâncias parafrásticas por meio de exemplos, dão visibilidade social ao referente. Verificaremos como isso se dá nas análises argumentativas dos itens 4.2 e 5.2.

Como afirmamos acima, os predicados parafrásticos e exegeticos atuam na construção de referentes, constituindo juntos um mecanismo de definição. Vejamos um dos significados de ‘definir’ do dicionário de Aurélio Buarque de Holanda (1988:198): “enunciar os atributos essenciais e específicos de (uma coisa), de modo que a torne inconfundível com outra”. Nos dois programas, veremos que o mecanismo definitório dos referentes que constituem argumentos e conclusões de fato atua na direção de tornar esses referentes discerníveis e inconfundíveis; entretanto, ao tomarmos o procedimento lingüístico como essencialmente metafórico, a partir do conceito de metáfora como modo de apresentação de objetos para os sujeitos (Pêcheux, 1975:132), compreendemos a construção dos referentes como discursiva; assim sendo, os ‘atributos’ que recebem os referentes são tomados como construídos, e não como intrínsecos aos objetos.

Retomemos agora a posição do teólogo David Tracy, com a qual iniciamos o capítulo introdutório. Segundo esse autor, contribui para o equívoco bíblico o caráter essencialmente metafórico de seus textos. De nossa perspectiva, como observamos acima, consideramos o próprio funcionamento lingüístico como metafórico; a partir desse deslocamento, para nós o que contribui para o equívoco da interpretação bíblica é a evidência do processo metafórico nas escrituras - as próprias parábolas, textos freqüentes no Novo Testamento, são por definição formuladas a partir da substituição de palavras. As histórias não parabólicas, pelo seu posicionamento histórico, exigem uma atualização espaço-temporal realizada pela metáfora.

Seguindo nossa filiação teórica, trataremos os objetivos propostos por Tracy - a compreensão das 'metáforas básicas' e da visão da realidade da Igreja Universal do Reino de Deus - a partir das filiações interdiscursivas dessa Igreja por meio da análise dos predicados parafrásticos e exegeticos dos pastores.

3 IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

3.1 BREVE HISTÓRICO¹

A Igreja Universal do Reino de Deus é fundada em 1977 em uma antiga funerária de um subúrbio no Rio de Janeiro. Em abril de 1995, a Igreja conta com 3 milhões de fiéis e 2 mil templos no Brasil, além de 221 templos em outros 32 países. De 1990 a 1995, a Igreja cresce 280% no Brasil. Edir Macedo, um ex-funcionário de casa lotérica, funda a Universal com outros três evangélicos; nove anos depois, já auto-intitulado “Bispo Macedo”, é sua maior autoridade.

Nos últimos anos, a Igreja Universal tem chamado a atenção da mídia. Uma das razões é o seu crescimento fora do comum, que tem se configurado como uma ameaça à Igreja Católica, da qual a Universal tem arrebatado fiéis. Uma outra razão é o patrimônio da Igreja - segundo a reportagem de outubro de 1995, 26 estações de rádio, a Rede Record, o Banco de Crédito Metropolitano na Av. Paulista, duas revistas, além de dois jornais evangélicos e um comum - o *Hoje em Dia*, de Belo Horizonte. Por adotar uma política de incentivo à prosperidade dos fiéis, conquistada a partir das doações que estes fazem à Igreja, a Universal tem sido acusada de charlatanismo.

O público-alvo da Igreja pode ser descrito como pessoas que sofrem, especialmente aquelas com problemas que lhes parecem insolúveis. As chamadas dos programas exibidos na Rede Record nos dão idéia da amplitude do ‘rebanho possível’ da Universal - eles se dirigem a quem está com problemas de saúde, financeiros, sentimentais ou familiares, bem como a quem está envolvido com drogas, homossexualismo ou prostituição, entre outras situações marcadas de alguma forma pelo sofrimento.

O diabo é a causa de todos os males que atingem o ser humano (dentre os quais os citados acima). Seguindo a tradição das Igrejas Pentecostais, os pastores da Universal praticam o exorcismo; o Espírito Santo é invocado nos cultos para abençoar os fiéis e espantar os demônios que atrapalham suas vidas. A vida de Jesus, narrada no Novo

¹ Os dados históricos foram extraídos de duas reportagens da *Revista Veja* - “Multinacional da fé”, publicada em 19/abril/95, p. 92-4 e “Com fé, dinheiro e fiéis”, de 25/outubro/95, p. 96-105.

Testamento, é usada como modelo de fé; acima dos palcos das igrejas, há uma faixa com a inscrição: “Jesus Cristo é o Senhor”. O Deus da Universal - invocado também pelo nome de Jesus ou pelo do Espírito Santo - opera o milagre da libertação dos demônios, que são manifestações diabólicas.

A bênção que arrebatava maior número de fiéis para a Universal é a prosperidade. Já na análise do programa *O Santo Culto em seu Lar*, veremos que essa bênção funciona como um critério hierarquizante na Igreja; em uma determinada orientação argumentativa, os cristãos são divididos em dois tipos: verdadeiros (abençoados) e carnais (não abençoados).

O Almanaque Abril, enciclopédia onde encontramos alguns dados sobre a Universal, traz essa Igreja como a principal do neopentecostalismo, ramo do protestantismo pentecostal que “dá maior ênfase aos rituais de exorcismo e cura”. E continua: “Segue a Teologia da Prosperidade, que defende que a felicidade e o sucesso devem ser encontrados nesta vida. Os neopentecostais não defendem hábitos morais tão rígidos como os dos pentecostais tradicionais”². Nossa análise, no entanto, trará algumas diferenças com relação a essas observações.

O pentecostalismo surge de uma dissidência dos metodistas, em Los Angeles, em 1906, e se difunde rapidamente pelos países do terceiro mundo. No Brasil, seu maior expoente é a Assembléia de Deus, que surge em 1911, em Belém (PA). Há ainda a Congregação Cristã do Brasil³, desde 1909, o Evangelho Quadrangular, criado em 1918 nos Estados Unidos e trazido para o Brasil na década de 40, e O Brasil para Cristo, fundada em 1955, também no Brasil. A característica que define o pentecostalismo é a crença no Espírito Santo e a prática do exorcismo, em cultos teatralizados. Em resposta ao sucesso dessa corrente, foi criado pelo catolicismo, também nos Estados Unidos, em 1967, o movimento de Renovação Carismática Católica, que segue rituais semelhantes aos das Igrejas Pentecostais.

² *Almanaque Abril 96*. São Paulo, SP: Ed. Abril, 1996, p.311-313.

³ Uma análise discursiva da ritualística dos cultos dessa Igreja foi realizada por Manoel Gonçalves Corrêa, em dissertação defendida no IEL da UNICAMP e publicada pela editora da mesma universidade.

3.2 O DIABO

O diabo é uma figura central na argumentação dos pastores da Igreja Universal do Reino de Deus. Sua luta contra Deus justifica os problemas humanos - o diabo os causa para se opor à vontade divina. Em *As Origens de Satanás*, Elaine Pagels, professora de história da religião da Universidade de Princeton, mostra que esse papel de adversário divino é atribuído ao diabo especialmente no Novo Testamento. Em seus primeiros aparecimentos na bíblia, segundo Pagels, Satanás não é mau, tampouco inimigo de Deus. Nos Livros de Jó e dos Números, ele aparece como um anjo de Deus, por ordem do qual obstrui desejos e planos humanos para proteger o homem de um mal maior (1996:66). Por volta da época em que o livro de Jó é escrito - 550 a.C., outras passagens bíblicas começam a transformá-lo em adversário.

O livro de Pagels trata das conseqüências sociais do trabalho religioso face ao sofrimento (o infortúnio e a perda) e, em especial, de como esse trabalho se desenvolve e se torna possível a partir da consideração de Satanás. Segundo a autora, a figura de Satanás surge no século I, em certos grupos judaicos, em meio às guerras palestinas e ganha força nos evangelhos; no primeiro deles - o atribuído a Marcos - o ministério de Jesus é caracterizado “como envolvendo uma luta incessante entre o espírito de Deus e os demônios, que pertencem, ao que parece, ao “reino” de Satanás” (idem:15). A luta entre o espírito de Deus e Satanás é usada para interpretar a própria história de Jesus. Pagels nos conta que Satanás, na origem, é um dos anjos de Deus, embora anjo decaído. Mais tarde, ele se revolta contra o seu Senhor. A partir de então, sua influência passa a ser caracterizada como o lugar do ‘outro’, do inimigo humano.

Dois aspectos tornam a formulação de Pagels particularmente compatível com nossa perspectiva - o primeiro, o fato de ela tomar a religião e suas implicações como construtos sociais; nesse sentido, ela cita William Green⁴: “Uma sociedade não descobre simplesmente seus outros, ela os fabrica, selecionando, isolando e enfatizando um aspecto da vida desses outros e fazendo com que ele simbolize a diferença entre ambos” (apud

⁴ GREEN, William S. “Otherness within: towards a theory of difference in rabbinic judaism” in: NEUSNER & FRERICHS (orgs.) *To see ourselves as others see us*, pp.46-49.

Pagels, *idem*:18). O segundo é o privilégio que dá ao inconsciente no tratamento das religiões, corroborado em sua referência a Sören Kierkgaard: “Um relacionamento inconsciente é mais poderoso do que um consciente” (*idem, ibidem*). Além disso, a consideração por parte da autora das conseqüências sociais do trabalho religioso frente ao infortúnio e à perda condiz com um interesse que temos em relação à Igreja Universal, dado que o público-alvo dessa Igreja são pessoas com problemas difíceis de solucionar, os quais buscam resolver na Universal a partir da promessa do milagre.

Para Pagels, a bíblia é “um tratado teológico que assume a forma de biografia histórica” (*idem*:19). Ela se filia ao grupo de estudiosos bíblicos para os quais os evangelhos estão longe de serem fontes históricas fidedignas. Um de seus argumentos é a distância entre as épocas em que foram escritos e o tempo em que viveu Jesus. O evangelho atribuído a Marcos é escrito por volta do ano 70 d.C.; os atribuídos a Mateus e Lucas cerca de vinte anos após o de Marcos, no qual se basearam; o de João aproximadamente entre 90 e 95 d.C.. Paulo é o único que escreve antes da guerra judaica contra Roma, ocorrida entre 66 e 70 d.C. Pagels narra como a guerra influencia os escritos dos quatro primeiros evangelistas, os quais amoldam as palavras que arrogam a Jesus aos períodos de conflito. Constituem um outro argumento de Pagels para o caráter teológico que atribui aos evangelhos as narrativas divergentes do mesmo fato pelos diferentes evangelistas. Ela destaca, ainda, a seleção de cinco autores para compor a bíblia, em detrimento de muitos outros, a julgar pela grande quantidade de escritos sobre a vida de Cristo, um exemplo dos quais são os manuscritos do Mar Morto, encontrados nos anos 40 deste século.

Sendo a guerra entre Deus e o diabo um constituinte central do eixo argumentativo dos pastores da Igreja Universal, procuraremos compreender de que modo a consideração do diabo como adversário divino funciona nos níveis discursivo e formulativo na articulação argumentativa dos pastores da Igreja.

Nos capítulos 4 e 5, analisaremos cada um dos programas. Nas seções 4.1 e 5.1, apresentaremos uma análise discursiva mais ampla; nas seções 4.2 e 5.2, abordaremos especificamente a mecanismo definitório na argumentação.

4 O SANTO CULTO EM SEU LAR SER CRISTÃO

4.1 O PROGRAMA

Como já expusemos anteriormente, o programa *O Santo Culto em seu Lar* exhibe parte de um culto ministrado na sede nacional da Igreja Universal do Reino de Deus, localizada no bairro do Brás, em São Paulo. O ministrante do culto é o bispo Paulo Roberto, que aqui discorre a respeito do tema 'ser cristão'. O programa inicia no momento em que ele fala a respeito de bênçãos:

4.1.1 AS BÊNÇÃOS

Se tomamos a perspectiva polifônica de Ducrot (1984)⁵, podemos dizer que no primeiro trecho exibido do culto, o bispo Paulo Roberto se põe como um locutor cujos enunciadores são os fiéis insatisfeitos com a Igreja, reproduzindo a sua angústia por não se sentirem abençoados. Para compreender os sentidos dessa formulação, é necessário recorrer às suas condições de produção, aqui entendidas como os sujeitos e a situação: os sujeitos, pastores de uma Igreja que, a partir de filiações discursivas que definiremos mais adiante, promete a consecução de 'bênçãos' a quem se junta a ela; a situação, vários fiéis que assistem a testemunhos de outros que se dizem abençoados e não entendem por que eles mesmos não alcançam as bênçãos (as quais designam desejos difíceis de realizar, obtidos na Igreja pelo 'milagre' divino). Põe-se a dúvida: será que a Igreja não fala a verdade? Será que ela está interessada no dinheiro dos fiéis, como afirma a mídia? A interdição à dúvida se dá durante todo o programa:

"Mas eu ainda não vejo uma mudança na minha vida, as coisas não mudaram na minha vida. No meu trabalho é a mesma coisa, na minha casa é a mesma coisa. Enfim, na verdade, eu, eu tenho visto testemunhos, eu creio de todo o meu coração. Mas por que que não acontece na minha vida? Por que que Deus tem abençoado a vida de tantas pessoas? Por que eu vejo tantos testemunhos maravilhosos e na minha vida as coisas não têm acontecido? *O que é que tá faltando, o que que tá havendo de errado?*"

⁵ Fazemos, em nossa perspectiva, um deslocamento a partir da formulação ducrotiana, pelo qual tomamos a posição enunciativa como construída historicamente.

Nesse trecho, percebe-se que a conversão à Igreja Universal do Reino de Deus deve representar uma mudança, uma transformação na vida dos novos fiéis. Essa mudança marca um conjunto de fatos e valores que distinguem dois momentos: antes da Universal e depois da Universal, momentos esses que, como veremos adiante, caracterizam, na orientação argumentativa predominante deste programa, os estágios antes e depois da obtenção das bênçãos pelos fiéis da Universal. O trecho a seguir inicia uma polifonia enunciativa, ou seja, da ordem da perspectiva da qual se fala: os pastores falam do ponto de vista da sua Igreja, mas afirmam estar falando do ponto de vista de Deus.

A voz de Deus, na Igreja Universal, se articula no imaginário bíblico que atribui à figura divina autoridade suprema. É a partir desse lugar que funciona *o argumento por autoridade*, que confere às palavras dos pastores o caráter de verdadeiras. Referimo-nos aqui ao tipo de argumentação por autoridade classificado por Ducrot (1984:158) como *arrazoado por autoridade* (raisonnement par autorite) - o mecanismo por meio do qual “pelo fato de alguém haver asseverado uma proposição, arrogamo-nos o direito de nós mesmos a asseverarmos, isto é, de a apresentarmos como o reflexo de um estado de coisas”. Em outras palavras, na Universal falar ‘o que Deus disse’ é falar a verdade. E mesmo cientes das várias religiões que falam a palavra de Deus de modos diferentes, os fiéis legitimam o *seu* credo. É a *sua* religião que fala a verdade divina.

Uma das orientações argumentativas do programa começa a se definir já nesse primeiro trecho, pela pergunta final: “o que é que está faltando, o que que tá havendo de errado?”, a qual traz como pressupostos parte de uma das conclusões para que orienta a argumentação do programa a respeito da não obtenção das ‘bênçãos’ por todos os fiéis - algo está faltando, algo está errado. O trecho abaixo explicita essa conclusão:

“E tem até gente que chega a pensar que Deus se esqueceu dela, tem pessoas que pensam que Deus não as ama, que Deus está desprezando-as quando na verdade Deus nunca falha, Deus nunca erra, Deus é perfeito, não é verdade? Sim ou não? Deus é perfeito e se alguma coisa está errada na sua vida, se alguma coisa não está indo bem na sua vida, esse erro é seu, esse problema é seu, tá dentro de você, está no seu coração, porque Deus *quer* abençoar. *Eu não tenho dívida* de que Deus *quer* abençoar. *Deus não é um Deus injusto. Você acha que Deus é um Deus injusto?* Não, Deus não é injusto, Deus não é um Deus que faz a secção de pessoas, pra Ele não existe aqueles filhos preferidos, aqueles filhos privilegiados. Não, nenhum de nós somos privilegiados, nenhum de nós somos mais amados por Deus do que outros. Não. Deus nos ama a todos igualmente, Deus *quer* o melhor pra todos da mesma maneira.”

No trecho acima, o verbo ‘querer’, em “porque Deus *quer* abençoar. Eu não tenho dúvida de que Deus *quer* abençoar”, “Deus *quer* o melhor pra todos da mesma maneira” confere vontade a Deus. Ele quer *abençoar*. Expressões como “eu não tenho dúvida” ou “eu tenho certeza”, contribuem para o efeito de literalidade. Elas reforçam o caráter ‘verdadeiro’ da enunciação dos pastores.

Faz parte da historicidade construída pelo discurso religioso que confere a Deus autoridade suprema o imaginário bíblico que autoriza enunciados como: “Deus é perfeito” ou “Ele não é injusto”, “Deus não é um Deus que faz a secção de pessoas”, “Deus nos ama a todos igualmente”, “Deus quer o melhor pra todos da mesma maneira”, enunciados esses filiados a um discurso político liberal, que preconiza oportunidades iguais para todos. Note-se que o artigo indefinido em “um Deus” na utilização de uma religião monoteísta como a Universal cria uma oposição (um Deus entre outros) não no plano sagrado, mas nas construções religiosas de outras Igrejas. Isso mostra que não funciona plenamente o silenciamento da existência de outros discursos religiosos, à medida que essa existência trabalha legitimando a verdade da Igreja Universal; por outro lado, a ontologização do divino, realizada por meio da atribuição de qualificadores e verbos que expressam a atitude e a vontade de Deus, silencia os gestos de interpretação da Universal; existe para os fiéis a verdade divina, que é a dessa Igreja, porque Deus fala por intermédio dela.

À perfeição do divino se opõe a impureza do mundano, que nos conduz ao ‘pecado original’ bíblico. Essa oposição trabalha no discurso dos pastores da Igreja Universal, constituindo-se como o próprio marco da transformação: estar em Deus é buscar a perfeição divina; essa busca é definida na pregação do cristão verdadeiro e da conversão. A vontade divina de abençoar somada à Sua perfeição e justiça funcionam como argumentos para a conclusão de que “se alguma coisa está errada na sua vida, se alguma coisa não está indo bem na sua vida, esse erro é seu, esse problema é seu, tá dentro de você, tá no seu coração”. Retorna aí a filiação a um discurso político liberal, que prevê oportunidades iguais para todos - se algo deu errado, não foi por outras condições que não o erro pessoal do fiel. Esse discurso concebe o homem como um *indivíduo* que deve lutar para vencer e silencia o homem enquanto *sujeito* histórico. O trabalho da

comunidade religiosa é possibilitar as condições psicológicas para a luta individual, pela doutrina segundo a qual Deus quer o homem abençoado e este deve lutar para fazer aquele feliz. Em todo o programa serão formulados argumentos que orientarão para a seguinte conclusão: a culpa é do fiel.

O bispo prossegue, explicando o ‘erro’ dos fiéis não abençoados:

“O fato é que uns se lançam mais, se entregam mais, confiam mais; outros se entregam menos, outros se dão menos, confiam menos e Deus abençoa na proporção que você dá pra Ele; Deus abençoa na proporção que você se entrega a Ele, na proporção que você se lança a Ele. Se você tem *o seu coração muito voltado para as coisas desse mundo, para os valores desse mundo, para os valores materiais, para o dinheiro, para o trabalho, para os negócios, enfim... pras coisas do mundo, para os prazeres da carne*, então, com isso, você até atrapalha a Deus de agir na sua vida.”

O Deus da Universal se revela, no trecho acima, um Deus de pesos e medidas - quem dá mais, recebe mais; quem dá menos, em uma escala proporcional, recebe menos. Como apontamos no histórico, os preceitos religiosos da Universal têm sido classificados como ‘teologia da prosperidade’. O milagre financeiro é a ‘bênção’ prometida que mais arrebatava fiéis para a Igreja. Dadas essas condições de produção, analisamos a enunciação do trecho acima como um paradoxo: à promessa da vitória financeira une-se a condição necessária do desprendimento de valores materiais. Como desprendermo-nos daquilo que desejamos se devemos ‘lutar’ (orando e perseverando) para obtê-lo? Estando o desprendimento manifesto no gesto de doação à Igreja e este fundamentado na política do ‘é dando que se recebe’, será que podemos considerá-los gestos espirituais? Doar e receber a doação, então, parecem caracterizar o comportamento que o bispo critica a seguir como sendo o de um ‘cristão carnal’.

A carnalidade do cristão funciona como argumento para a conclusão segundo a qual o fiel é culpado: se você é um cristão carnal, você não pode ser abençoado por Deus; se você não pode ser abençoado por Deus, a culpa é sua.

A impossibilidade divina de abençoar diante da carnalidade humana está expressa neste mesmo trecho: “então, com isso, você até atrapalha a Deus de agir na sua vida”.

4.1.2 O CRISTÃO CARNAL E O CRISTÃO VERDADEIRO

“De repente, você é um *cristão carnal*. Você frequenta a igreja, você vem à igreja. Todos os domingos você está aqui, você lê a bíblia, você ora, você louva a Deus, você até dá o seu dízimo, dá as suas ofertas na igreja mas, de repente, a sua vida lá fora não condiz com a palavra Deus, a sua vida lá fora é diferente da sua vida aqui dentro. Aqui dentro você tem aparência de santo, você tem aparência de piedade; aqui dentro você parece ser uma pessoa muito espiritual; você ora, você busca, você chora, mas lá fora você anda envolvido com as coisas do mundo, você não se libertou ainda com as coisas desse mundo, você ainda vive na *idolatria*, você ainda tem um ídolo na sua casa, um ídolo de pau, de pedra, de barro, um santinho na sua casa, enfim... você tem alguma coisa que tem desviado a sua fé. De repente, o seu ídolo não é de pau, não é de pedra, mas o seu ídolo é de carne, talvez o seu ídolo seja o seu marido, talvez o seu ídolo seja a sua mulher, talvez o seu ídolo seja o amigo, não sei, talvez o seu ídolo seja o seu pai, a sua mãe, o seu filho, o seu neto; alguém que você está colocando totalmente o seu coração e *essa pessoa acaba até ocupando o lugar que pertence ao Senhor Jesus e, com isso, você impede Deus de agir na sua vida*. Você vem na igreja, você lê a bíblia, você ora, mas porque existe alguma coisa ou alguém ocupando o primeiro lugar no seu coração, então, *Deus fica impedido de agir, Deus fica impedido de abençoar*”.

Em ‘cristão carnal’, funciona a dicotomia ‘antes da Universal/depois da Universal’. Ser cristão implica um comportamento que cabe a qualquer religião inserida no cristianismo; ser cristão fiel à Igreja Universal exige um comportamento não carnal. A carnalidade, novamente, é afirmada como um impedimento às bênçãos: “então, *Deus fica impedido de agir, Deus fica impedido de abençoar*”. ‘Carnal’ é sinônimo de ‘mundano’: os valores materiais, o dinheiro, o trabalho, os negócios, os prazeres da carne e, finalmente, a idolatria, porque o ídolo “acaba até ocupando o lugar que pertence ao Senhor Jesus”, ou seja, o lugar de ídolo; portanto, Jesus deve ser o ídolo do fiel, o seu único deus, como fica claro na continuação:

“Deus não aceita 50% do nosso coração, Deus não aceita 90%, Deus não aceita 99%, Deus quer 100%, 100%. Com Deus é assim: é tudo ou nada. Amém, gente? Com Deus não existe meio termo, com Deus não existe mais ou menos, com Deus ou é tudo o ou é nada, ou você é totalmente de Deus, ou você se dá totalmente pra Deus, ou então você vai continuar vivendo uma vida amarrada, você vai continuar vivendo uma vida de sofrimentos, de derrotas, de angústias, de aflições, de dores, tá compreendendo o que eu tô dizendo? Sim ou não? Tem que ser tudo, gente, tudo, é preciso. E quando, e quando nós falamos que o coração, que a vida têm que ser totalmente de Deus, isso não é só na teoria, não; tem que ser na prática. Isso não é só, é... enfim, *você pensar dessa maneira, é você agir dessa maneira, é você submeter totalmente a sua vida ao Senhor Jesus, é você viver uma vida em total obediência à palavra de Deus. Amém, gente? Viver uma vida em total obediência a Deus é você estar despojado de tudo o que existe nesse mundo, despojado de tudo*”.

O 'tudo ou nada' vem como uma ameaça marcada linguisticamente pela alternativa *ou, ou*, que se insere no quadro das dicotomias traçadas pela Igreja: "*ou* você é totalmente de Deus, *ou* você se dá totalmente pra Deus, *ou então* você vai continuar vivendo uma vida amarrada, você vai continuar vivendo uma vida de sofrimentos, de derrotas, de angústias, de aflições, de dores". A alternativa final (em itálico) parafraseia o estado 'antes da Universal'.

Na última parte do trecho acima (em itálico) é definida a relação entre o fiel e Deus: obediência: "Você submeter totalmente a sua vida ao Senhor Jesus é você viver uma vida em total obediência à palavra de Deus". É feita uma dicotomia entre teoria e prática; a primeira relacionada ao pensamento e a segunda à ação, as duas instâncias que definem a obediência 'total'.

A paráfrase da bíblia - a palavra de Deus - a coloca no 'verdadeiro', apagando as diferentes interpretações que são dadas a ela e ao divino.

Abaixo, o bispo menciona alguns sentimentos que caracterizam o cristão carnal:

"Por exemplo, tem muita gente que diz ser cristã, pessoas que se intitulam cristãs, mas no seu coração, a pessoa tá abrigando *mágoas*, tá abrigando *ressentimentos*. No seu coração, a pessoa tá cheia de *orgulho*, de *vaidade*, e isso é uma coisa que bloqueia Deus, que impede a Deus de agir. São coisas que impedem o Espírito Santo de operar na nossa vida. Deus quer abençoar, mas você tá *cheio de si*, tá *cheio do seu eu*, do *seu ego*, quando é preciso nós estarmos vazios de nós mesmos, para que nós possamos estar cheios de Deus, amém, gente? Para que o Espírito Santo possa encontrar espaço pra agir na nossa vida. É preciso você se humilhar diante de Deus, é preciso você reconhecer os seus pecados, reconhecer os seus erros, reconhecer aonde você está falhando. Às vezes, o nosso orgulho nos impede de reconhecer os nossos erros, sabia disso? Às vezes, a pessoa, ela é tão orgulhosa, que ela não aceita que alguém diga que ela está errada, ela se revolta, ela se aborrece, ela se rebela quando alguém diz que ela tá errada. Então, é preciso a gente ter um coração humilde diante de Deus e reconhecermos os nossos pecados, confessarmos os nossos pecados e abandoná-los, amém? Quer dizer, na verdade, é preciso primeiro que haja um arrependimento. O arrependimento o que que é? Arrependimento é você reconhecer o seu erro, reconhecer o seu pecado, é você confessar o seu pecado e você abandonar o seu pecado. Amém, gente?

O cristão carnal é levado por mágoas, ressentimentos, orgulho, vaidade e está cheio de si (do seu eu/ego). Para que alcance a conversão, é preciso que ele reconheça a sua culpa - humilhe-se, confessando seus pecados e os abandonando, ou seja, é preciso que ele se *arrependa*.

A necessidade de libertação dos valores mundanos é reforçada: “é preciso nós estarmos vazios, para que nós possamos estar cheios de Deus, amém, gente?” Mais uma vez, são enfatizadas a culpa do homem pelo seu infortúnio e a sua necessária submissão diante de Deus para que obtenha a vitória. Humilhar-se é não ter orgulho, é ser capaz de reconhecer seus próprios erros: “Às vezes, a pessoa, ela é tão orgulhosa, que ela não aceita que alguém diga que ela está errada, ela se revolta, ela se aborrece, ela se rebela quando alguém diz que ela tá errada”. O orgulho é a causa da dúvida; aquele que não admite que está errado (e que a Igreja está certa) está tomado pelo orgulho. Assim, a dúvida e o questionamento, como más qualidades, são banidos desse mundo de fé.

A primeira citação bíblica vem a seguir:

“Lá no Segundo Livro de Crônicas, no capítulo 7, versículo 14, o Senhor diz assim: “se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, orar e me buscar e se converter dos seus maus caminhos, então Eu ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e *sararei a sua terra*”. Amém, gente? Segundo Crônicas 7, 14, tá aqui, isso mesmo. “Se o meu povo, que se chama pelo meu nome”. Preste atenção, você se chama pelo nome do Senhor, não se chama? Sim ou não? Nós somos o quê? Cristãos. É ou não é? Sim ou não? Nós somos o povo de Deus e diz: “se esse povo que se chama pelo meu nome se humilhar, orar e me buscar e se converter dos seus maus caminhos”, então, veja você uma coisa - não basta só você freqüentar a igreja, não basta só você se humilhar, não basta só você orar, não basta só você buscar a Deus. É preciso, também, você se converter dos seus maus caminhos; é preciso, também, você abandonar os seus pecados, abandonar os seus erros, *você procurar limpar a sua vida com Deus, consertar a sua vida com Deus, para que o Espírito Santo possa operar, para que o Espírito Santo possa agir, amém?* Tá entendendo o que eu tô dizendo? *Enquanto houver dentro de você o orgulho, enquanto houver dentro de você os pensamentos de adultério, enquanto houver em você a mentira, o engano, a idolatria, enquanto houver no seu coração uma mágoa, um ressentimento contra alguém, enquanto você tiver o seu coração fechado contra alguém, então o Espírito Santo não vai poder fluir na sua vida, Deus não vai poder agir na sua vida.* Às vezes, a coisa parece ser muito pequenininha, às vezes, pode ser alguma coisa insignificante, aparentemente falando, aos olhos humanos, mas isso tem sido um grande obstáculo, uma grande barreira pra Deus agir na sua vida.

A citação “*sararei a sua terra*” mostra que o próprio texto bíblico introduz o encadeamento semântico que se dá a partir da palavra ‘doença’, recorrente na enunciação dos pastores da Igreja Universal, para se referir ao pecado, ao mundano. Aliado ao encadeamento semântico da doença, está o da sujeira, que também aparece nesse trecho, em: “você procurar limpar a sua vida com Deus”. O enunciado “Então o Espírito Santo não vai poder *fluir* na sua vida” serve como gancho à continuidade do encadeamento que se estabelece a partir de ‘sujeira’:

“Nós somos como uma, uma tubulação, uma tubulação que passa a água que vem da caixa d’água, se essa tubulação estiver suja, se houver lixo nessa tubulação, a água vai ficar impedida de passar, não é verdade? É ou não é? Sim ou não? Se a tubulação tiver entupida, cheia de lixo, então a água não vai fluir e é isso que tem acontecido - Deus, Ele, Ele não tem uma caixa d’água, não; Deus, Ele tem um rio, *rios de água viva*, amém, gente? que Ele quer fazer fluir do nosso interior, Ele quer fazer fluir de dentro de cada um de nós, mas enquanto a tubulação tiver cheia de lixo - e os lixos são os nossos pecados - os lixos são os nossos erros, então a água vai ficar impedida de passar e Deus tendo um rio de água viva pra nos dar, a gente vai ficar morrendo de sede, a gente vai morrer de sede. *É por isso que tem muitos cristãos que têm levado uma vida semelhante à vida de um incrédulo, tem muitos cristãos que não têm vida, não têm paz, não têm alegria; tem muitos cristãos que são tristes, tem muitos cristãos que são vazios, tem muitos cristãos que são fracassados, são derrotados; tem muitos cristãos que têm aparência de que estão vivos, mas estão mortos.*

Nesse caso, o procedimento metafórico explícito parece cumprir um papel didático: à medida que propõe a metáfora, o bispo a ‘traduz’ para o seu universo religioso, não deixando dúvida em relação aos termos que ela substitui. ‘Nós’ refere-se aos cristãos - a tubulação pela qual quer passar Deus - a caixa d’água transformada em rios de água viva pela sua magnitude. Se os cristãos tiverem pecados - lixo - a água de Deus não flui e eles ficam sedentos. Do encadeamento intradiscursivo do programa, podemos depreender que os pecados são constituídos por valores mundanos e caracterizam o cristão carnal, aquele cujo procedimento para que ocorra a transformação deve ser ‘estar *vazio* (de lixo/pecado) para estar *cheio* (de água viva/Deus)’. Note-se que na parte final (em itálico) há uma inversão no sentido do qualificador ‘vazio’, usado, então, de maneira negativa - estar vazio de Deus e cheio de pecados, como um incrédulo.

A expressão ‘água viva’ se estrutura na oposição vida/morte, que constitui os estados que caracterizam o antes e o depois da Universal, o primeiro dos quais é também caracterizado nesse trecho por: tristeza; vazio; fracasso; derrota; aparência de que vive, estando morto. A argumentação opera como causa e efeito: porque o cristão peca ele vive nesse estado não abençoado de ‘morte em vida’, como o bispo definirá em seguida, com uma citação do Livro do Apocalipse:

“Tem nome de que vive, mas está morto. Amém, gente? Nome de que vive, mas está morto. É como diz lá na carta, não é, apocalíptica, vamos ver lá no Livro de Apocalipse, no capítulo três, fala com relação a isso, deixa eu ver aqui... Apocalipse, capítulo três: é a mensagem à igreja de Sardes; diz assim: “Ao anjo da igreja de Sardes escreve: “estas coisas diz aqui Ele que tem os sete espíritos de Deus e as sete estrelas: “Conheço as tuas obras que tens nome de que vives e estás morto, tens nome de que vives e estás morto. Sê vigilante e consolida o resto que estava pra morrer, porque não tenho achado integras as

tuas obras na presença do meu Deus. Lembra-te, pois, de como tens recebido e ouvido - guarda-o e arrepende-te, porquanto se não vigiares, *virei como ladrão e não conhecerás de modo algum em que hora virei contra ti*. Tens, contudo, em Sardes, umas poucas pessoas que não *contaminaram* as suas vestiduras e andarão de branco junto comigo, pois são dignas; *o vencedor será assim vestido de vestiduras brancas e de modo nenhum apagarei o seu nome do Livro da Vida; pelo contrário, confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos*". Amém, gente?"

Nesse trecho, vale destacar dois mecanismos por meio dos quais se realiza a coerção: o primeiro é a interpretação de "tens nome de que vives e estás morto", que na enunciação da Igreja Universal é paráfrase de 'cristão carnal'. A partir desse deslocamento, definem-se os estados de vida e morte. A morte é o que acontece antes da bênção alcançada nessa Igreja - nesse caso, não só dos que não a freqüentam, mas também dos que lá estão mas se comportam como incrédulos, ou seja, não crêem o suficiente, agindo como e, portanto, sofrendo o ônus do cristão carnal: a morte em vida. O outro ponto é novamente a ameaça de Deus na citação bíblica - segundo os trechos em itálico acima, Deus afirma que 'virá como um ladrão' contra aquele que tem nome de que vive e está morto tirar o seu nome do Livro da Vida (o contrário do que será feito com os que 'não *contaminaram* suas vestiduras'. A 'vida' a que se refere o trecho bíblico é interpretada na Universal, até então, como vida terrena - a morte em vida do cristão carnal acontece neste plano e toma forma em existências não abençoadas.

Note-se aqui o encadeamento semântico a partir de sujeira e de doença recorrendo na bíblia. Uma das possibilidades de caracterização dos 'contaminados' é o comportamento explicitamente carnal fora da Igreja e dissimuladamente carnal dentro da Igreja.

"Ora, veja você, veja você, infelizmente, não são muitas as pessoas que não se contaminaram, que não estão contaminadas com esse mundo; não são muitas, são poucas. Às vezes, a gente vê a igreja cheia e a gente até se ilude, se engana; a gente vê a igreja cheia, mas a igreja cheia não quer dizer nada, não, porque são poucas as pessoas que não estão se contaminando com a sujeira desse mundo, são poucas as pessoas que não estão se contaminando com o lixo desse mundo, *são poucas as pessoas que fora da igreja são a mesma coisa que são dentro da igreja, que têm uma personalidade só, que têm um caráter cristão, que têm um caráter de Deus, que têm a sua fé firme, a sua fé alicerçada na palavra de Deus, que não dança conforme a música, que não permite que os pensamentos do mundo venham ocupar a sua mente, o seu coração.*"

Os 'cristãos carnis' são as pessoas que vão à igreja, mas estão 'se contaminando com o lixo/a sujeira desse mundo'. A 'desse mundo', opõe-se 'de um outro mundo',

oposição essa que trabalha na dicotomia mundano/sagrado. A imagem da sujeira retorna, novamente aliada à da doença, com a palavra “contaminação”. Aquele que peca está doente. Mais adiante, veremos a ligação da doença com o diabo, ente que permite articular, em sua oposição a Deus, o maniqueísmo que sustenta dicotomias como sagrado/mundano.

É interessante observar, ainda nesse trecho, o uso da palavra ‘cristão’. Até então, punha-se a distinção ‘cristão carnal’ - fiel a outras Igrejas ou ainda não abençoado na Universal/‘cristão não carnal’ - fiel abençoado da Igreja Universal. Agora, ‘cristão’ engloba um qualificador discursivo, ao assumir o sentido de ‘cristão verdadeiro’, ou seja, não carnal, por isso abençoado e, certamente, na Universal. Percebemos, então, que, conforme vem sendo definido durante o programa, os estados antes/depois da Universal definem-se, como afirmamos no início desta análise, como antes/depois das bênçãos obtidas na Igreja; o cristão verdadeiro é caracterizado como abençoado.

As paráfrases de ‘cristão’ aqui utilizadas (em itálico) merecem nossa atenção. A exigência feita ao cristão é de que ele seja uno - tenha uma personalidade só, não dance conforme a música, tenha a sua fé alicerçada na palavra de Deus. É interessante notar que o mesmo silenciamento que se dá no gesto de interpretação da bíblia e do divino pela Igreja se impõe também sobre o comportamento do sujeito: a Universal interpela o cristão verdadeiro como uma unidade impedindo, com isso, a dispersão, a multiplicidade de opiniões. O próximo trecho nos oferece exemplos do comportamento mundano e nos revela uma coerção lingüística:

4.1.3 SILÊNCIO LOCAL: O PALAVRÃO

“Tem muitos cristãos que são liberais, são cristãos liberais demais, acham que tudo é normal, acham que as coisas são normais, que não tem problema, tudo é normal, tudo é natural, e a pessoa na igreja, ela louva a Deus, ela adora Deus, ela glorifica, ela fala as coisas de Deus, mas na sua casa, o seu linguajar é outro, na sua casa ela é agressiva, na sua casa ela fala palavrões; a mesma boca que louva Jesus na igreja, em casa ou no trabalho fala palavrões, fala *palavras obscenas*. Na igreja, a pessoa tá cheia de amor, cheia de amor, na rua ela, ela parece uma, na igreja, melhor dizendo, ela parece uma santa, parece uma santa, *mas em casa, ela se contamina com a televisão, com filmes pornográficos, ela se contamina com essas novelas sujas, imundas, podres, nojentas que passam na televisão*. Ela fica lá, ela perde o seu tempo diante da televisão, fica lá sentada quase uma hora assistindo uma novela e às vezes vê uma atrás da outra. *Novelas que não têm nada de Deus pra nos proporcionar, não têm nada de Deus pra nos dar.*”

Têm alguma coisa de Deus? Você aprende alguma coisa boa? Você só aprende a enganar, a falar mentira, a falar besteira, a ser sem vergonha...uma, uma verdadeira imoralidade, é, é uma praga, é uma maldição pra nossa sociedade.”

Toda a pregação do bispo Paulo Roberto constrói uma pregação da carnalidade cristã. Vão-se delineando comportamentos e sentimentos que caracterizam a mundanidade, a qual serve como argumento para a não obtenção das bênçãos pelos fiéis. Vejamos como opera, nesse sentido, a interdição à enunciação de ‘palavrões’, caracterizada como um comportamento lingüístico carnal.

Os ‘palavrões’ são parafraseados pela expressão ‘palavras obscenas’. Opera-se, em sua interdição, um gesto de censura, um silenciamento local, como formula Orlandi (1992). A discursividade determina o modo como tal proibição é trabalhada pelos fiéis - uma vez que não há uma lista de palavras proibidas, o controle acaba se exercendo a partir do imaginário que se constrói no próprio discurso da Igreja do que seja um ‘palavrão’ ou uma ‘palavra obscena’. Pêcheux (1975:159), referindo-se ao uso do futuro do subjuntivo na legislação judiciária, afirma que “a lei sempre encontra uma singularidade à qual aplicar sua universalidade”. O caráter incerto dos termos ‘palavrão’ e ‘palavra obscena’ parece funcionar da mesma forma - as filiações interdiscursivas da Universal, que definem seus preceitos morais, definirão também as singularidades às quais aplicar esses termos. Se na legislação judiciária, reconhecidamente criada pela sociedade, as leis são, muitas vezes, tomadas como ‘naturais’ e, portanto, como possibilidades únicas e certas para a resolução de impasses na justiça, consideremos o quanto as leis religiosas, que já são tomadas pelos adeptos de uma religião como originárias de uma instância onisciente superior (e, portanto, inquestionável), atuam coercitivamente sobre eles no direcionamento da interpretação de fatos e valores, como os expressos pelo vocábulo ‘palavrão’. Um exemplo, neste mesmo trecho, são os sentidos que assume a palavra ‘sexo’. Nesse programa, ela significa imoralidade, como indicam o qualificador em *palavras obscenas* e a menção aos filmes *pornográficos*.

A imagem da sujeira é utilizada em relação às novelas, que são caracterizadas como “sujas, imundas, podres, nojentas”. Na dupla interpretação de ‘praga’, outro qualificador das novelas, a doença se vincula às forças do mal (aqui demoníacas). No próximo trecho, o bispo fala da emissora de TV da Igreja, a Record:

4.1.4 A REDE RECORD

“...mas os interesses, né, os interesses comerciais são maiores; dá ibope, dá dinheiro, né, e é nisso que eles estão interessados (...)” mas aquele que é de Deus tem que saber separar as coisas, tem que saber separar as coisas. Tem muitas coisas, muitas coisas que passam na televisão e a maioria delas não prestam pra gente, não servem pra gente, eu já falei várias vezes sobre isso aqui e repito. Tem coisas que passam até na Rede Record que não servem pra gente. *A Record não é uma Igreja, a Record é uma televisão comercial, é uma emissora comercial e não pode só passar programas da Igreja, tem que passar outras programações também e tem muita coisa que passa na Record que não presta, que não serve, mas você que é de Deus, você que tem discernimento das coisas, você tem que saber separar o que serve e o que não serve pra você, o que é bom e o que é ruim pra você. Amém, gente? É você que tem que fazer essa separação e o Senhor faz aqui uma severa advertência. Ele diz: “conheço as tuas obras, que tens o nome de que vives e estás morto”.*

Na última parte do trecho (último itálico), retorna a ameaça ou, nas palavras do bispo, a “severa advertência divina”. É interessante observar o que parece ser um ato falho do bispo: após criticar os canais de TV pelos seus interesses comerciais, ele afirma que a Record também está entre eles, que a “Record não é uma Igreja, a Record é uma televisão comercial, é uma emissora comercial”. Então, a própria Universal, mais uma vez, apresenta o duplo comportamento do ‘cristão carnal’⁶: dentro dos templos, prega o sagrado; fora deles, mantém uma emissora que apresenta programas impróprios para quem é de Deus, por um interesse mundano: o lucro. Mais uma vez, a responsabilidade pelo comportamento de cristão verdadeiro é imputada ao fiel: ele deve saber o que serve e o que não serve na programação da TV. Outras características do cristão carnal são dadas abaixo:

4.1.5 A FAMÍLIA

*“Quanta gente aqui tem nome de que vive e está morta, quanta gente, nome de que vive. Pro mundo, você é uma pessoa de Deus, pro mundo você é uma pessoa espiritual, pra muita gente que olha pra você, a pessoa vê em você um *vitorioso*, mas você é um *derrotado*, é um *fracassado*, a sua vida tá fracassada, a sua vida tá *destruída*, a sua vida não vai pra frente, a sua família tá destruída, tem aparência só, só aparência que tá vivo, mais nada. Na igreja, você tá bem, você tá sorrindo, você tá alegre, tá bem com todo mundo, mas em casa, você tá com a sua cara amarrada; em casa, você tá fechado, carrancudo, mal humorado. É ou não é? Sim ou não? É verdade ou não é?”*

⁶ Já havíamos observado esse duplo comportamento da Igreja com relação ao despreendimento dos valores materiais e a luta para obtê-los.

No trecho acima, mais paráfrases dos dois estados que caracterizam a divisão 'antes da Universal/depois da Universal': o cristão verdadeiro é um vitorioso; o cristão carnal é derrotado, fracassado, destruído. Finge que está bem na rua, mas em casa...

"Em casa, não existe *respeito*, não existe *amor*, não existe *tolerância*, muitas vezes o casal até vem junto na igreja, mas em casa estão separados, em casa cada um prum lado. Sim ou não? Sim ou não? É apenas aparência, apenas aparência; na igreja vêm juntos, mas em casa é cada um dormindo num quarto, é um vendo televisão no quarto e outro na sala, quase não se encontram, quase não se falam, quase não têm *diálogo*, não, nunca estão, nunca estão juntos. Quando se aproximam, muitas vezes dá choque, não é verdade? É ou não é? Quando chega perto, dá choque, não é verdade? É ou não é? Dorme um de costas para o outro, um virado pra lá, outro virado pra cá. É ou não é? Sim ou não? Um de costas para o outro, quer dizer, não existe *comunhão*, não existe comunhão nenhuma, não existe amor nenhum, não existe nada. É uma vida *vazia*, completamente *vazia*.

Novamente, o qualificador 'vazio' assume um sentido negativo, em 'vida vazia': vazia de Deus. Outras palavras que se filiam à promessa de vitória são: respeito, amor, tolerância, diálogo e comunhão em família. Aqui cabe retomar Pêcheux (1975:160), quando trata do efeito ideológico da evidência do sentido - vivemos sob evidências ideologicamente constituídas que fazem com que todos saibamos, segundo esse autor, o que é "um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc." Da mesma forma atuam esses sentidos da promessa de vitória; o trabalho da ideologia sobre o imaginário constitui a evidência dos sentidos.

4.1.6 A CONVERSÃO: DA MORTE PARA A VIDA

No trecho abaixo, o caminho para a vitória, para a passagem do antes ao depois da Universal: a conversão. E converter-se é parafraseado por 'morrer para si mesmo' e 'fazer a vontade de Deus'. É sair do mundano e se entregar completamente ao sagrado. A morte, que até então assumia o sentido de 'morte em vida', morte para Deus, é aqui utilizada coercitivamente como uma necessidade religiosa - devemos morrer para nós mesmos para fazer a vontade de Deus.

Mais uma vez, constrói-se a ilusão da univocidade da bíblia - *a palavra de Deus*, na qual está expressa *a Sua vontade*. Apaga-se duplamente o fato de essa 'vontade' ser

definida pela Igreja: primeiro, atribuindo-a a Deus; segundo, tomando-a como declarada por Ele na bíblia.

“E por que isso? O que que tá faltando? O que que tá faltando para que essa situação venha mudar? O que está faltando pra que as coisas possam mudar? Falta conversão, falta conversão sincera, conversão de coração, falta você *morrer pra si mesmo*, falta você negar a sua própria vida e em vez de você querer fazer só a sua vontade, querer satisfazer só os seus desejos, os seus interesses, você *procurar fazer a vontade de Deus*, você *procurar fazer a vontade do Espírito Santo*. Amém, gente? Amém? O que tá faltando é uma conversão, porque quando a pessoa tá bem com Deus, quando a pessoa tá ligada com Deus, quando a pessoa tá no espírito, então, gente, as coisas têm que correr bem”.

No próximo trecho, o bispo dá mais exemplos do comportamento dos cristãos carnis que explicam por que esses fiéis não recebem as bênçãos que a Igreja promete. Aqui, uma condição para a conversão é ‘rasgar o coração diante de Deus’. A relação com o fogo - calor e luz - significa nos qualificadores do cristão carnal ‘gelado’ e ‘apagado’, por oposição. O fogo remete à simbologia bíblica das chamas de Pentecostes, que representam os dons de Deus.

“A razão por que nós vemos muita gente que está dentro da igreja e, às vezes, a pessoa tem perdas, às vezes a pessoa tem *derrotas*, às vezes a pessoa, ela passa por *problemas sérios*, às vezes ela *perde os negócios, perde tudo*, é porque, de repente, ela tá dentro da igreja, mas *o coração tá longe de Deus*, o coração tá longe de Deus. O seu coração tá distante do Senhor, tá compreendendo? Sim ou não? Não se iluda pelo fato de você freqüentar a igreja, pelo fato de você ler a bíblia, talvez você não tenha se convertido a Jesus, *talvez você tenha apenas trocado de religião*, você trocou de Igreja - antes, você ia na Igreja Católica, hoje você vem na Igreja Universal; antes, você ia lá no centro de bruxaria, hoje você vem na Igreja Universal. Você trocou de religião; antes, você invocava os guias, os santos; hoje, você invoca só o nome de Jesus, *mas você não tem sido um servo, uma serva do Senhor Jesus, você não tem servido a Jesus com a sua vida, você não tem submetido a sua vida a Deus e por isso você tá apagado, por isso você tá apagado, você tá gelado, você tá gelado espiritualmente e é preciso que você rasgue o seu coração diante de Deus, é preciso que você tome uma atitude, porque do jeito que as coisas estão indo, então, o resto que falta pra morrer vai acabar morrendo*”.

Há, no trecho acima, predicados do estágio ‘antes da Universal’, que se configura, como já observamos, como ‘antes das bênçãos alcançadas na Universal: derrotas, problemas sérios, perda dos negócios, perda de tudo o que se tem. Vejamos mais uma vez a coerção da Igreja sobre o fiel: para explicar as ‘derrotas’ vividas pelo fiel, que sugerem a falsidade da promessa de obtenção das bênçãos, o bispo afirma que não é suficiente ler a bíblia e freqüentar a igreja; o que falta, então, para que o fiel seja “um servo, uma serva do Senhor Jesus”, submeta a sua vida a Ele e ‘derreta’ o seu gelo espiritual? Essa resposta vai

se definindo ao longo do programa nas paráfrases e predicados do cristão verdadeiro e da conversão.

A situação do fiel não convertido, como define a última parte (em itálico) é a quase morte em vida. Esse encadeamento semântico continua:

“Você talvez esteja aqui porque, de repente, existe ainda alguma coisinha que tá viva dentro de você, tem alguma coisinha viva dentro de você, mas se você não tomar uma atitude urgente, então, o que resta pra morrer vai acabar morrendo. Você sabe por que que tem gente que se afasta da Igreja? Você sabe por que que tem gente que se desvia? Você vê o caso do rapaz que falou assim, ó: “eu vim pra Igreja, eu me casei e tal, depois eu me afastei, eu desvici. Por quê? O que que leva? *A pessoa tá uma morta-viva na igreja, a pessoa tá na igreja mas tem nome de que vive, mas tá morta, mas existe sempre alguma coisinha viva lá dentro do coração dela que faz ela vir na igreja, mas se ela não toma uma decisão, se ela não toma uma atitude, se ela não conserta a sua vida com Deus, aquela coisinha que tá viva, que faz ela vir, ela acaba morrendo e depois ela desiste de tudo, ela desiste de tudo, ela larga tudo, ela, ela pára com tudo, tá compreendendo, gente? Sim ou não?*”

O erro e a culpa do fiel que não está em Cristo constituem um *desvio* do caminho certo, este fiel precisa de *conserto*. A conversão depende, então, da ‘atitude’ do fiel. Cabe a *ele* ‘tomar uma decisão’, como o bispo afirma no trecho abaixo.

4.1.7 A AMEAÇA E A MISERICÓRDIA DIVINAS

“Então, se você não tomar uma decisão, então a coisa vai ficar muito ruim, Deus não tem achado íntegras as obras de muita gente diante da sua presença, Deus não tem achado íntegras as obras de muitos cristãos e Ele diz assim: “Lembra-te, pois, de como tens recebido e ouvido e guarda-o e arrepende-te”, quer dizer: você precisa lembrar do que você tem recebido de Deus, você precisa atentar para o que Deus tem feito na sua vida porque, ainda que você não, não esteja tendo uma vida de muitas vitórias, mas Deus tem abençoado a sua vida”. *“Lembra-te do que você tem recebido, do que você tem ouvido de Deus. Procure guardar a palavra que você tem recebido aqui na igreja no seu coração; procure não deixar que essa palavra entre por um ouvido e saia pelo outro; tem muita gente que quando sai por aquela porta se esquece do que ouviu aqui dentro e o Senhor diz: “Arrepende-te”. Arrepende-se o que que é? É você reconhecer o seu pecado, reconhecer que tá errado, que tem que mudar, que precisa mudar, é você confessar os seus pecados diante de Deus e abandoná-los, deixá-los, porquanto se não vigiáres, quer dizer, se você não vigiar, se você não tomar uma atitude, “virei como ladrão e não conhecerás de modo algum em que hora virei contra ti”. Deus vai vir contra ti, de repente, numa hora em que você não espera; de repente, Ele vai desistir de esperar, Ele vai se cansar de esperar”.*

Mais uma ameaça é feita - “se você não tomar uma decisão, então a coisa vai ficar muito ruim” - corroborada na citação bíblica da igreja de Sardes.

Note-se o efeito de transparência da linguagem, em: “Lembra-te do que você tem recebido, do que você tem ouvido *de Deus*. Procure guardar a palavra que você tem recebido aqui na igreja no seu coração”. Essa enunciação apaga a intermediação feita pelos pastores e torna visível o argumento por autoridade. A igreja é o lugar onde se ouve a Deus. É o lugar primeiro de contato com o divino.

As palavras do bispo significam na contradição: até então o que caracterizava a vitória eram as bênçãos, as pessoas que se doavam a Jesus eram abençoadas; agora, ainda que o fiel insatisfeito não “esteja tendo uma vida de muitas vitórias, mas Deus tem abençoado a sua vida”.

A coerção opera não só pela ameaça do divino, mas pelo seu caráter misericordioso, manifesto no trecho abaixo na oportunidade de recuperação que dá aos pecadores. Deus é qualificado como ‘maravilhoso’, palavra que faz significar aqui milagre e fascinação.

A seriedade divina, que funciona em oposição ao ‘desvio’ mundano é afirmada:

“Deus, na verdade, tem dado tempo pra muita gente; Deus tem dado tempo pra gente. Amém, gente? Deus é muito misericordioso, Deus é muito maravilhoso, gente. Ele tem dado tempo pra gente, tempo pra que você se arrependa, tempo pra que você possa levar a sério as coisas de Deus, porque tem muita gente aqui que não leva a sério as coisas de Deus”.

Os cristãos que ainda não receberam as bênçãos (os carnavais) são aqueles que só vão à igreja para recebê-las. É preciso ‘dar para receber’; é preciso ‘plantar para colher’. Essas paráfrases reforçam a responsabilidade do cristão, que culmina com a última frase do trecho abaixo: “Deus não vai poder fazer nada por você, enquanto você mesmo não fizer alguma coisa por si, tá compreendendo, gente?”

“Tem muita gente aqui que, sinceramente, eu nem sei o que é que vem fazer na igreja, porque a pessoa não leva a sério as coisas; tem gente que o pastor tá falando e a pessoa, às vezes, anda prum lado, anda pro outro, a pessoa vai no banheiro, a pessoa, quer dizer, vai lá, volta, quer dizer, não tá, a pessoa às vezes tá interessada só na oração, tá interessada só em receber as bênçãos de Deus e nada mais. *Ela só quer receber, mas ela não se dá conta de que pra ela receber ela tem que dar, você tem que dar de si pra Deus, pra que você possa receber de Deus, você não vai receber nada se você não der. Você não vai poder colher nada, se você não plantar primeiro, amém, gente? Deus não vai poder fazer nada por você, enquanto você mesmo não fizer alguma coisa por si, tá compreendendo, gente?*”

O enunciador divino é explicitado no trecho abaixo, com “eu falo isso pelo Espírito Santo”. E mais adiante: nós estamos aqui pra falar o que o Espírito Santo coloca no nosso coração, o que Deus tem colocado no nosso coração”.

A seriedade da obra de Deus é reafirmada:

“Eu falo isso, eu falo isso pelo Espírito Santo, eu falo isso com muito temor no meu coração, eu falo isso, sabe, com tristeza, eu até gostaria de falar outra coisa, eu até gostaria de falar, de dar uma mensagem mais bonita, dar uma palavra, sabe, mais agradável pra todo mundo, mas nós não estamos aqui pra agradar ninguém, nós não estamos aqui pra agradar a a, b ou c; nós estamos aqui pra falar o que o Espírito Santo coloca no nosso coração, o que Deus tem colocado no nosso coração, porque a obra de Deus não é brincadeira, gente, a obra de Deus é uma coisa muito séria. E me preocupa aquelas pessoas que vêm na igreja só em busca das bênçãos materiais, me preocupa aquelas pessoas que vêm só em busca das bênçãos físicas, me preocupa. Aquelas pessoas que, que estão vindo na Igreja, mas ainda não tiveram o encontro com Jesus. Deus, puxa, eu fico, olha, às vezes, eu, eu não sei, eu não sei o que fazer, só o Espírito Santo, mesmo.”

4.1.8 DEUS E O DIABO

No trecho abaixo, o sentido de magnitude divina é mantido, como se verifica nas palavras ‘grandes’ e ‘gloriosas’. Os qualificadores divinos ‘todo poderoso’ e ‘dos impossíveis’ reforçam, no jogo argumentativo, a promessa do milagre. Já ‘Deus de Israel’, assim como a imagem da guerra, freqüente na enunciação da Igreja, remete às origens do cristianismo.

Entra em cena o diabo, representante das forças do mal e grande antagonista de Deus, invocado, ao que nos parece⁷, quando alguém se manifesta contrariamente à enunciação do bispo; nesse momento, o efeito de transparência é construído nas referências ao diabo e a Deus: a provável expressão de discordância com as palavras do bispo por alguém que assiste ao culto é apresentada como uma manifestação demoníaca: “não olha pro diabo, não”; a oposição entre Deus e o diabo é expressa - o fiel não deve olhar para o diabo, mas para o bispo, prestando atenção “nas coisas de Deus”:

“Puxa, Deus, Deus tem coisas tão grandes, gente, Deus tem coisas tão gloriosas pra fazer. O nosso Deus é o Deus todo poderoso, é o Deus de Israel, é o Deus dos

⁷ Nossa incerteza deve-se à edição feita nessa parte do programa - o bispo refere-se a uma ‘manifestação diabólica’ que, no entanto, não é mostrada na gravação. Configura-se aí mais uma forma de silêncio local - a atitude contrária à Igreja é apresentada apenas na interpretação do bispo.

impossíveis, amém? Ele tem coisas muito grandes pra fazer. Veja você que o diabo não gosta, né, e o diabo até manifesta, tá vendo? O diabo não gosta quando a gente fala isso. Já é o segundo que manifesta; ele fica furioso porque ele não quer que essa palavra penetre no seu coração. Mas não olha pro diabo, não, olha pra cá. O diabo não tem nada pra te dar, amém? Ele não tem nada pra te dar. Olha pra cá, preste atenção nas coisas de Deus”.

No trecho abaixo, a transformação é novamente prometida em “aquele que está em Cristo, nova criatura é”. A formulação ‘você precisa nascer de novo’ traz mais uma vez a imagem de morte e vida, estados que definem, aqui, respectivamente, os estágios antes e depois da Universal.

As mudanças psicológicas da transformação são no mau gênio, nas atitudes agressivas, nos maus hábitos, nas atitudes erradas, na grosseria, na mentira, no engano, no ódio, na mágoa, no rancor, na ira, na discórdia. Essas qualidades se definem em oposição às características do cristão verdadeiro: “a pessoa, quando está em Cristo, ela é tolerante com as coisas, é mais tolerante, ela tem paciência, ela tem domínio próprio, ela tem mansidão, ela tem amor.” Essas paráfrases do ‘cristão verdadeiro’ definem um quadro de submissão à Igreja enquanto lugar da verdade, em oposição ao ‘mau gênio’ que contraria a ‘palavra de Deus’.

“Deus tem coisas muito grandes, mas você precisa abrir o coração, precisa mudar de vida, mudar tudo, você precisa nascer de novo, porque aquele que está em Cristo, diz a bíblia, nova criatura é; quem está em Cristo é nova criatura. As coisas velhas se passaram e tudo se fez novo, amém? As coisas velhas, quais são as coisas velhas? As coisas velhas é o mau gênio, o mau gênio que você tem, cê não muda, você tem o mesmo gênio hoje que você tinha antes de você conhecer Jesus, o seu gênio é a mesma coisa, aquele gênio pesado, ruim, aquele mau gênio não mudou, você não perdeu aquele... as suas atitudes agressivas que você tinha, quer dizer, as coisas não mudaram na sua vida e se as coisas não mudaram, se você é a mesma pessoa que você era antes de conhecer Jesus, é porque realmente você não está em Cristo, porque quem está em Cristo é nova criatura, amém? Não é isso que diz a palavra de Deus? É ou não é? Quem está em Cristo é nova criatura; as coisas velhas se passaram, o mau gênio, os maus hábitos, as atitudes erradas, né? A grosseria, a mentira... a mentira, o engano, tudo isso é coisa que pertence ao passado, amém, gente? O ódio, a mágoa, o rancor, a ira, a discórdia, tudo isso já passou, tudo isso pertence ao passado e agora a sua atitude tem que ser diferente. A pessoa, quando está em Cristo, ela é tolerante com as coisas, é mais tolerante, ela tem paciência, ela tem domínio próprio, ela tem mansidão, ela tem amor.”

4.1.9 MAIS UMA VEZ, A FAMÍLIA

O trecho abaixo determina que o interesse primeiro do cristão deve ser a família, o que reforça o sentimento de comunidade que distingue ‘os de fora’ - nesse caso, os não membros da família:

“Amor não só com os de fora, não, mas amor com os de dentro, também, e principalmente porque tem muita gente que tem muito amor para com os de fora. É ou não é? Tem muita gente que quando vê uma pessoa sofrendo, a pessoa quer ajudar, a pessoa é *caridosa*, ela é *bondosa*, ela quer fazer tudo pela pessoa, ela procura falar de Jesus pra pessoa, falar as coisas da bíblia pra pessoa, ela quer ajudar de tudo, de tudo quanto é maneira, ela é capaz de tirar até a roupa do seu corpo pra dar pra aquela pessoa, ela é capaz de fazer tudo por ela mas, muitas vezes para os de casa, ela não é capaz do *mínimo esforço*, do *mínimo sacrifício*, não é verdade? Sim ou não? Sim ou não? Para os de casa, os de casa nunca tem vez, ela tem tempo pra servir a todo mundo, pra atender a todo mundo, ela tem a maior disposição do mundo pra atender aos outros, aos de fora, e todo mundo acha muito *simpática*, muito *gentil*, muito *maravilhosa*, muito *espiritual*, mas só os de casa sabem, né? É ou não é? Em casa, ela é *rebelde*, em casa ela *briga*, em casa ela é *agitada*, *nervosa*, ela, ela *não cuida dos seus*”.

O amor é um exercício de esforço, de sacrifício. Caridade, bondade, simpatia, gentileza, espiritualidade se opõem a rebeldia, briga, agitação, nervosismo, falta de cuidado com os seus. O apoio bíblico vem em seguida, no trecho abaixo, com Primeiro Timóteo 5:8, texto segundo o qual a família é o referencial do cristão; aquele que perde este referencial é “pior do que o perverso” (nova invocação do diabo).

Note-se a importância documental dada à palavra escrita, importância que se filia a um discurso disseminado em nossa sociedade e que repercute em outras instâncias, como a judiciária, que duvida de ‘provas’ ou ‘testemunhos’ que não sejam escritos, ou a escolar, que impõe um padrão escrito ao qual deve se subordinar a oralidade culta. Vemos na bíblia a manifestação desse discurso: as tábuas da lei escritas por Moisés são um exemplo, assim como as paráfrases dos livros bíblicos: ‘testamentos’ ou ‘escrituras’, nomes que significam a união do jurídico com o escrito.

“E a bíblia diz o quê? A bíblia diz que aquele que não cuida dos seus, em especial dos da sua própria casa, tem negado a fé e é pior do que o perverso. Tá escrito isso, tá escrito isso, gente! Tá em Segundo Timóteo. Cê quiser olhar olha, olha lá; não custa nada ver; vamos lá ver. Segundo Timóteo, capítulo 5 se eu não me engano. Não, não tá em Segundo Timóteo, onde que tá aqui, deixa eu ver (*procura*). É Primeiro Timóteo, Primeiro Timóteo, no capítulo 5, versículo 8. Primeiro Timóteo 5:8; diz assim: “ora, se alguém não tem cuidado dos seus e especialmente dos de sua própria casa tem negado a

fé e é pior do que o descrente”, tá vendo? É pior do que o descrente, é pior do que o perverso, do que o incrédulo, tem negado a fé e é pior do que o descrente, aqueles que não cuidam dos da sua própria casa, tá vendo, gente? Às vezes, você tá dando tudo de si na rua, você dá tudo e não sobra nada pra você dar dentro de casa, não é verdade? Não sobra nada. *Você gasta todas as suas energias com os outros, mas em casa... e o que que adianta você ganhar o mundo inteiro e você perder a sua casa, você perder a sua família, você ganhar todo mundo e você perder a sua família. Adianta alguma coisa? Você ajudar todo mundo mas não ajudar a sua própria família? Então, gente, é preciso a gente parar pra pensar, pra refletir, pra analisar as coisas. A Igreja, ou melhor, muitos cristãos têm perdido o seu referencial, têm perdido o seu referencial. Tem muita gente que tem saído em busca de ajudar os outros e estão se esquecendo de ajudar a si mesmos e os da sua própria casa. Tá compreendendo o que eu tô dizendo? Sim ou não?”*

A ameaça na citação apocalíptica da igreja de Sardes é repetida novamente:

“O Senhor diz: “Arrepende-te, porquanto se não vigiares, virei como ladrão e não conhecerás de modo algum em que hora virei contra ti. Tens, contudo, em Sardes, umas poucas pessoas que não contaminaram suas vestiduras e andarão de branco junto comigo, pois são dignas. O vencedor será assim vestido de vestiduras brancas e de modo nenhum apagarei o seu nome do Livro da Vida. Pelo contrário, confessarei o seu nome diante do meu Pai e diante dos seus anjos””.

4.1.10 A SALVAÇÃO E O VENCEDOR

O bispo se põe mais uma vez como locutor que toma os fiéis como enunciadores, como no início do programa, e pergunta se a salvação não é para sempre, “como dizem”; os locutores indeterminados dessa expressão se definem discursivamente como outras Igrejas, dentre as quais a Católica, à qual a Universal faz oposição em especial, como veremos na análise do próximo programa.

“Ora, gente, veja só o que que o Senhor diz: diz que “o vencedor será assim vestido de vestiduras brancas e de modo nenhum apagarei o seu nome do Livro da Vida”. “Ué? Mas ô bispo, pera aí, não diz que a pessoa, uma vez salva, está salva para sempre? Não é assim que muita gente ensina? Que uma vez salva, está salva para sempre? Não diz que a pessoa quando tá na graça, a pessoa não perde mais a salvação dela, tá na graça, ela tá salva? Ainda que ela peque, tudo bem, não tem problema, se ela tá na graça tá salva””.

A resposta é respaldada na ‘palavra de Deus’. O bispo interpreta os sentidos do ‘vencedor’ mencionado na citação de Sardes. Guardar a sua fé é uma de suas características; outra, não se desviar da verdade, confirma textualmente a Igreja Universal como o lugar da verdade; morrer para si e servir a Deus, obedecendo a Ele, por sua vez, reforça a separação entre o mundano e o sagrado.

Na linha da contradição vista anteriormente, o bispo afirma que a conquista de bênçãos na Igreja não caracteriza o vencedor. Recorre em sua pregação a associação entre a vitória e a conquista de bênçãos - em um primeiro momento, ele afirma que o fato de alguns ainda não terem recebido as bênçãos desejadas na Igreja se explica pelo comportamento de 'cristão carnal'; agora, o estado de cristianismo verdadeiro é independente da conquista das bênçãos.

A última paráfrase de vencedor traz novamente à tona a culpabilidade coercitiva da tradição cristã, que conduz à necessidade de sofrimento e penitência para que se alcance a libertação: "O vencedor é aquele que toma a sua cruz e segue ao Senhor *Jesus*".

"Bom, isso é o que alguns dizem, mas isso não é o que diz a palavra de Deus, amém? Isso não é o que diz a palavra de Deus. Tá escrito aqui que o vencedor, "de modo nenhum apagarei o seu nome do Livro da Vida". *O vencedor quem é? O vencedor é aquele que permanece firme na sua fé, o vencedor não é aquele que conquista alguns bens materiais na Igreja, algumas bênçãos financeiras, algumas bênçãos físicas. Não é aquele que alcança a cura ou a libertação, não; o vencedor é aquele que guarda a sua fé, é aquele que não se desvia da verdade, é aquele que permanece firme. O vencedor é aquele que obedece à palavra de Deus, o vencedor é aquele que morre pra si, pro seu eu, pro seu ego, pros seus interesses, pros seus projetos pessoais, é aquele que vive pra servir a Deus, é aquele que nega a si mesmo pra fazer a vontade de Deus, nega a sua própria vontade pra fazer a vontade de Deus. O vencedor é aquele que toma a sua cruz e segue ao Senhor Jesus*".

A apologia do sofrimento continua com mais um procedimento metafórico explícito: só é vencedor aquele que passa espremido pelo *funil* - o *Reino de Deus*. Deus chama muitos para o seu Reino, mas só entram lá os 'escolhidos'. Ser escolhido, então, torna-se a razão da luta para passar de cristão carnal a cristão verdadeiro. Note-se que, se antes o Deus misericordioso amava a todos igualmente e dava tempo para que seus filhos se salvassem, se antes Ele tinha rios de água viva para passar pela tubulação do fiel, se antes Ele ficava impedido de agir diante do comportamento carnal, se antes Ele não fazia a secção das pessoas, agora Ele 'escolhe', seleciona os que merecerão o Seu reino, que é um funil. E nessa luta, os cristãos carnavais devem se 'humilhar' diante de Deus. Esse comportamento está 'de acordo com Ele'. Humilhar-se significa deixar o orgulho que suscita dúvidas de lado e crer totalmente no Deus que os pastores apresentam. É reconhecer-se inferior diante da Igreja.

“O vencedor é aquele que passa pela porta estreita, porque o que passa pela porta larga, espaçosa, esse não é vencedor, não, mas o vencedor é aquele que passa pelo funil. Gente, no Reino de Deus é como um funil, sabia? No Reino de Deus, é como um funil. Todos vocês conhecem o funil, é ou não é? No Reino de Deus é assim, a gente tem que passar pelo funil, tem que passar espremido pelo funil e tem gente que não passa; tem muitas coisas que você coloca no funil e fica ali engasgado, não passa. É ou não é? Sim ou não? Então, no Reino de Deus é assim, ah, é assim - muitos são chamados mas poucos escolhidos e é preciso você chorar diante de Deus, é preciso você se humilhar mesmo diante de Deus, é preciso você querer mudar, querer mudar. Só você entender não adianta, você tem que querer mudar, você tem que lutar pra mudar, e lutar pra mudar é você começar a agir diferente, é você começar a agir não como você quer, é você agir como Deus quer que você aja, amém? Você começar a tomar atitudes de acordo com Deus, amém? E Deus vai te honrar. De modo nenhum o seu nome vai ser apagado do Livro da Vida; pelo contrário, “confessarei o seu nome diante do meu Pai e diante dos seus anjos”, amém? Eu quero que o Senhor confesse o meu nome diante do Pai”.

4.1.11 A COMIDA QUE NÃO PERECE

O programa encerra a pregação do bispo confirmando a necessidade de sofrimento para a libertação espiritual como meio para se alcançar as bênçãos na Terra e, posteriormente, no céu. Com isso, o bispo - mais uma vez caindo em contradição, já que até então afirmava que o verdadeiro fiel vive (na terra) abençoado - justifica as bênçãos não alcançadas pelos fiéis que dão o dízimo, dão oferta: esse mundo é de ilusão, de vaidade, o tesouro deve ser juntado lá no céu. Devemos trabalhar pela ‘comida que não perece’. A ‘vida’ verdadeira agora não é a do plano terreno, mas a vida no ‘Reino de Deus’. Dar dinheiro à Igreja abre as *janelas* desse reino, mas só um comportamento 100% não carnal abre as suas portas.

“Essa vida não vale nada, gente, essa vida não vale nada, essa vida é passageira, tudo passa, a nossa vida é por um fio. Hoje, a gente está aqui, amanhã a gente já, a gente já pode não estar, não é verdade? Tudo é ilusão, tudo é vaidade, tudo é vaidade da vaidade e o que nós temos que trabalhar é pela comida que não perece, mas que subsiste para a vida eterna. Nós temos que juntar, sim, o tesouro lá no céu, amém, gente? Amém? Temos que juntar o tesouro lá no céu; dar o dízimo, dar oferta, tudo isso é muito bom, ajuda, é...*abre as janelas do céu pra Deus abençoar financeiramente.* Tudo bem, mas não é tudo. Orar não é tudo, ler a bíblia não é tudo, não é tudo. Você precisa abandonar todas aquelas obras que aborrecem a Deus, as obras da carne e procurar dar frutos do Espírito Santo, andar de acordo, agir de acordo com a vontade de Deus. Amém, gente?”

4.2 A ARGUMENTAÇÃO

4.2.1 A CULPA É SUA

Uma das conclusões para a qual o programa *O Santo Culto em seu Lar* orienta conduz à culpa do fiel pela não obtenção das bênçãos prometidas pela Igreja Universal e é formulada logo no início:

C1 “...se alguma coisa está errada na sua vida, esse problema é seu, esse erro é seu, tá dentro de você, tá no seu coração.”

A partir da pergunta com a qual o bispo inicia a sua pregação, assumindo a posição enunciativa de fiel não abençoado, e da resposta que ele formula, já ocupando a posição enunciativa da Igreja, a conclusão acima pode ser redefinida por meio de uma paráfrase. A pergunta do bispo é a seguinte:

“Mas por que não acontece na minha vida? Por que Deus tem abençoado a vida de tantas pessoas? Por que eu vejo tantos testemunhos maravilhosos e na minha vida as coisas não têm acontecido? O que é que está faltando, o que é que está havendo de errado?”

Sua resposta é:

“De repente, você é um cristão carnal.”

A paráfrase da conclusão acima que pergunta e resposta possibilitam, por sua vez, é:

C1A Se você não é abençoado, é porque você é um cristão carnal.

O erro do cristão é, então, o seu comportamento carnal. Para provar que o fiel não abençoado apresenta um comportamento carnal ou mundano, é construída uma predicação exegética para o cristão carnal na qual o bispo arrola uma série de práticas consideradas mundanas pela Igreja. Já que “Deus quer 100%, Deus não aceita 99%”, basta um erro, isto é, basta que o cristão apresente uma das características arroladas, para que seja classificado como carnal. Cada um dos predicados exegéticos, desse modo, funciona como um exemplo *x* de comportamento em uma nova conclusão formulada na seguinte condicional:

C2 Se você apresenta o comportamento x, você é um cristão carnal.

O cristão carnal

- a) tem ódio, mágoa, rancor, ira, discórdia no coração;
- b) é vitorioso para o mundo; em casa, derrotado, fracassado, destruído, tem só aparência;
- c) na rua, é bondoso e caridoso; em casa, é rebelde, nervoso, agitado, briga, não cuida dos seus;
- d) dá tudo de si na rua, não deixando nada para dar em casa;
- e) está cheio de orgulho, de vaidade, cheio de si, do seu eu, do seu ego;
- f) perde o seu referencial (a família);
- g) fala palavrões;
- h) contamina-se com a TV, com filmes pornográficos, com novelas sujas, imundas, podres, nojentas;
- i) é fechado, mal humorado, carrancudo;
- j) entra na igreja com o coração longe de Deus;
- k) na igreja, se interessa só pelas bênçãos e pela oração;
- l) vai à igreja só em busca das bênçãos físicas e materiais;
- m) fora da igreja, comporta-se de forma não condizente com a palavra de Deus;
- n) idolatra seres humanos ou coisas;
- o) abriga mágoas, ressentimentos, mentira e engano no coração;
- p) tem pensamentos de adultério;
- q) tem o coração fechado contra alguém;
- r) tem um gênio mau, pesado, ruim;
- s) toma atitudes agressivas;
- t) é liberal demais, acha que tudo é natural, tudo é normal.⁸

Junto à predicação exegética, compõe a definição do cristão carnal a predicação parafrástica, que dá visibilidade à dualidade do seu nome - meio Deus, meio diabo. Os dois tipos de predicados funcionam conjuntamente na seguinte paráfrase da conclusão anterior (C2):

C2A *Se você tem o comportamento x, você y;*

na qual o comportamento **x** é substituído por um predicado exegético e **y** por um predicado parafrástico do cristão carnal. Os predicados parafrásticos (ou paráfrases) são apresentados a seguir:

⁸ Nos conjuntos de predicados exegéticos de alguns dos referentes, observar-se-á a presença de predicados parafrásticos entre si. Gostaríamos de esclarecer que esse fato não se deve a uma incompatibilidade metodológica; como afirmamos no capítulo 2, separamos predicados parafrásticos e exegéticos em relação ao referente e não entre si. Os predicados **j**, **k** e **l**, por exemplo, são parafrásticos entre si, não o são em relação ao referente 'cristão carnal', já que não fazem ressoar a carnalidade, mas sim exemplificam um comportamento considerado carnal.

O cristão carnal é aquele que

- a) não é 100% Deus;
- b) não submete sua vida a Deus;
- c) não leva a sério as coisas de Deus;
- d) ainda não teve o encontro com Jesus;
- e) é a mesma pessoa que era antes de conhecer Jesus;
- f) tem o primeiro lugar do seu coração ocupado por outras coisas que não Deus;
- g) está contaminado com as coisas do mundo;
- h) tem o seu coração muito voltado para as coisas do mundo;
- i) leva uma vida semelhante à de um incrédulo: sem paz, sem alegria, sem vida, triste, vazia, fracassada, derrotada;
- j) vive uma vida vazia;
- k) está apagado, gelado espiritualmente;
- l) tem aparência de que vive, mas está morto;
- m) é uma tubulação cheia de lixo (de pecados).

Além da carnalidade do cristão, atuam como argumentos para a sua culpa pela não obtenção das bênçãos os predicados parafrásticos e exegéticos de Deus. O Deus perfeito e onipotente é justo e disposto a abençoar, mas fica impedido de fazê-lo diante de um comportamento carnal. As paráfrases são as seguintes:

Deus

- a) é perfeito;
- b) é o Deus todo poderoso;
- c) é o Deus dos impossíveis;
- d) é o Deus de Israel.

As paráfrases de Deus trazem à tona a perspectiva do milagre das bênçãos que parecem impossíveis e, por oposição à perfeição divina, fazem significar a culpa do fiel pela não obtenção dessas bênçãos. A última, em particular, suscita a imagem da guerra - em Israel contra os demônios manifestos nos romanos, aqui contra os demônios que impedem as bênçãos, manifestos em quem não é cristão verdadeiro da Universal.

Os predicados exegéticos de Deus de **a** até **i** enumeram características que dão visibilidade à perfeição e à onipotência divinas; os predicados de **j** a **l** reforçam a culpa do cristão:

Deus

- a) é muito maravilhoso;
- b) é muito misericordioso;
- c) não é um deus injusto;
- d) ama a todos igualmente;
- e) quer o melhor para todos da mesma maneira;
- f) quer abençoar;
- g) dá tempo ao homem para que ele se arrependa e possa levar a sério as coisas de Deus;
- h) tem rios de água viva os quais quer fazer fluir de dentro da tubulação do cristão;
- i) tem coisas grandes e gloriosas para fazer;
- j) fica impedido de fazer fluir seus rios de água viva pela tubulação cheia de lixo (de pecados) do cristão carnal;
- k) fica impossibilitado de abençoar diante do comportamento carnal do homem;
- l) abençoa na proporção que o fiel se dá (se lança) a Ele.

4.2.2 CONVERTA-SE

As paráfrases do cristão carnal, em especial **d**: ‘ainda não teve um encontro com Jesus’ e **e**: ‘é a mesma pessoa que era antes de conhecer Jesus’, aliadas à imagem construída pelos predicados divinos de perfeição, onipotência e disposição em abençoar (disposição essa contraposta à impossibilidade de fazê-lo diante de um comportamento carnal), começam a orientar para a necessidade da conversão para a consecução das bênçãos. Neste tópico, apontaremos outros argumentos que orientam para a seguinte conclusão:

C3 Se você se converter, você será abençoado.

Na guerra sobrenatural, o diabo opera como opositor de Deus, ou seja, como aquele que faz o possível para que o cristão se renda à carnalidade. Ele é mencionado apenas uma vez neste programa; lembremo-nos dessa passagem: alguém que está assistindo ao culto se manifesta contrariamente às palavras do bispo e este define a subversão como uma manifestação diabólica. O diabo determina o outro, o excluído do grupo; qualquer expressão contrária à verdade da Igreja é diabólica. A conversão, nessa medida, passa a significar o afastamento desse ente. Ele sustenta o argumento da

carnalidade explicando, no plano das verdades sobrenaturais fundado na figura de Deus, o comportamento inadequado do cristão carnal. A existência do diabo orienta para a seguinte conclusão:

C4 Porque há diabo, há carnalidade.

Ao legitimar a carnalidade, o diabo orienta para a necessidade de conversão. Os dois predicados exegéticos que recebe fazem significar para o cristão a necessidade de afastamento da figura diabólica:

O diabo

- a) fica furioso porque não quer que a palavra de Deus penetre no coração do cristão;
- b) não tem nada para dar ao cristão.

Assim como o diabo define-se em oposição a Deus, o período de carnalidade define-se em oposição ao período pós-conversão e o cristão carnal define-se em oposição ao cristão verdadeiro. O predicado parafrástico do período pré-conversão reforça a lista de argumentos que orientam para a necessidade da conversão para que as bênçãos sejam alcançadas:

Antes da conversão

- a) uma vida amarrada, de sofrimentos, de derrotas, de aflições, de dores.

Os sentidos da conversão são explicitados pelos seus predicados parafrásticos e exegéticos. As paráfrases são as seguintes:

Converter-se é

- a) converter-se dos maus caminhos;
- b) consertar a sua vida com Deus;
- c) reconhecer os seus pecados, seus erros, confessá-los e abandoná-los;
- d) abandonar todas as obras da carne;
- e) andar e agir de acordo com a vontade de Deus;
- f) em vez de satisfazer os seus desejos e interesses, fazer a vontade de Deus;
- g) morrer para si mesmo;
- h) negar a sua própria vida;
- i) mudar de vida, mudar tudo.

Os predicados exegéticos da conversão somam-se às suas paráfrases, constituindo um conjunto de atitudes necessárias para que ela aconteça:

Para converter-se (e, assim, alcançar as bênçãos) é preciso

- a) chorar diante de Deus;
- b) humilhar-se diante de Deus;
- c) abrir o coração;
- d) rasgar o coração diante de Deus;
- e) querer mudar e lutar para mudar, começando a agir como Deus quer;
- f) procurar dar frutos do Espírito Santo;
- g) dar o dízimo, dar oferta, ler a bíblia, orar.

O cristão não carnal recebe o qualificador discursivo ‘verdadeiro’. Seus predicados unem-se aos predicados da conversão, definindo o comportamento que o cristão deve ter para ser abençoado. Os predicados parafrásticos são os seguintes:

O cristão verdadeiro

- a) é um servo do Senhor Jesus;
- b) leva uma vida em total obediência à palavra de Deus;
- c) é 100% Deus;
- d) está vazio de si mesmo e cheio de Deus;
- e) tem um coração limpo diante de Deus;
- f) tem um caráter cristão, de Deus;
- g) tem a fé firme, alicerçada na palavra de Deus;
- h) não dança conforme a música;
- i) não permite que os pensamentos do mundo venham ocupar o seu pensamento, o seu coração;
- j) está ligado com Deus;
- k) está no espírito;
- l) é nova criatura;
- m) não contaminou suas vestiduras;

Os predicados exegéticos:

O cristão verdadeiro:

- a) dá para receber, planta para colher;
- b) tem discernimento das coisas, sabe separar o que é bom do que é ruim;
- c) tem tolerância, paciência, domínio próprio, mansidão, amor.

Podemos afirmar, então, que os predicados da conversão, junto aos do cristão verdadeiro, funcionam na conclusão C3: “se você se converter, você será abençoado” como um conjunto de passos necessários para a consecução das bênçãos. Teremos, então, a seguinte paráfrase dessa conclusão:

C3A Se você agir da forma x, você será abençoado;

na qual a expressão ‘agir da forma x’ é substituída pelo conjunto de predicados da conversão e do cristão verdadeiro. Lembramos que é necessário que seja o conjunto de elementos, e não um item isolado, porque “Deus quer 100%”.

Até então, a orientação argumentativa das palavras do bispo conduzem a um período pós-conversão caracterizado como um tempo abençoado, já que a conversão é posta como condição necessária e suficiente para a consecução das bênçãos. Segundo essa direção argumentativa, as bênçãos funcionam como um critério hierárquico da Igreja - o cristão carnal deve lutar para merecê-las, e passar ao *status* de cristão verdadeiro.

No entanto, como veremos a seguir, uma outra orientação argumentativa, oriunda de outros discursos, comporá as paráfrases do vencedor, impondo um outro critério para o verdadeiro cristianismo. As bênçãos valorizadas não são mais as terrenas, mas as da vida após a morte.

4.2.3 VENCEDOR É QUEM LUTA PELA COMIDA QUE NÃO PERECE

O ‘vencedor’ é mencionado repetidamente durante o programa na citação apocalíptica da igreja de Sardes, que reproduzimos abaixo:

“Apocalipse, no capítulo três, fala com relação a isso, deixa eu ver aqui... Apocalipse, capítulo três: é a mensagem à igreja de Sardes; diz assim: “Ao anjo da igreja de Sardes escreve: “estas coisas diz aqui Ele que tem os sete espíritos de Deus e as sete estrelas: “Conheço as tuas obras que tens nome de que vives e estás morto, tens nome de que vives e estás morto. Sê vigilante e consolida o resto que estava pra morrer, porque não tenho achado íntegras as tuas obras na presença do meu Deus. Lembra-te, pois, de como tens recebido e ouvido - guarda-o e arrepende-te, porquanto se não vigiares, *virei como ladrão e não conhecerás de modo algum em que hora virei contra ti*. Tens, contudo, em Sardes, umas poucas pessoas que não *contaminaram* as suas vestiduras e andarão de branco junto comigo, pois são dignas; *o vencedor será assim vestido de vestiduras brancas e de modo nenhum apagarei o seu nome do Livro da Vida; pelo contrário, confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos*””. Amém, gente?”

Em uma primeira interpretação feita pelo bispo da citação da igreja de Sardes, a pessoa contaminada corresponde ao cristão carnal, como é posto nas paráfrases já arroladas: (o cristão carnal) ‘está contaminado com as coisas do mundo’, ‘tem nome de que vive mas está morto’, que correspondem à definição do não vencedor na citação

bíblica. O vencedor, por oposição, é o cristão verdadeiro. As paráfrases abaixo confirmam a equivalência entre ‘vencedor’ e ‘cristão verdadeiro’:

O vencedor

- a) não contaminou suas vestiduras;
- b) não será apagado do Livro da Vida por Deus;
- c) terá o seu nome confessado a Deus e a seus anjos por Jesus;
- d) permanece firme na sua fé;
- e) guarda a sua fé e não se desvia da verdade;
- f) obedece à palavra de Deus;
- g) morre para si, para o seu eu, para o seu ego, para os seus interesses e projetos pessoais;
- h) vive para servir a Deus;
- i) nega a si mesmo e a sua própria vontade para fazer a vontade de Deus.

Nas próximas paráfrases, no entanto, o vencedor passa a ser caracterizado pelo sofrimento, como no discurso católico:

O vencedor

- a) é aquele que passa espremido pelo funil do Reino de Deus;
- b) é aquele que passa pela porta estreita;
- c) é aquele que toma a sua cruz e segue ao Senhor Jesus.

Nos predicados exegéticos negativos, por sua vez, as bênçãos são desvinculadas da vitória:

O vencedor

- a) não é aquele que conquista algumas bênçãos financeiras, algumas bênçãos físicas;
- b) não é aquele que alcança a cura ou a libertação.

A partir dessa predicação exegética, o cristão verdadeiro (o vencedor) não é aquele que alcança as bênçãos, embora o bispo volte a afirmar a importância da prosperidade quando diz que as doações feitas à Igreja “abrem as janelas do céu para Deus abençoar financeiramente”:

“Temos que juntar o tesouro lá no céu; *dar o dízimo, dar oferta, tudo isso é muito bom, ajuda, é... abre as janelas do céu pra Deus abençoar financeiramente.* Tudo bem, mas não é tudo. Orar não é tudo, ler a bíblia não é tudo, você precisa abandonar todas aquelas obras que aborrecem a Deus, as obras da carne e procurar dar frutos do Espírito Santo, andar de acordo, agir de acordo com a vontade de Deus. Amém, gente?”

A preocupação do cristão, então, não deve ser com a obtenção das bênçãos; sua atitude visa, agora, conseguir ser escolhido por Deus para entrar no Reino dos Céus após a morte, como nos mostram dois outros predicados exegéticos da conversão:

Para converter-se, o cristão

- a) tem que juntar o tesouro lá no céu;
- b) tem que trabalhar é pela comida que não perece, mas que subsiste pela vida eterna.

A partir dessa mudança, percebemos que as bênçãos são o ponto de controvérsia na argumentação da Igreja Universal. Confirmando essa nova orientação argumentativa, de acordo com a qual a bênção buscada é a entrada no Reino dos Céus, o bispo afirma que a vida terrena é uma ilusão, uma vaidade:

“Essa vida não vale nada, gente, essa vida não vale nada, essa vida é passageira, tudo passa, a nossa vida é por um fio. Hoje, a gente está aqui, amanhã a gente pode não estar, não é verdade? Tudo é ilusão, tudo é vaidade, tudo é vaidade da vaidade...”

As novas definições do vencedor e da conversão, aliadas à mudança no sentido da vida terrena e à incorporação da vida após a morte ao discurso da Igreja, funcionam como argumentos para a seguinte conclusão:

C4 O cristão verdadeiro é aquele que entra no Reino dos Céus.

Outro argumento que reforça essa conclusão é a inclusão de três elementos no rol dos interesses carnis: o dinheiro, que possibilita a bênção da prosperidade, e o trabalho (ou os negócios), meios para obtê-la na condição de empresário. A associação desses itens à carnalidade reforça a conclusão acima à medida que orienta para uma outra conclusão:

C5 A prosperidade é um interesse carnal;

Os interesses carnis são os seguintes:

É carnal

- a) o dinheiro;
- b) o trabalho;
- c) os negócios;
- d) a idolatria de coisas ou seres humanos;
- e) os prazeres da carne.

A contradição argumentativa gerada a partir dos sentidos das bênçãos permeia o programa *O Santo Culto em seu Lar*. Essa contradição funda-se na valorização da bênção da prosperidade e a contraditória exigência de que o cristão, ao mesmo tempo que lute

para obtê-la, não tenha o coração voltado para o dinheiro ou para o trabalho, estes descritos, conforme vimos acima, como interesses carnis. A incompatibilidade na argumentação acontece a partir da orientação a duas conclusões contraditórias: uma que faz a aproximação necessária entre cristão verdadeiro e bênçãos terrenas e outra que aproxima cristão verdadeiro e o desprendimento dessas bênçãos.

Como já apontamos em dois momentos, a própria Igreja apresenta o comportamento carnal que critica. Lembremos como isso se dá.

Uma das evidências da carnalidade da Universal está na caracterização do desprendimento pelo gesto de doação à Igreja. As doações são fundamentadas na política do 'é dando que se recebe', como confirmam, por exemplo, o predicado exegético de Deus: (Ele) 'abençoa na medida que você se dá, se lança a Ele' e o da conversão: para converter-se, o cristão 'tem que dar o dízimo, dar oferta, com o objetivo de abrir as janelas do céu para Deus abençoar financeiramente'. Doar com o intuito de receber e receber a doação oriunda de um interesse mundano caracterizam, dessa forma, o comportamento carnal.

Outra evidência da carnalidade da Igreja é a descrição da sua emissora de TV - a Rede Record - como uma empresa que por visar ao lucro (à prosperidade) pode apresentar programas carnis. Se esse é o modelo de empresa que o fiel deve seguir, ele não será a mesma pessoa dentro e fora da Igreja, o que caracterizará mais uma vez o comportamento carnal.

5 PALAVRA DE VIDA PROSPERIDADE

5.1 O PROGRAMA

O programa *Palavra de Vida*, como já expusemos, é exibido todas as madrugadas a partir da meia-noite e tem duração aproximada de três horas. Algumas vezes é repetido pela manhã. Diferente do *O Santo Culto em seu Lar*, no qual é apresentada uma parte da pregação de um bispo em um culto da Igreja, *Palavra de Vida* é feito para a TV. O bispo do estado de Santa Catarina, Roberto Mauzer, coordena o programa, do qual participam outros pastores que, junto ao bispo, discutem o tema da noite. Telespectadores participam por fax ou telefone. O bispo Mauzer inicia o programa introduzindo o seu tema - prosperidade:

5.1.1 PROSPERIDADE É DE DEUS

Bispo Mauzer: “Muito bem, meu amigo, minha amiga, graças a Deus, estamos entrando mais uma vez na sua casa, no seu lar, para levar essa programação a todos vocês. E no, no programa de hoje, nós vamos falar a respeito de prosperidade, nós vamos falar pra você que a vontade de Deus é prosperar você, a vontade de Jesus é abençoar a sua vida financeira, pois você não foi, meu amigo, minha amiga, escolhido, escolhida, para ser uma pessoa fracassada na vida financeira. Não. O Senhor Jesus deseja e Ele quer prosperar você. E nós estamos aqui nessa programação pra falar isso. Chega de sofrimento, chega de uma vida financeira amarrada, chega de miséria. Meu amigo, minha amiga, o nosso Deus é grande e eu não acredito que o nosso Deus sendo grande deseja a sua vida pequena, a sua vida amarrada, você ganhando salário mínimo, Deus não está feliz com isso; Jesus, Ele quer a sua prosperidade e muitas pessoas chegam a achar que esse assunto não é um assunto de Deus. Pastor Elias, a pessoa está em casa nesse momento, nesse instante e ela chega a pensar que dinheiro, prosperidade, riqueza não é um assunto que combina com Deus, é uma coisa que não combina, são duas coisas que não podem andar num paralelo; então, essas pessoas chegam a crer que não podemos falar de prosperidade, porque somos pastores, porque fazemos parte da Igreja. Não, meu amigo, esse assunto é de Deus. Prosperidade é de Deus e Deus não quer que essa pessoa esteja com uma vida arrasada, com uma vida amarrada. Bom dia.”

A partir de suas condições de produção, compreendemos essa enunciação: em um país de tradição católica, religião na qual se acredita que “é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus”, cabe discutir se a prosperidade é um dom divino. Esse confronto velado entre o discurso da Igreja

Universal e o da Católica introduz o tema da prosperidade, a respeito do qual é afirmada a posição da Igreja Universal, descrita como sendo a de Jesus: “O *Senhor Jesus* deseja e Ele quer prosperar você e nós estamos aqui nessa programação pra falar isso”. Uma das conclusões para a qual orientará o programa, portanto, é a de que prosperidade é de Deus.

O Deus retratado nesse trecho é o Deus misericordioso, é o Pai que não quer ver seus filhos sofrendo; Ele “não está feliz” com a miséria, com o sofrimento financeiro das pessoas. Note-se o efeito de transparência da linguagem, tal como o descrevemos na análise do *O Santo Culto em seu Lar*, o qual funciona, a partir da ontologização divina, no apagamento do ponto-de-vista (o enunciador) da Igreja.

A estrutura argumentativa do início do programa repete a do *O Santo Culto em seu Lar*. Em ambos, o bispo introduz a questão a ser tratada, apresenta uma conclusão a que o programa orientará - nos dois, a de que a culpa pela não consecução das bênçãos é do interlocutor (no *O Santo Culto em seu Lar*, o fiel; no *Palavra de Vida*, o telespectador-alvo) e, finalmente, começa a expor seus argumentos; nos dois casos, o argumento primeiro é a grandiosidade de Deus, manifesta no *Palavra de Vida* no enunciado: “o nosso Deus é grande e eu não acredito que o nosso Deus sendo grande deseja a sua vida pequena, a sua vida amarrada, você ganhando salário mínimo”.

Na seqüência, o pastor Elias confirma as primeiras palavras do bispo:

Pastor Elias: “Bom dia, bispo Roberto, bom dia a todos os telespectadores, veja que é um assunto, não é, que nós devemos saber, conhecer, porque aqueles que não conhecem, eles criticam, criticam aquilo que não conhecem, falam mal, zombam, perseguem aquilo que eles não conhecem. O dinheiro é importante, é necessário, é fundamental. Ninguém vive nesse mundo sem dinheiro, viu? Pode viver, mas vai viver mal, vai viver mendigando o pão de cada dia e isso não é a vontade de Deus; Deus não quer que o homem viva mendigando o pão; Deus quer que o homem viva bem, viva regaladamente. Quando Ele tirou o povo do Egito, Ele conduziu o povo para uma terra abundante, uma terra abençoada, uma terra próspera, Ele não levou o seu povo para a miséria, para a escassez, meu amigo e minha amiga. E nós estamos aqui para esclarecer; nós estamos aqui para mostrar um pouquinho a você, né, de que Deus quer a prosperidade do homem, a sua prosperidade. Se você não está prosperando é porque você está longe de Deus, ou está desobediente às leis de Deus. A bíblia diz, bispo, que as bênçãos, né, são decorrentes da obediência, mas as pessoas vão obedecer o que elas não conhecem, não é? Então com isso são desobedientes e só vão perdendo com Deus e não vivem como Deus quer que elas vivam - abundantemente.”

A enunciação do pastor Elias obedece a dois movimentos argumentativos: a confirmação de que a prosperidade é de Deus e a imputação da culpa pela miséria ao fiel.

No primeiro movimento, há uma censura aos que criticam a defesa religiosa da prosperidade; estes criticam-na “porque não conhecem”. O conhecimento aqui é atrelado à verdade divina, ou melhor, à verdade bíblica, tal como esta será exposta durante o programa. A imagem bíblica é usada como prova da vontade de prosperidade de Deus: “quando Ele tirou o povo do Egito, Ele conduziu o povo para uma terra abundante, uma terra abençoada, uma terra próspera”. Na seqüência, o uso dos verbos ‘esclarecer’ e ‘mostrar’ reforça o efeito de ‘verdade’ bíblica: “E nós estamos aqui para *esclarecer*; nós estamos aqui para *mostrar* um pouquinho a você de que Deus quer a prosperidade do homem, a sua prosperidade.” O segundo movimento continua invocando a bíblia: “a bíblia diz, bispo, que as bênçãos são decorrentes da obediência”, e as pessoas não obedecem, como os que criticam, porque não conhecem. Aqui, como mais acima, o discurso do conhecimento, que neste século faz parte de um imaginário que o afirma como pertencente à ciência, é entrecortado pelo discurso religioso que unifica os conhecimentos sob a égide do dogma da verdade divina.

Aqui reaparece a imagem do Deus de pesos e medidas presente no programa *O Santo Culto em seu Lar*: os que obedecem recebem as bênçãos; os que desobedecem “só vão perdendo com Deus”. Por sua própria culpa (que aqui é decorrente não do desafio, mas da ignorância) é que as pessoas infiéis “não vivem como Deus quer que elas vivam - abundantemente”. Perceba-se que a consideração da ignorância do homem abranda sua culpa. A ‘culpa desculpada’ concedida a quem ainda não conhece a verdade divina não é dada aos já fiéis, como vimos no programa *O Santo Culto em seu Lar*.

Os pastores da Igreja Universal, por conhecerem “um pouquinho da palavra de Deus”, são pessoas autorizadas a falar de prosperidade, como afirma o bispo Mauzer na seqüência:

Bispo Mauzer: “Então, prosperidade é uma coisa de Deus, é de Deus isso?”

Pastor Elias: “É sagrada, é sagrada.”

Bispo Mauzer: “É uma coisa sagrada, de Deus, e você, meu amigo, tem que ter prosperidade. Você tem que ser uma pessoa próspera, rica no lado financeiro, no lado do dinheiro. Mas você diz: “poxa, mas é um pastor que tá falando; vocês fazem parte de uma Igreja”. E nós, meu amigo, minha amiga, é que temos realmente que falar de prosperidade. Não é outra pessoa, não. *Não é um empresário que tem que falar; somos nós mesmos que conhecemos um pouquinho da palavra de Deus. E se você conhecer um*

pouquinho da palavra de Deus, você vai ver que não houve um, não houve um homem, um homem que obedeceu a essa palavra e foi pobre. O próprio Davi, ele disse, o rei Davi, ele disse: "hoje eu sou velho, mas eu já fui moço e em toda a minha vida eu não vi um justo, um justo sequer mendigar o pão. Ah, meu amigo, minha amiga, Deus quer prosperar você, Jesus quer abençoar a sua vida financeira. Você olha aí na sua casa agora e você talvez esteja triste, aborrecido, porque você abre a gaveta da escrivaninha e o que você vê lá na gaveta da escrivaninha: contas e mais contas pra pagar e você não tem dinheiro. Isso é uma coisa que agrada Jesus? Será? Será que Ele olhando pra você e você considera-se um filho de Deus e está desse jeito; e um pai olhar para o filho e ver o filho miserável, será que o Pai está gostando? Eu tenho certeza que Deus não está gostando da sua situação financeira, por isso estamos aqui para falar de prosperidade, estamos aqui para falar de bênçãos financeiras, bênçãos que atinjam a vida financeira da pessoa. Ah, meu amigo, minha amiga, Deus quer você abençoado financeiramente. Nós temos aqui, também, na nossa programação, o pastor Júlio e, pastor Júlio, nessa segunda-feira, nós estaremos lutando, orando, determinando que as pessoas tenham prosperidade, porque a prosperidade é um dom de Deus. Bom dia."

O vocabulário bélico, presente em todo o programa, aqui é introduzido em "estaremos *lutando*, orando, determinando ..."; a luta dos pastores é o ensinamento e a oração; eles tem o poder de *determinar* a sorte do fiel, mas apenas se este der o dízimo, der ofertas, fizer correntes, enfim, viver como um 'cristão verdadeiro'. Corrobora a verdade bíblica de incentivo à prosperidade a citação das palavras do rei Davi pelo bispo Mauzer.

O empresariado é desautorizado a falar de prosperidade, quem tem autoridade para falar desse assunto são os pastores; isso nos interessa à medida que, como veremos neste programa, o meio de alcançar a vitória financeira incentivado pelos pastores é tornar-se empresário, e os fiéis que já são empresários prósperos são chamados a dar depoimentos nos programas; percebemos aí a supremacia do conhecimento da verdade divina - o depoimento dos empresários fiéis não versa sobre verdades empresariais, mas sobre a verdade da obtenção da bênção por meio da Universal. Não é a empresa que prospera; é, acima dela, Deus.

Nessa enunciação do bispo, Deus é o Pai. A relação familiar terrena é um dos elementos que ontologizam o sobrenatural. A ontologização é realizada a partir de valores terrenos - o sentimento paterno invocado - a felicidade divina - é o de um pai terrestre, como mostra o uso do artigo indefinido na pergunta: "e *um pai* olhar para o filho e ver o filho miserável, será que o Pai está gostando?"

Como já observamos, expressões como ‘eu tenho certeza’ em: “eu tenho certeza que Deus não está gostando da sua situação financeira”, reforçam o caráter ‘verdadeiro’ da bíblia.

Em seguida, o pastor Júlio toma a palavra, invocando a imagem da guerra na menção à luta de Jacó contra o anjo.

5.1.2 A CORRENTE DA PROSPERIDADE

Pastor Júlio: “Bom dia, bispo e bom dia, amigos. É como Jacó fez, Jacó, ele lutou com o anjo e não largou enquanto o anjo não deu a vitória para ele e nessa segunda-feira, estaremos fazendo do mesmo jeito - enquanto Deus não mandar a bênção, enquanto Deus não prosperar o povo, não vamos parar de clamar nessa segunda-feira, às 7h da noite, bispo.”

Vale observar a oscilação entre as promessas de vitória imediata e futura. No trecho acima, o pastor Júlio promete a vitória imediata, seguindo o exemplo bíblico de Jacó: “enquanto Deus não mandar a bênção, enquanto Deus não prosperar o povo, não vamos parar de clamar nessa segunda-feira, às 7h da noite”. Em outros trechos, como veremos, a promessa é de obtenção certa, mas não imediata da graça.

A seguir, o bispo convoca os que são e os que ainda não são empresários para uma ‘reunião’ - a corrente da prosperidade:

Bispo Mauzer: “E na nossa sede estadual, na Av. Mauro Ramos, 184, fizemos uma convocação geral, uma convocação geral. Inclusive, todos os pastores, os pastores titulares aqui da capital estarão conosco, os pastores das nossas igrejas estarão conosco da Grande Florianópolis. O pastor da Ponte de Imaruim vai estar com a gente, o pastor de Biguaçu vai estar com a gente, o pastor de Barreiros vai estar com a gente, o pastor de Costeira vai estar com a gente, o pastor da Pe. Miguelinho vai estar com a gente ali na Av. Mauro Ramos, 184. Meu amigo, nessa segunda-feira, os pastores auxiliares vão estar nas igrejas e os titulares estarão ali na grande corrente dos empresários. Você que é empresário deve comparecer. Você que ainda não é empresário deve comparecer também. Vamos dar um basta na amarração financeira. E se você precisa de ajuda em oração, estamos aqui pra orar, pra orar por aqueles que querem crescer e por favor, por favor, meu amigo, minha amiga, se você não vai segunda-feira na igreja é sinal que você está muito bem financeiramente, é sinal que você financeiramente não precisa de nada. Então não liga pra gente hoje, não.”

Com a corrente, o dízimo e as orações, a Igreja promete “dar um basta na amarração financeira”. Note-se o uso das palavras ‘nó’ e ‘amarração’, que cria um efeito de prisão e imobilidade relacionados ao período ‘antes da Universal’, o qual diz respeito, na verdade,

como já observamos, ao antes das bênçãos da Universal. O ‘depois da Universal’, em oposição, é um tempo de luta, de atitude. Nesse mesmo trecho, o bispo oferece oração e, em seguida, convida aquele que precisa de algo no setor financeiro para ir à igreja. A ajuda oferecida no programa por meio de orações é condicionada ao comparecimento à corrente da prosperidade, como é afirmado na última frase: (se você não vai), “então não liga pra gente hoje, não”.

Os pronomes de tratamento usados pelos pastores em relação aos telespectadores - ‘meu amigo’/‘minha amiga’ - silenciam a hierarquia estabelecida entre uns e outros e fazem significar um outro vínculo - os pastores se apresentam como amigos conselheiros.

No trecho abaixo, o bispo insiste que os telefonemas venham de pessoas que comparecerão à corrente:

“Hoje eu estou pedindo para ligar para o programa aqueles que estarão conosco segunda-feira, hoje, na Av. Mauro Ramos, 184. Vai estar lá? Você vai estar na Av. Mauro Ramos, nº 184 com a gente? Vai estar, meu amigo? Especialmente sete da noite. Se você não puder, pode vir 10 da manhã e 3 da tarde, mas teremos uma reunião especial 7h da noite. Av. Mauro Ramos, 184. Vai estar lá? Então ligue agora - 2285555. Ligue agora, mas liga, meu amigo, você que vai estar com a gente, liga você que vai comparecer - 2285555. Pode mandar um fax, também - 2287691.”

No próximo trecho, entra em cena explicitamente a figura do diabo, que na Universal assume o papel de grande opositor de Deus: se Deus quer a prosperidade dos homens, o diabo está revoltado com o assunto do programa.

O uso de expressões populares, como “ter o bolso cheio de dinheiro” (abaixo) é um primeiro indício de que o público-alvo da Igreja pertence às classes mais baixas, o que será confirmado mais adiante.

Quatro estratégias são adotadas nos programas feitos para TV com o intuito de conferir legitimidade às palavras dos pastores: o recurso à bíblia, aos depoimentos de fiéis que se consideram abençoados pela Igreja, aos telefonemas de telespectadores que afirmam crer nas palavras dos pastores e às matérias preparadas sobre o tema da noite. O bispo chama, em seguida, um depoimento:

5.1.3 MISÉRIA É DO DIABO

“Meu amigo, e sabe quem está muito revoltado porque nós iniciamos o nosso programa falando de prosperidade, falando de riqueza, falando que você tem que ter o bolso cheio de dinheiro? Sabe quem tá revoltado? É o diabo, o diabo não quer a tua prosperidade. Nessa reunião de domingo que fizemos, desse domingo passado que fizemos, ah, meu amigo, minha amiga, o diabo ficou muito revoltado quando falamos da prosperidade que Deus deseja dar para o povo. E se você quer riqueza, quer prosperidade, vá hoje na nossa Igreja Universal do Reino de Deus, na nossa sede estadual na Av. Mauro Ramos, 184. Vamos agora a um depoimento. O bispo Paulo Roberto conversou com um homem que alcançou a prosperidade; pessoas gozavam desse rapaz, pessoas tiravam uma da cara desse rapaz, brincavam com ele, chamava ele de ‘Macedinho’, falava: “leva o dinheiro lá pra Igreja”, falava: “leva o dinheiro lá pro bispo Macedo”. Veja o que aconteceu na vida dele. Vamos acompanhar. Eu volto logo em seguida.”

Depoimento de rapaz que ganhava R\$450,00 por mês e comprou parcela da uma loja de R\$ 150.000,00 que hoje está paga e duplicada. Propaganda da corrente dos empresários.

No trecho acima, o diabo é ontologizado pela temporalidade da referência a um culto anterior, que cria o efeito da sua presença na reunião: “Nessa reunião de domingo passado que fizemos, ah, meu amigo, minha amiga, o diabo ficou muito revoltado quando falamos da prosperidade que Deus deseja dar para o povo”; o antagonismo entre Deus e o diabo é reforçado na oposição entre eles. Após a exibição do depoimento, o bispo volta a afirmar a disposição do diabo em deixar o homem pobre.

A direção da fala às classes populares se confirma na menção ao salário mínimo no trecho: “porque o diabo quer a sua miséria, o diabo quer a sua pobreza e você não foi colocado nesse mundo pra você mendigar o pão, pra você ficar devendo pra todo mundo, pra você pedir emprestado, pra você ganhar salário mínimo, pra você trabalhar de empregado”. O fiel não deve trabalhar de empregado; “empregado tem que ser aquele que não tem Deus, aquele que não tem Jesus”. Note-se nessa afirmação a força do sentimento de comunidade - quem é da Universal deve ser próspero; quem não é deve trabalhar para que os fiéis sejam prósperos. Na afirmação do grupo, há uma exclusão que funciona, como observa Elaine Pagels, na identificação do outro com o diabólico. Existe, então, pelo menos uma dupla função na figura do diabo: ao mesmo tempo em que impede o homem de prosperar, sua manifestação naqueles que não são cristãos verdadeiros funciona de modo a fazer o verdadeiro cristão prosperar. Nessa relação, mostra-se a filiação da

Igreja a um discurso econômico capitalista, no incentivo à empresa privada e à obtenção do capital às custas da mais-valia do trabalho do infiel. O bispo continua:

Bispo Mauzer: “Ah, meu amigo, minha amiga, sua vida vai mudar. E sabe quem não está gostando disso? Meu amigo, você sabe quem não está, quem não está achando nada interessante disso? O *diabo*, porque o *diabo* quer a sua miséria, o *diabo* quer a sua pobreza e você não foi colocado nesse mundo pra você mendigar o pão, pra você ficar devendo pra todo mundo, pra você pedir emprestado, pra você ganhar salário mínimo, pra você trabalhar de empregado. Ah, meu amigo, minha amiga, empregado tem que ser aquele que não tem Deus, aquele que não tem Jesus e você diz aí ter Jesus, você diz aí ter Deus, *então vamos, vamos levantar a cabeça, vamos enfrentar o problema e vamos deixar de ser cauda e vamos ser cabeça, meu amigo, minha amiga.* Por isso, eu convido você pra estar conosco segunda-feira; e não é da noite pro dia, como disse aí o bispo Paulo, ele avisou: não é da noite pro dia, não. É com luta, eu estou convidando pra, pra lutar, eu não estou convidando aquele que quer mágica. Não. Não é você que quer mágica, não. “Olha, tem que acontecer logo”. Não, não é uma mágica não. Você que vai lutar, você que está disposto, você que está dizendo: “Olha, eu não aceito isso, não. Eu não aceito eu ser empregado, não”. Você tá aí indignado, você olha pra sua carteira e você vê lá um salário de fome; você olha para, para a escrivanhinha, cheio de contas pra pagar, olha para os filhos e não pode dar o melhor para os filhos. Ô pastor André, isso é de Deus? Isso é de Deus, a pessoa olhar para o filho e não poder dar o melhor para o filho, não poder dar uma roupa bonita para o filho, não poder comprar um sapato bom pra ele, compra um sapato que dura um mês, compra um sapato que dura dois meses? A pessoa não pode comprar coisa boa pra ela. Isso não é de Deus. Pastor André, bom dia.”

No trecho acima, aparece pela primeira vez a expressão ‘deixar de ser cauda para ser cabeça’, na qual *ser cabeça* substitui *ser empresário* e *ser cauda* substitui *ser empregado*.

O bispo continua convidando as pessoas para lutar. Dessa vez, ele enfatiza que a transformação pela fé não acontece por mágica, mas com luta e critica aqueles que exigem que a transformação aconteça rápido, colocando-se na posição enunciativa dessas pessoas com o enunciado: “olha, tem que acontecer logo”. Nesse ponto, nota-se a filiação já comentada da Igreja a um discurso liberal que prevê igualdade de oportunidades para todos - só não vence quem não luta ao lado de Deus e contra o diabo. Essa filiação conduz à imputação da culpa pela não obtenção das bênçãos ao fiel, como já acompanhamos no *O Santo Culto em seu Lar*; aquele que não pertence à Igreja não está lutando; aquele que é fiel e não consegue vencer não está verdadeiramente com Deus, uma vez que a Igreja dá oportunidades iguais de vitória a todos. As leis de economia de mercado são aqui deslocadas para o plano do sobrenatural e sustentadas na instituição

religiosa. Substitui a naturalidade da lei de oferta e procura a provisão divina de igualdade de direitos.

5.1.4 O ESPÍRITO DE REVOLTA

No trecho a seguir, o pastor André fala da luta bíblica de Elías:

Pastor André: “Muito bom dia, bispo Roberto e amigos. A verdade é a seguinte: quando Deus enviava Elias para realizar grandes batalhas, Ele enviava porque Elias tinha um espírito de revolta, Ele enviava porque Elias tinha um espírito de Deus, mas também tinha um espírito de revolta, um espírito revoltado de não aceitar a derrota, de não aceitar a miséria e na verdade, meu amigo, você tem que ter o espírito revoltado, não contra o patrão, não contra ninguém, mas contra a sua situação, porque enquanto você fica parado, enquanto você fica inerte, Deus até quer abençoar, deseja abençoar sua vida, mas não pode, porque o teu espírito tá paralisado, o teu espírito não tem atitude e na verdade, meu amigo e minha amiga, Deus não deu a palavra, Deus não deu o Seu espírito pra você ser envergonhado, derrotado. A verdade, ô bispo Roberto Mauzer, é que a pessoa que tem o espírito de Deus, ela tem a palavra, ela, a pessoa tem a palavra, tem o Espírito Santo e ela não vence, é até uma vergonha a pessoa dizer: “Eu sou de Deus”.”

No primeiro trecho, em itálico, percebe-se um deslize do pastor no discurso religioso católico - enquanto na Igreja Católica, o espírito de Deus se apresenta como primordialmente bondoso e condescendente, na Universal, à misericórdia é aliado um espírito de revolta, de luta; o pastor, no entanto, no trecho acima, opõe ‘ser de Deus’ a ‘ter um espírito de revolta’, com o uso da conjunção adversativa *mas* em: ‘Elias tinha um espírito de Deus, *mas* também tinha um espírito de revolta.’”

Após ilustrar com a revolta de Elias o comportamento que devem ter os cristãos, ele os conchama a se revoltarem. A revolta significa o fim da inércia, a tomada de atitude sem a qual Deus, apesar de querer abençoar, não pode fazê-lo diante de um “espírito paralisado”. Nessa expressão, retorna o sentido de estagnação, anteriormente presente nas palavras ‘nó’ e ‘amarracão’. Note-se ainda que Deus aparece aqui impotente diante da inércia humana. Seu poder de abençoar é condicionado à ‘atitude de fé’ do homem. Este, se não vence, deve sentir vergonha de dizer que é de Deus. Atua, no sentimento de vergonha imposto ao cristão, uma coerção na qual se mostra a importância do simbólico lingüístico: a enunciação da frase “eu sou de Deus” exige um determinado estado caracterizado pela vitória financeira. Ao mesmo tempo, a imputação da vergonha ao

cristão que não é próspero confirma a hierarquia econômica interna à Igreja já observada na orientação argumentativa predominante no *O Santo Culto em seu Lar*, segundo a qual o cristão verdadeiro deve ser abençoado - se o vitorioso é o próspero e a prosperidade depende da luta de cada um, aquele que não prospera não merece dizer que pertence ao 'povo de Deus'.

Na seqüência, o bispo conclama o cristão envergonhado de sua condição financeira a estar na Igreja fazendo a corrente, unindo-se em guerra:

Bispo Mauzer: "Essa pessoa vai na igreja nessa segunda-feira. Meu amigo, você vai 7h da noite, 7h da noite. Ah, você vai estar conosco nessa guerra. O pastor André vai estar com a gente 7h da noite, segunda-feira?"

O pastor André prossegue, confirmando sua presença na corrente, reunião na qual ele quer expelir os demônios da pobreza "em uma só fé, um só propósito":

Pastor André: "Com toda certeza, eu quero orar, quero determinar, expelir esses demônios que é o diabo..."

Bispo Mauzer: "Vai estar onde, pastor?"

Pastor André: "Nós vamos estar na Av. Mauro Ramos, 184, uma só fé, um só propósito. Obreiros, pastores, nós estamos revoltados com essa situação e nós temos a certeza - o Deus da totalidade vai fazer a vitória vir total pra você também."

A expressão "Deus da totalidade", acima, se define em um sentido duplo e convergente na enunciação da Universal: o de que com fé tudo é possível, mas apenas se tudo for fé; se de um lado Deus pode garantir 100% de êxito, o cristão deve ser 100% fiel a Ele, como é afirmado no programa *O Santo Culto em seu Lar*.

A dicotomia Deus/diabo, compondo a guerra entre o bem e o mal, simplifica a visão de mundo dos fiéis - tudo é explicado a partir dessa luta, especialmente os seus problemas. Vejamos os efeitos que esse discurso tem sobre o cidadão - o fiel acredita que existe uma entidade do mal que o faz passar fome, que faz o seu filho ter um câncer, o seu marido se envolver com drogas, enfim... qualquer problema, sob essa ótica, é gerado (e, portanto, deve ser resolvido) no plano do supremo. Uma vez que as entidades espirituais se manifestam nos mortais, e quem as conhece e as distingue é a Igreja, essa instituição passa a ter poder para determinar, por exemplo, o exercício cidadão do voto. Só ela sabe dizer quais são os candidatos 'de Deus'.

Abaixo, o bispo Mauzer continua o convite aos telespectadores:

Bispo Mauzer: “Todas as igrejas vão estar abertas, todas as igrejas Universal do Reino de Deus vão estar abertas aqui na nossa capital, na Grande Florianópolis, mas a reunião dos empresários, vocês me perdoem, mas a reunião dos empresários vai ser concentrada, centralizada na sede estadual, aonde todos os pastores titulares, inclusive o pastor regional aqui da capital, o pastor Elias, estará conosco nessa fé, ali na Mauro Ramos. Eu tenho certeza, pastor Elias, que essa união de fé vai abençoar o povo da Grande Florianópolis.”

Na união de fé que segundo o bispo será a corrente, o pastor Elias afirma que “estarão somando para multiplicarem”, expressão que recorre a um vocabulário matemático:

Pastor Elias: “É, eu só tenho a dizer que nós estaremos somando para multiplicarmos.”

5.1.5 O DÍZIMO

Em sua próxima participação, o bispo Mauzer continua prometendo a vitória. A expressão *eu tenho certeza*, logo no início, proferida por um representante da Igreja, tem um efeito de credibilidade tão inabalável sobre a promessa que a certeza do bispo deve garantir a certeza do fiel: *você pode ter certeza*. O diabo é novamente mencionado - segundo o bispo, ele está revoltado com o “milagre financeiro” que vai acontecer na corrente da prosperidade.

Se, por um lado, fala-se em luta, por outro, promete-se o milagre instantâneo: “nessa segunda-feira vai acontecer o milagre financeiro, vai acontecer, você vai ser abençoado na vida financeira”. Nos exemplos bíblicos, o espírito de Deus guia Jacó, Elias e Eliseu. O efeito das palavras do bispo é, mais uma vez, a sensação de que querer é poder - basta ‘estar em Deus’: Jacó “queria estar por cima e Deus o colocou por cima”. Repete-se nesse ponto, mais uma vez, a filiação ao discurso liberal, que preconiza oportunidades iguais para todos, oferecidas aqui pelo ente divino. Não aceitar a miséria (como fez Jacó) é condição para não tê-la. A miséria é parafraseada por ‘estar/ficar por baixo’, ‘ficar pra trás’, ‘ser cauda’. Nessas expressões, percebe-se mais um dos efeitos sociais da importância dada à prosperidade - ser próspero é estar na frente/por cima, é ser cabeça.

É anunciada mais uma matéria sobre o dízimo, assunto descrito como polêmico. Note-se no trecho sobre a matéria, em itálico, a preocupação da Igreja em desvincular-se da imagem de empresa cujos lucros vêm das doações de fiéis. Primeiro, o bispo Mauzer afirma que *muitas pessoas pensam* que a lei do dízimo foi inventada pelo bispo Edir Macedo, fundador da Igreja, silenciando com a forma genérica o ponto de vista enunciativo da mídia. Ele diz ainda que muitas pessoas pensam, também, que o dízimo é para os pastores, para o seu deleite, sua diversão:

Bispo Mauzer: “Eu tenho certeza, meu amigo e minha amiga, Deus vai te dar a vitória; Jesus vai mudar essa situação. Ah, meu amigo, minha amiga, o diabo tá revoltado com isso, o diabo está revoltado porque você pode ter certeza - nessa segunda-feira vai acontecer o milagre financeiro, você vai ser abençoado na vida financeira. Deus vai te encher do espírito dEle, o espírito que estava em Elias e em Eliseu, o espírito que estava em Jacó, porque Jacó não aceitava a miséria, Jacó não aceitava ficar pra trás, Jacó não aceitava ser cauda, ele não aceitava ficar por baixo, não. Ele queria estar por cima e Deus o colocou por cima. E vamos falar agora, vamos colocar uma matéria que é bastante polêmica, bastante polêmica, pastor André, essa matéria que a gente vai colocar que é, toca, fala do dízimo, fala a respeito do dízimo e nós vamos ver essa matéria agora que diz respeito ao dízimo, vamos acompanhar essa matéria que muita gente pensa que o pastor inventou. Tem muita gente que pensa que foi o bispo Macedo que inventou a lei do dízimo, tem muitas pessoas que pensam que somos nós, tem muita gente que pensa que o dízimo vem pro nosso bolso, tem gente que pensa que o dízimo é pra nós, é para, é para o nosso, o nosso deleite, é para o nosso, é... o, a nossa diversão. Vamos agora saber a respeito, um pouquinho a respeito do dízimo. Vamos lá.”

Matéria sobre o dízimo - entrevista com um pastor de outra religião evangélica, que confirma as origens bíblicas da lei do dízimo.

No trecho abaixo, o ataque à Igreja Católica - o bispo afirma que os padres procurados pela reportagem ou não quiseram dar entrevista ou estavam nas praias, passeando:

Bispo Mauzer: “É, meu amigo, minha amiga, você tá vendo aí, né, é um representante religioso, né. A gente, o pastor Elias, pastor André, a gente procurou pra fazer essa entrevista um representante religioso, não poderia ser nós aqui da Igreja Universal do Reino de Deus, que ficaria assim meio, meio esquisito, né, então a gente procurou um representante, procuramos os padres e não encontramos, né; alguns que encontramos não quiseram dar entrevista, outros que procuramos estavam nas praias, estavam passeando e a gente foi encontrar alguém dos evangélicos, né, alguém dos evangélicos que tem ensinado a respeito do dízimo e é por isso que o dízimo tem sido uma bênção na vida daquele que realmente toma uma atitude, aquele que age, aquele que age, inclusive esse, esse pastor, né, esse pastor que foi bastante simpático com a nossa equipe de reportagem, ele falou a respeito, ali, o pastor Elias, de pessoas que testemunham que são abençoadas na vida financeira. Nós vamos agora acompanhar uma produção, uma produção de uma pessoa que chegou destruída na Igreja, não tinha nada, estava com a vida arrasada, estava com a vida amarrada. Se eu não me engano, é uma senhora, é uma

senhora, né? Dá pra ver o nome dela qual que é? Não tá no ponto ainda, a gente já tinha visto essa pessoa, vamos ver rapidinho pra gente colocar esse, esse testemunho. Tem mais ou menos 9 minutos, uns 9 minutos de testemunho e você vai acompanhar e vai ver que essa pessoa venceu, que a pessoa realmente, pastor Elias, vence, a *pessoa realmente é abençoada quando ela toma a atitude de dar o dízimo.*”

Referindo-se à reportagem, o bispo afirma que a Igreja procurou representantes de outras religiões porque entrevistar alguém da própria Universal ficaria “meio esquisito”. Após o ataque aos padres católicos, ele conta que procuraram “alguém dos evangélicos que tem ensinado a respeito do dízimo *e é por isso que o dízimo tem sido uma bênção na vida daquele que realmente toma uma atitude, daquele que age, aquele que age*”. Por que o dízimo tem sido uma bênção na vida dos que agem? Porque pastores evangélicos têm ensinado a seu respeito? Aqui o bispo faz significar a possibilidade de alcance das bênçãos em outras Igrejas, desde que elas defendam o mesmo que a Universal, como a lei do dízimo.

Mais um testemunho é anunciado; como sempre, a pessoa que depõe é descrita como destruída, com a vida ‘amarrada’, ‘arrasada’ antes de chegar à Igreja e como ‘vencedora’ após o ‘encontro com Jesus’. A dicotomia vencedor/perdedor funciona na imagem da guerra entre Deus e o diabo. O bispo afirma o testemunho como prova - o telespectador verá que “a pessoa realmente é abençoada quando ela toma a atitude de dar o dízimo”. Esse enunciado põe o dízimo como condição necessária e suficiente para a vitória financeira.

5.1.6 ANTES E DEPOIS DA UNIVERSAL

Pastor Elias: “É, bispo, geralmente as pessoas chegam na Igreja Universal do Reino de Deus endividadas, com a corda no pescoço, sem nada, algumas até revirando lata de lixo para comer alguma coisa, é assim que geralmente têm chegado as pessoas aqui na Igreja Universal do Reino de Deus e elas têm aprendido, né, conosco, a servir a Deus, elas têm aprendido a honrar a Deus e Deus tem honrado essas pessoas. É o que diz em Samuel: “aos que me honram, eu honrarei, porém os que Me desprezam serão desmerecidos. Existem muitos testemunhos dentro da Igreja Universal do Reino de Deus, como nós vamos observar, vamos acompanhar, de pessoas prósperas e abundantes, porque Deus tem cumprido as suas promessas na vida daqueles que têm sido fiéis aos mandamentos de Deus.”

Acima, o papel doutrinário da Igreja é afirmado - segundo o pastor Elias, lá os fiéis *aprendem* a servir a Deus. Os pastores passam, então, de amigos conselheiros - como o

pronome de tratamento ‘amigo’ que usam para referir ao telespectador indica - a doutrina. A coerção da Igreja sobre os fiéis atua aqui no papel de serventes de Deus que lhes é atribuído. Vive-se no plano terreno para servir à luta do supremo, honrando a Deus. É assim que Ele os honrará em retorno.

O estágio ‘antes da Universal’ é descrito: as pessoas chegam à Igreja “endividadas, com a corda no pescoço, sem nada, algumas até revirando lata de lixo para comer alguma coisa”.

A ameaça reaparece na citação bíblica de Samuel: “... porém os que Me desprezam serão desmerecidos”.

O pastor menciona mais uma vez os testemunhos como prova da obtenção das bênçãos de prosperidade e abundância na Igreja. A bíblia, utilizada na citação de Samuel, é tomada como fonte da palavra (e da promessa) divina a tal ponto que pode até ser silenciada, como se vê na frase a seguir, em que Deus é o sujeito agente do cumprimento das promessas: “porque Deus tem cumprido as suas promessas na vida daqueles que têm sido fiéis aos mandamentos de Deus”.

Abaixo, o verbo *determinar* na enunciação do bispo Mauzer indica mais uma vez a certeza da obtenção da bênção da vitória:

Bispo Mauzer: “Então, meu amigo, minha amiga, nós estaremos *determinando* essa bênção. Nessa segunda-feira, você não pode faltar, não pode ficar em casa; só não vai vir, só não vai vir, pastor André, aquela pessoa que não quer prosperidade, aquela que não quer prosperidade, aquela que não quer crescer, aquela que tá feliz da vida, ou ela está muito bem financeiramente ou ela está realmente transbordando de bênçãos financeiras, ou ela não é muito chegada a ser próspera, não, a ter dinheiro, não, porque aquela que quer ser próspera, aquela que quer sair da lama, aquela que quer estar por cima e não por baixo, quer sair da cauda e se tornar cabeça, ela vai estar com a gente nessa segunda-feira.”

A promessa se faz forte com a afirmação do bispo de que só não irá à Igreja quem já é próspero ou quem não quer prosperar; novamente, querer é poder. *Prosperar* é parafraseado por ‘crescer’, ‘estar feliz da vida’, ‘estar muito bem financeiramente’, ‘sair da lama’, ‘estar por cima e não por baixo’, ‘sair da cauda e se tornar cabeça’. No trecho abaixo, a ‘palavra de Deus’ é novamente invocada:

Pastor André: “É, na verdade, a pessoa tem que entender o seguinte: a palavra de Deus diz que o menor, a pessoa que está sendo humilhada, a pessoa que está gastando o pouco

que tem... porque nesse momento, nessa madrugada, nessa, nessa noite, nós vamos ficar aqui até madrugada, existe pessoas que tão empenhando a casa pra cuidar de um familiar que tá com câncer, existe pessoas que tão perdendo tudo, existe pessoas que gastam dinheiro, o que ganham e ainda fica devendo. Então, o que que acontece: a palavra de Deus diz, meu amigo, que o menor, o menor, a pessoa humilhada, a pessoa envergonhada, a pessoa desprezada, talvez você seja uma pessoa desprezada, desprezada por todo mundo. *O menor virá a ser mil e o mínimo, uma nação forte. Sabe quem disse isso? Quem disse isso foi o nosso Deus. E se você não ficar parado, se você tomar uma atitude, se você reagir, você vai vencer.* A verdade, bispo Roberto, é que existem pessoas que ela se acomoda, a pessoa se acomoda. Então, a pessoa diz: “bom, se eu perder esse emprego, se eu sair desse emprego, se eu me revoltar, se eu tentar agir pra montar o meu próprio negócio, eu posso me dar mal, eu posso até mesmo perder esse emprego”. Então, ela se acomoda. Então, quando a pessoa age e põe Deus na frente, ela, ela vence.

A citação bíblica diz que “o menor virá a ser mil e o mínimo, uma nação forte”. O menor, na concepção da Igreja, é “a pessoa humilhada, a pessoa envergonhada” e essa, por sua vez, é aquela que não é próspera.

Novamente, o enunciador divino é explicitado em: “Sabe quem disse isso? Quem disse isso foi o nosso Deus”.

Aquele que não entra na luta contra o diabo é o acomodado. A luta, corroborando a filiação da Igreja ao discurso capitalista liberal, é sair do emprego e tentar agir pra montar o próprio negócio. A coragem que essa atitude exige mostra que o fiel “põe Deus na frente”.

Em seguida, o bispo Mauzer toma a palavra, falando sobre os telefonemas recebidos no estúdio.

5.1.7 AS PROVAS: OS TELEFONEMAS, A BÍBLIA, OS TESTEMUNHOS

Bispo Mauzer: “E está aqui a Iraci, ela é da Fazenda Santo Antônio, de São José, ela é católica. A filha está com câncer, pede oração por Márcia, pro José Carlos; e tem aqui o Márcio que é de Joinville, católico, está desempregado, pede oração para arrumar emprego. *Se não for na igreja, ô Márcio, é... não adianta muito, não. Não adianta muito, não. A gente vai orar pra você ser abençoado, só que hoje a oração é pra quem vai na igreja, a oração é pra quem vai na igreja; vá na igreja, vá aí em Joinville.* É muito longe, não dá pra você vir aqui, é longe, então vá em Joinville, vá aí em Joinville, 7h da noite e faça a corrente da prosperidade. Nas igrejas longe, os pastores estarão nessa mesma fé. Nós aqui da Grande Florianópolis entramos numa aliança, fizemos um acordo. Nós vamos todos estar aqui na grande corrente dos empresários na nossa sede estadual 7h da noite. Se você não puder vir 7 da noite, venha às 10 da manhã, às 3 da tarde, mesmo; mas 7h da noite, eu estarei reunido com todos os pastores titulares. As igrejas não vão fechar, não; os auxiliares estarão nas igrejas e os titulares estarão conosco. Eu estarei lá com o pastor Elias, que é o pastor regional que coordena a região da Grande Florianópolis; estarei com o pastor André, que é o pastor que cuida da nossa

sede estadual, estarei com todos os pastores titulares aqui na Av. Mauro Ramos, 184, 7h da noite. Já deu pra você perceber que vai ser forte, hein, meu amigo? Vai ser muito forte essa corrente e olha, você vai estar com a gente? Ligue agora: o telefone é o 2285555. Vai estar com a gente na Av. Mauro Ramos, 184? Está aí o fax e o telefone - 2285555 e o fax - 2287691.”

Note-se a coerção naquilo que os pastores chamam de *convite*: o resultado da oração está condicionado à ida à igreja. Estando direcionada àqueles que assumem o compromisso de ir, a oração “não adianta muito, não” para quem não vai. Interessante observar que apesar de a ênfase no ‘convite’ recair sobre a corrente em Florianópolis e de haver uma insistência dos pastores sobre a força dessa reunião, há um trabalho periférico que conclama o telespectador para ir à igreja em outros horários ou na sua própria cidade, quando ele não mora na capital.

O sentimento de comunidade é reforçado na enumeração dos pastores que estarão na corrente - a quantidade de pastores é prova, para o bispo, de que vai ser uma reunião ‘forte’.

Abaixo, ele continua reafirmando o convite e dizendo que os pastores não estão de olho no dinheiro dos fiéis, aludindo às acusações que a Universal recebe da mídia de enriquecer às custas das doações dos fiéis, como já mencionamos.

A respeito do trecho abaixo, gostaríamos de comentar, ainda, uma estratégia que nos parece importante no arrebatamento de fiéis, recorrente nas enunciações dos pastores - as situações a que eles se referem são exemplos de decorrências de dificuldades financeiras. Qualquer que seja o assunto tratado, são arroladas situações práticas, como dever para um agiota, não ter dinheiro para dar o melhor para os filhos, abrir as gavetas e só encontrar contas para pagar, dentre outros exemplos mencionados durante este programa.

A seriedade das palavras e dos atos dos pastores é reafirmada - “não estamos aqui brincando, não. Não estamos aqui brincando”. Note-se que o *sério* designa o *verdadeiro*, assumindo um sentido que se filia ao discurso da lógica, o qual toma a ‘brincadeira’ como desvio e que repercute em teorias da linguagem para as quais a metáfora é o desvio, a ‘brincadeira’ linguística delegada aos poetas.

O bispo finaliza essa participação propondo provar a seriedade (verdade) de suas palavras por meio de mais um depoimento:

“É... o Dinei Jr., do Estreito, ele pede oração para a sua vida financeira - o carro foi é... o carro foi batido, ele bateu o carro, nós convidamos quem está com a vida financeira arrasada e não estamos de olho no seu dinheiro não, meu amigo e minha amiga, não estamos de olho no seu dinheiro, não. Você, eu convido principalmente quem não tem nada, eu convido quem tá endividado, eu convido você que tá com a vida financeira arrasada, eu convido você que tá com a vida financeira destruída, devendo pra todo mundo, não tem dinheiro pra comprar o melhor pro filho, eu convido você - vá na igreja. Essa situação financeira vai mudar. Vai mudar, meu amigo; vai mudar, em nome de Jesus, vai mudar. Não estamos aqui brincando, não. Não estamos aqui brincando. Eu quero que você agora ligue pra gente, se você vai estar conosco nessa reunião hoje. E quando falamos, provamos. Não apenas falamos, não. Vamos ver a dona Iolanda. Estamos falando aqui que Deus vai te abençoar, que a prosperidade é um dom de Deus. Então, vamos provar na vida de uma pessoa, vamos provar na vida dessa pessoa. Preste atenção.”

Depoimento de dona de imobiliária que está abrindo uma academia de ginástica; morava em um barraco. Propaganda da reunião dos empresários.

No trecho acima, vemos operar a ilusão referencial da linguagem extrapolando da relação palavra-coisa para a relação palavra-situação: o enunciado “quando falamos, provamos” põe o testemunho na posição de situação-prova da verdade das palavras da Igreja, em um silogismo às avessas - se um cristão da Universal é abençoado, todo cristão da Universal será abençoado. Apaga-se, nesse momento, o fato de que só o cristão qualificado como ‘verdadeiro’ recebe as bênçãos. Após este depoimento, o bispo já anuncia outro, atribuindo a vitória desses fiéis depoentes ao “poder de Deus”:

Bispo Mauzer: “Está aí, meu amigo, minha amiga, e olha, o que nós temos pra colocar ainda não é brincadeira, não, não é brincadeira, não; nós temos aí um senhor que ele chegou a ser despejado, ele foi despejado, ele não tinha mais aonde morar. Agora você sabe o que ele tem? 25 casas alugadas, 25 casas alugadas, é isso. É o poder de Deus. Você tá aí na sua casa oprimido, triste, amargurado, infeliz, porque você não tem prosperidade, você não pode comprar o melhor pra sua casa, você quer presentear a esposa comprando é... os móveis de casa, trocando os móveis de casa e você não tem dinheiro, não pode, cê não pode, você tá ganhando salário mínimo, você é empregado. Você tá cansado de ser empregado, tá cansado de ganhar salário de fome, tá cansado? Vá na igreja segunda-feira, hoje, 7h da noite, 7 da noite, meu amigo e minha amiga, 7 horas da noite. Se não der, vá 10h da manhã, às 15h, mas olha, eu estou falando 7, porque 7 vai pegar fogo, meu amigo, todos os pastores estarão conosco, você vai ser abençoado, Deus quer abençoar essa pessoa que está em casa, Pastor André, Deus quer transformar a vida dessa pessoa, Deus quer abrir os caminhos dessa pessoa. Basta ela só dar uma chance pra Deus.

No trecho em itálico, a chamada ao telespectador funciona mobilizando situações práticas decorrentes da falta de dinheiro, como já observamos mais acima. Nesse mesmo trecho, aparece um indício da filiação da Igreja a um discurso machista na formulação que

toma os móveis da casa como objetos da mulher - a casa é, dessa forma, apresentada como um lugar feminino, do qual toma conta a dona-de-casa, e o marido, por sua vez, é tomado como o provedor do dinheiro, aquele que 'presenteia' a mulher com móveis. Essa filiação parece se confirmar na própria hierarquia que rege os representantes da Igreja - existe um estágio anterior ao do cargo de pastor, que é o de obreiro; os obreiros auxiliam em tarefas internas à Igreja, trabalham no recrutamento de novos adeptos, recebem os fiéis e visitantes nos cultos, etc. O que se soma como mais um indício de discurso machista é que apenas os homens podem se tornar pastores; as mulheres permanecem como obreiras.

O convite para o horário em que acontecerá a corrente é reforçado: "7h vai pegar fogo, todos os pastores estarão conosco, você vai ser abençoado". O elemento 'fogo', usado nessa expressão, como afirmamos na análise do *O Santo Culto em seu Lar*, simboliza os dons de Pentecostes.

No final da enunciação do bispo, retorna a figura do Deus benevolente e disposto a abençoar, abrir os caminhos, transformar a vida de quem está em casa; mais uma vez, é acentuada a Sua impotência diante do homem acomodado - a pessoa que quer ser próspera precisa *dar uma chance* a Deus.

Abaixo, o pastor André toma a palavra; destaca-se nesse trecho a importância que assume o simbólico lingüístico como meio de 'comunicação' com o divino - o aflito deve *conversar* com Deus e Ele ouvirá a sua súplica. Veja-se aí a ontologização e a materialização do divino - a conversa se dá quando a pessoa chega "na presença de Deus" e afirma a sua vontade de transformação pelas mãos dEle:

Pastor André: "É verdade. Eu se eu fosse ela, eu não iria de manhã, não, eu ia à noite, porque à noite vai ser algo muito especial, muito forte. Você, minha amiga, talvez não está, não esteja numa condição de exigir muito, não, porque você tá na mão dos agiotas, está perdendo tudo. Amanhã, segunda-feira, você tem cheques para cobrir, os bancos já estão lhe acionando e você não pode esperar mais nada, não. Tem que tomar uma atitude, chegar na presença de Deus e falar: "meu Deus, eu vim aqui pro Senhor mudar a minha vida"; ainda que não aconteça da noite pro dia, mas ela já tá tomando um passo."

Atentemos para a constante lembrança da dificuldade financeira, da má situação do telespectador-alvo: "você talvez... não esteja numa condição de exigir muito, não, porque você tá na mão dos agiotas, tá perdendo tudo. Amanhã, segunda-feira, você tem cheques para cobrir, os bancos já estão lhe acionando e você não pode esperar mais nada, não."

Há nesse trecho, além do apelo a uma situação fatural, a expressão da vulnerabilidade do homem em relação a Deus e à Igreja.

No próximo trecho, o bispo continua falando da situação de quem está submetido à agiotagem:

Bispo Mauzer: “Tem pessoas, como o senhor acabou de falar, que estão nas mãos dos agiotas; tem pessoas que recebem o dinheiro, entra no banco e o agiota vai lá e pega, pega porque você emprestou dinheiro com ele, você emprestou dinheiro com ele e não tem como pagar. Você tá trabalhando hoje pro agiota, você hoje tá com a vida financeira arrasada. Meu amigo, minha amiga, nós vamos ligar, nós vamos ligar, meu amigo e Deus vai abençoar você e Jesus vai mudar essa situação. Não é mágica, eu não estou convidando, convocando pessoas que querem uma mágica, não é mágica, não. Deus vai mudar a tua vida, Deus vai mudar, porque você vai começar a orar, você vai começar a lutar, você vai começar a perseverar, você vai estar com a gente nessa segunda-feira, 7h da noite, 7 da noite, você vai estar com a gente. Ah, meu amigo, não vai ter como Deus não mudar a situação que você está vivendo e eu convoco aqueles que não têm nada, aqueles que não têm nada. Ô pastor Júlio, nós estamos convocando a pessoa que tá talvez no fundo do poço, a pessoa que talvez esteja com a corda no pescoço, nós queremos a sua vida próspera e sabemos, sabemos que Deus vai mudar a situação, pastor Júlio.”

A bênção financeira virá a partir da fé conjunta - “nós vamos ligar, nós vamos ligar, meu amigo e Deus vai abençoar você e *Jesus* vai mudar essa situação”. Por outro lado, mais uma vez, o bispo afirma que não é mágica o que a Igreja promete; a bênção é obtida com luta. A convocação é para aqueles que estão, segundo duas expressões populares, “no fundo do poço”, “com a corda no pescoço”. O verbo ‘saber’, em “*sabemos, sabemos* que Deus vai mudar essa situação”, significa certeza, em um efeito reforçado pela repetição. Ao mesmo tempo, esse verbo remete ao discurso do conhecimento, enquanto saber da verdade divina.

Pastor Júlio: “É verdade, bispo, porque Deus, Deus não fica feliz vendo essa pessoa sofrendo, vendo essa pessoa endividada, pedindo dinheiro emprestado, vivendo de aluguel, não. Chega, meu amigo, chega de tanto sofrimento. É com você que nós estamos falando; Deus, Ele quer que você venha ser abençoado, mas para que isso venha acontecer, você não pode ficar parado, não. Você não pode simplesmente assistir, ficar aí parado, esperando a bênção cair do céu, não. Você tem que tomar uma atitude, tem que ir hoje na Igreja Universal, principalmente às 7h da noite, porque vai ser uma grande, uma grande oração, uma grande oração que a sua vida vai mudar.”

A vontade divina de prosperidade é mais uma vez mencionada, agora na enunciação do pastor Júlio - ser próspero é uma obrigação do homem para que Deus possa estar feliz, porque Ele quer abençoar. A atitude a tomar para fazer a sua felicidade e

a felicidade de Deus é ir à reunião da corrente da prosperidade. A oração será “tão grande”, “tão forte”, como já havia sido afirmado, que os pastores garantem a mudança na vida daqueles que comparecerem.

Abaixo, veremos um pouco mais da relação da Universal com outras religiões:

Bispo Mauzer: “Olha só, ô pastor André, essa pessoa tem que fazer como a Paulina. A Paulina, a Paulina, ó, a Paulina, do Ipiranga, ela é evangélica de outra igreja. Ela diz assim, ó: “estou com muitas dívidas, eu vou nessa igreja aí”. Ela vai na igreja, ela vai largar tudo, vai deixar tudo de lado, não precisa deixar a igreja, não; vai fazer a corrente da prosperidade, não precisa deixar a igreja, não; vai fazer a corrente da prosperidade. Essa pessoa deve fazer isso.”

Ao dizer para a fiel de outra Igreja ir só à corrente e não abandonar a sua Igreja, o bispo simula não querer arrebatar fiéis de outras religiões. Simula, já que é a partir da fé na Igreja, no Deus que *ela* apresenta que ocorrem a bênção e a conversão; quem comparece dá o primeiro passo para a mudança de religião. Por outro lado, com relação ao já fiel, o programa *O Santo Culto em seu Lar* nos mostra que a coerção à sua permanência é realizada a partir da culpa que lhe é imputada pelas suas derrotas e também a partir das ameaças de punição divina pelo seu comportamento carnal.

Pastor André: “É, obviamente ela tem que tomar uma atitude porque o que essa pessoa não pode é ser a vergonha do nome de Jesus. A verdade, bispo Roberto Mauzer, é que é o seguinte: um chefe de família que vê seus filhos pedindo pão e não tem, um chefe de família que precisa dar o melhor e não tem, quer dizer, o homem cai na mão dos agiotas, aí começa as ameaças, começa a ameaçar a família, começa a ameaçar os filhos. O que que o *diabo* incita um homem desse fazer - se matar, se destruir, se acabar, por quê? Porque quem cai na mão de agiota cai na mão do *diabo*; quem cai na mão de agiota, a bíblia diz que ele tá caindo na mão do *diabo*; então, meu amigo, minha amiga, faça como essa mulher, deixa tudo de lado: o preconceito, o orgulho, a soberba, porque você não está em condição de ficar exigindo muito, não, de ficar pensando muito, não. Cê tem que agir pra Deus fazer a mudança imediata.”

Uma expressão de certeza inicia essa enunciação do pastor: ‘obviamente’. A miséria financeira é posta novamente como uma vergonha do nome de Jesus, da comunidade que se denomina ‘os filhos de Deus’.

Note-se que a responsabilidade pelas atitudes não é imputada ao diabo, mas ao homem. O diabo o incita a tomar atitudes auto-destrutivas, mas cabe a ele, como um ser dotado de livre arbítrio, decidir que caminho seguirá. Contrapõe-se ao livre-arbítrio, por outro lado, a descrição da situação de aprisionamento do telespectador-alvo diante da

Igreja: “porque você não tá em condição de ficar exigindo muito não, ficar pensando muito, não”. A promessa agora é “a mudança *imediate*”. A bíblia é invocada para provar que o desespero humano se funda no sobrenatural: “quem cai na mão de agiota, a bíblia diz que ele cai na mão do *diabo*”.

O bispo Mauzer prossegue, comentando os telefonemas recebidos:

Bispo Mauzer: “Pessoas que estão com a vida financeira arrasada, olha só. A Antônia, ela é do Jardim Atlântico, ela pede oração pela vida financeira. É católica e ela disse: “eu vou na igreja também, eu também vou na igreja”. Porque ela quer a vida transformada, meu amigo, minha amiga. Tem aqui a Zena, do Centro, ela diz que é de outra Igreja, não vamos falar de qual Igreja que ela é e ela pede oração pela vida financeira, pois está endividada e vai na igreja hoje, segunda-feira, 7 da noite. Meu amigo, minha amiga, Deus vai abrir o teu caminho, Deus vai abrir o teu caminho. Olha, eu digo pra você uma coisa: chega cedo, porque vai ter gente, vai ter muita gente. Se você chegar um pouco atrasado, vai ficar de pé, vai ficar de pé. Chega cedo, porque nós vamos fazer uma oração muito forte nessa segunda-feira pra Deus abrir os teus caminhos.”

O bispo promete a abertura dos caminhos de quem comparecer à corrente pela força da oração de todos os pastores titulares, que estarão presentes. Os telefonemas de pessoas que vão à Igreja funcionam como provas da verdade da Universal e contribuem para a formação de um espírito comunitário fundado novamente em um silogismo às avessas - se ele vai, todos vão, então eu vou.

No trecho abaixo, acompanharemos o que diz o pastor Elias a partir do pedido de conselho a uma telespectadora feito pelo bispo:

Bispo Mauzer: “Pastor Elias, tem uma pessoa que tá precisando de uma ajuda, um conselho e nessa madrugada, nesse programa, a gente vai aconselhar.”

Pastor Elias: “É a Dilce Celestina, aqui do Centro de Florianópolis. Ela também é evangélica e pede oração pela vida financeira, pois está péssima, está desempregada e morando de favores: “Por favor, me ajude”. Minha amiga Dilce, a senhora é evangélica, mas de repente nós não costumamos ficar convidando pessoas de outras Igrejas, né, nós convidamos os aflitos, os desesperados e nesta noite convidamos os desempregados e os endividados, aqueles que não aceitam uma vida miserável. *Talvez a senhora esteja, desculpa a franqueza, num meio, né, que não lhe transmita nenhum espírito de luta, a senhora esteja num meio em que a senhora não consegue receber, né, um apoio, uma fé pra senhora mudar essa situação. Então, o que acontece - se a senhora está junto de pessoas amarradas, a senhora vai ser amarrada também, se está convivendo com pessoas derrotadas, a senhora vai ser uma derrotada; agora, se a senhora vem para junto de um povo de fé, o povo da Igreja Universal do Reino de Deus é um povo de fé, é um povo vitorioso, eu acredito que a senhora também vai ser uma vitoriosa. Junte-se a nós nesta noite de segunda-feira, 7h da noite, Av. Mauro Ramos, 184. E eu acredito que breve, breve, a senhora vai nos ligar agradecendo a Deus através dessa corrente dos empresários.”*

Vejam a contradição nas palavras do pastor: Ele afirma que a Igreja não convida pessoas de outras religiões, mas sim os aflitos, os desesperados. Mas quem são os aflitos e desesperados? Há três grupos de pessoas: aqueles que não têm religião, aqueles que se filiam a alguma outra religião e os fiéis da Universal não abençoados. A religião de Dulce Celestina, evangélica, é descrita como um meio que talvez não lhe transmita nenhum espírito de luta, não lhe dê fé e apoio para transformar sua vida. Os representantes e praticantes de outras religiões são qualificados como derrotados, amarrados e são contrapostos ao “povo da Universal”, descrito como “um povo de fé”, “um povo vitorioso”. A fé verdadeira, que caracteriza o cristão verdadeiro, é a da Universal. Lembremos que na matéria sobre o dízimo, outra Igreja evangélica foi chamada a corroborar uma prática da Universal. Ao final, o pastor, que no início afirmou que não costumava convidar pessoas de outras religiões para ir à Universal, convida Dilce e afirma a certeza de sua vitória.

Em seguida, o bispo Mauzer prossegue falando de pessoas que telefonaram:

Bispo Mauzer: “E nós temos aqui a Maria do Carmo, de Criciúma, ela pede oração pela vida financeira e ela vai na igreja, acredito aí em Criciúma. Tem aqui a Oneide, ela está desempregada. Oneide, não é por muito tempo, não. Se você realmente fizer o que tá prometendo aqui, você diz que vai na igreja, você é do Bairro de Fátima, é católica e diz que vai estar com a gente na Mauro Ramos, 184, 7h da noite. Ah, meu amigo, todos os pastores titulares estarão conosco aqui da Grande, são da Grande Florianópolis, todos os pastores da Grande Florianópolis, os pastores titulares; as igrejas não vão fechar, não, nós não vamos fechar as igrejas. Os pastores auxiliares estarão nas igrejas recebendo o povo que for lá nas igrejas. *Os titulares fizeram conosco uma aliança, nós fizemos uma aliança*, vamos fazer uma corrente dos empresários muito forte, como nunca foi feita aqui em Florianópolis. Ah, meu amigo, minha amiga, se eu fosse você, até mesmo de outra cidade, eu dava um jeitinho pra estar aqui. Faz uma caravana. Não tem igreja perto da sua casa? Faz uma caravana, meu amigo, venha, venha fazer essa corrente, venha participar conosco, o mal vai sair, a amarração vai sair, a perturbação vai sair, todo o mal vai sair, com certeza.”

Veja-se a promessa de obtenção rápida da graça novamente - o desemprego de Oneide, se ela for à igreja, segundo o bispo, não durará muito tempo.

A palavra ‘aliança’, utilizada em referência à reunião dos pastores na corrente, faz significar a comunidade religiosa e, ao mesmo tempo, reforça a situação de guerra. Nesse trecho, o bispo sugere que as pessoas organizem caravanas para ir à corrente em Florianópolis. Ele prossegue, falando da força da corrente:

“É uma corrente forte, é uma corrente pra você ser liberto, é uma corrente pra Jesus tomar conta da sua vida, é uma corrente que Deus vai mudar essa situação financeira, essa situação financeira vai ser amarrada, o mal que está na sua vida financeira vai sair. Não é, não é bom, meu amigo, não é bom, não é bom você olhar pra sua casa e ver lá a sua criança, sua esposa, a sua família toda amarrada do jeito que está. Você quer o melhor pra eles e não tem dinheiro, você quer, você é um bom homem, você é um bom rapaz, mas você não tá podendo dar o melhor, o melhor pros seus pais, o melhor para os seus filhos, e nessa segunda-feira, vamos orar pelas pessoas que querem crescer na vida financeira, mas tem que ter espírito também, tem que querer crescer, tem que desejar crescer, senão não adianta, não, senão Deus não pode fazer nada, Deus até quer fazer, mas ele vai fazer com aquele que luta, com aquele que persevera. Nós vamos agora a um breve intervalo e logo após o intervalo eu quero voltar com vocês e você já imaginou uma pessoa ser despejada, ela foi expulsa da própria casa e depois Deus mudar a vida, a pessoa passar a ser dizimista e ela hoje tem 25 casas alugadas. Isso não é brincadeira, não. Daqui a pouco, a gente mostra pra você. Vamos ao intervalo e voltamos logo em seguida.”

A primeira seqüência em itálico descreve a vida da qual “Jesus toma conta” como uma vida liberta. Mais uma vez, são usados exemplos de decorrências de problemas financeiros. No segundo trecho em itálico, a renovação das promessas de vitória fazem significar novamente o Deus benevolente, pronto para servir, mas impossibilitado pela falta de vontade e de perseverança do homem. O bispo anuncia, então, mais um depoimento de dizimista bem-sucedido que prova, segundo ele, que a vitória financeira na Igreja “não é brincadeira, não”. Mais uma vez a brincadeira, oposta à seriedade, é sinônimo de desvio.

Propaganda da Universal - cena de pessoas endividadas; definição bíblica do dízimo. Propaganda da reunião dos empresários.

Após o comercial, o bispo reafirma o pedido de que as ligações sejam feitas apenas por quem vai à igreja e torna a comentar os telefonemas já recebidos. A expressão “Jesus abriu os teus olhos” indica que a verdade é descortinada para quem toma a decisão de ir à igreja. O problema financeiro é tomado como “total e completa miséria”:

Bispo Mauzer: “Meu amigo, nós estamos pedindo para ligar para o programa de hoje as pessoas que estão indignadas com a vida financeira e vão na igreja, porque também não adianta, não, você vai na igreja se você tá indignada: “eu não aceito essa vida, eu não aceito essa situação, a minha vida tá amarrada, a coisa não anda, a coisa não vai”, então liga agora - 2285555, 2285555. Ligue se você vai hoje na igreja hoje, segunda-feira, 7h da noite, Av. Mauro Ramos, 184, aonde quer que você esteja morando, nós concentramos a reunião dos empresários na Av. Mauro Ramos, 184. Estaremos ali na sede estadual; você vai estar com a gente? Então ligue agora. Cê tá com a vida financeira arrasada? Temos aqui o Alcedir, ele é do Jardim Atlântico, é católico, está endividado e não tem

condições nem de alimentar a família, está vivendo de favor, está desempregado. Que situação, ô pastor, pastor André! *E ele diz que vai na igreja. Graças a Deus Jesus abriu os teus olhos e você vai estar com a gente, hoje à noite, 7h na Av. Mauro Ramos, 184. Olha só a situação desta pessoa - Alcedir - está com total e completa miséria em sua vida.*"

No trecho abaixo, o pastor André fala da inércia do desempregado. A atitude que ele deve tomar é fazer um projeto e ir à igreja, tomando o cuidado de não falar com outras pessoas para o diabo não roubar o seu projeto. Vê-se novamente, como no programa *O Santo Culto em seu Lar*, a corporificação do diabo no ser humano - o diabo pode agir nas pessoas e fazê-las roubar os projetos alheios. A entrada na igreja é garantia da realização da promessa:

Pastor André: "E na verdade é o que faz um homem desempregado. Ele não pode fazer nada, ele fica inerte, ele fica paralisado, ele fica sem ação. Meu amigo, não espere mais tempo, não. Toma uma atitude. Agora, eu falo uma coisa pra você e para todas as pessoas: não saia de casa de qualquer jeito nessa segunda-feira, não. Já faz o teu projeto aí dentro da sua casa e venha pra igreja e também, mais uma coisa - não pára pra conversar com ninguém, não converse com ninguém; tiver que vir a pé, vem a pé rápido; se tiver que pegar ônibus, pega ônibus, não converse com ninguém para o diabo não roubar o teu projeto, porque quando você entrar na igreja, Deus vai realizar."

Abaixo, o bispo confirma o milagre de realização do projeto prometido pelo pastor André para quem entrar na Igreja. Ele cita mais telefonemas das pessoas que vão à igreja e volta a sugerir que as pessoas fiquem em suas cidades, ao contrário do que fez em outros momentos, nos quais estimulou a formação de caravanas para ir a Florianópolis.

No segundo trecho em itálico, após a menção aos telefonemas, efetua-se a ontologização de Deus na determinação atribuída a Ele pelos acontecimentos internos à Igreja: os pastores titulares são descritos como aqueles sobre os quais *Deus colocou a responsabilidade* de uma igreja.

O bispo continua convocando os telespectadores que estão com problemas financeiros, mesclando o vocabulário que adquire um sentido particular na enunciação da Universal - 'amarrado', 'arrasado', 'indignado', 'revoltado' - e situações decorrentes de dificuldades financeiras - não ter dinheiro para comprar comida, estar endividado.

Bispo Mauzer: "Ah, meu amigo, vai realizar mesmo. Vai realizar o milagre, vai colocar a mão na tua vida e olha, você vai ser abençoado. As pessoas estão ligando e estão dizendo que vai. Ó só: a Jurema, de Tubarão, ela é evangélica, está desempregada e trabalha no comércio, comerciária. Olha, minha amiga, lá em Tubarão acho que é meio

longe, é meio longe, você sair de lá e vir pra cá fica meio difícil, ainda mais nessa época do ano - tá difícil, as ruas tudo parada; então vai ao pastor Carlos, 7 da noite, estará realizando essa reunião dos empresários. Nós temos aqui a Dalva, ela é do Centro, é católica, é estagiária, estagiária, não dá pra entender estagiária do quê. Ela está endividada e vai na igreja. Tem também aqui Celina, da Praia Comprida, ela pede oração pela vida financeira que tá toda amarrada, e ela vai na igreja. Tem aqui também a Linda Mir, ela é da Palhoça, ela é católica, pede oração pela prosperidade e vai na igreja 7h da noite. Minha amiga, estaremos juntos na Mauro Ramos, 184, *nós, todos os pastores que são os pastores titulares, os pastores que Deus colocou a responsabilidade sobre eles daquela igreja estarão conosco, na sede estadual e você é o nosso convidado. Você que tá com a vida arrasada, você que está com a vida amarrada, você não tem nada, como esse rapaz que tá endividado, não tem nem dinheiro pra comprar comida, você quer ir na igreja, você vai na igreja. Ligue pra gente agora. Ligue agora - 2285555. Mas liga se você está revoltado e vai na igreja, liga você que está indignado e vai na igreja - 2285555.*"

Mais um testemunho é anunciado para a fé do telespectador 'crescer ainda mais'. Em todos os testemunhos, a miséria da vida do depoente antes de entrar na Universal é descrita; em seguida, fala-se da sua prosperidade atual como algo de Deus, em oposição à miséria e à dívida - coisas do diabo. A ida à corrente é posta como condição necessária e suficiente de obtenção da graça no enunciado: "É uma situação diabólica que tem que se reverter e você que vai reverter essa situação indo hoje na igreja, 7h da noite, Av. Mauro Ramos, 184". A miséria financeira é mais uma vez descrita como decorrente de um estado de estagnação, pelo uso da palavra 'prostração':

"E eu quero, meu amigo e minha amiga, que você saia dessa prostração. Eu vou colocar pra você agora, pra sua fé crescer mais ainda esse, esse homem; o pastor fez uma entrevista, a gente gravou essa entrevista na casa da própria pessoa. Vamos acompanhar. Esse homem que chegou a ser despejado e hoje tem 25 casas alugadas. Nós vamos acompanhar. Tem carro, tem telefone, hoje o homem é próspero, hoje o homem é rico, porque Jesus abençoou e riqueza é de Deus, prosperidade é de Deus, miséria é do diabo, dívida é do diabo. Você tá no sufoco, você tá com o pé na lama, na lama, tá afundado com a corda no pescoço? É uma situação diabólica que tem que se reverter e você que vai reverter essa situação indo hoje na igreja, 7h da noite, Av. Mauro Ramos, 184. Tenha fé, prestando atenção no testemunho desse homem. Vamos lá."

Testemunho. Pare de sofrer. Definição bíblica do dizimo.

Após o testemunho, o bispo volta a reafirmar a certeza da vitória de quem participar da corrente:

Bispo Mauzer: "Muito bem, meu amigo, minha amiga, nós estamos aqui com todos vocês e eu tenho certeza que Jesus, ele vai dar a vitória pra você nessa segunda-feira. Ô Pastor André, tem algumas pessoas que estão ligando e nós vamos dizer aqui - faça, meu amigo, como essas pessoas: elas vão na igreja, elas vão na igreja, elas estão passando

por problemas financeiros e elas estão dizendo aqui que vão na igreja. Tem aqui o André, de Itajaí, ele é católico, pede oração pela vida financeira, está toda amarrada: “vou na igreja”, está aqui, ó, “vou na igreja”. Olha, meu amigo, minha amiga, você que está com a vida financeira arrasada, é nessa segunda-feira, é hoje, hoje, segunda-feira. O meu amigo aqui no mínimo vai lá em Itajaí, né, Itajaí é meio longe pra chegar até aqui, é difícil, a estrada tá difícil, não tá fácil. Ele vai lá em Itajaí. Você da Grande Florianópolis deve comparecer aqui. Por exemplo, Luiz, de Kobrasol, ele é, ele tá dizendo aqui ó: “estou com problema na vida financeira e vou na igreja e vou na igreja e vou vencer, eu vou na igreja e vou vencer”. Ele já determinou, pastor André, que vai e vai vencer.”

Mais uma vez, os telefonemas dos telespectadores são usados como provas da verdade da Igreja: “faça, meu amigo, como essas pessoas: elas vão na igreja, elas vão na igreja, elas estão passando por problemas financeiros e elas estão dizendo aqui que vão na igreja”.

Note-se que no trecho acima, como em alguns outros, é mencionada a religião do telespectador que faz a ligação, o que comprova pessoas de outras Igrejas como parte do público do programa.

Abaixo, o pastor André define o espírito do vencedor como um espírito determinado. A bíblia é citada como a garantia do apoio de Deus ao projeto. A atitude de fé é descrita como uma atitude *inteligente*, qualificador que traz à tona o discurso racional, o qual se opõe ao discurso religioso da fé:

Pastor André: “Esse é o espírito da pessoa. A pessoa tem que ter essa determinação no coração. É aquilo que eu tava falando - a pessoa não tem que chegar na igreja, esperar chegar o horário pra simplesmente ir na corrente dos empresários, não. A bíblia fala: “se projetas (se projetas, hein) alguma coisa, isso te sairá bem. A luz de Deus brilhará em teu caminho”. E ainda que você desça, ainda que você fique na miséria, endividado, fracassado, perca tudo, mas Deus disse que colocará você para cima, então, meu amigo, a sua atitude é muito inteligente, você vai à igreja, já leva o seu projeto no coração, porque quando for determinado, então a sua vitória é garantida.”

Em seguida, o bispo pede ao pastor que relate os telefonemas:

Bispo Mauzer: “E algumas pessoas que ligaram...”

Pastor André: “E temos aqui do Centro a Janete Nasser, ela é do Centro, ela tem problemas financeiros e ela vai na igreja; tá aí, ó, a fé da pessoa. A Marlene Vicente, lá da Costeira, ela é católica, ela pede oração pela família e pela vida financeira. E nessa segunda-feira, ela diz: “eu vou na igreja, na Av. Mauro Ramos, 184”.”

Na descrição do telefonema de Alessandra e Guaraci, abaixo, percebemos a incorporação do vocabulário da Igreja pelos telespectadores, com o uso da palavra

‘amarrada’. Uma outra telespectadora é denominada ‘empresária desesperada’, não fica claro se pela Igreja ou por si própria. Já a fiel da Universal, Maria Helena, apesar de estar com dificuldades financeiras, não recebe qualificador algum.

Bispo Mauzer: “E tem aqui a Alessandra e o Guaraci. Eles são de Criciúma, são católicos: “*estamos afastados e a nossa vida está totalmente amarrada, mas nessa segunda-feira, nós vamos aqui em Criciúma*”. Tá ligado, minha amiga e meu amigo e Deus vai te dar a vitória. Tem também aqui a Norma, ela é empresária, é de Blumenau, ela pede oração pelo primo que está em coma e ela vai nessa segunda-feira lá em Blumenau nessa mesma fé com o pastor Carlos. *Uma empresária desesperada*, não colocou o nome dela aqui, uma empresária desesperada, ela é de Criciúma, é católica, está assistindo o programa e vai na igreja aí no antigo Cine Ópera, em Criciúma, no antigo Cine Ópera. O pastor Sidney vai estar nessa guerra, nessa garra, orando nessa reunião dos empresários. A Maria Helena, do Centro, esteticista, ela é da Igreja Universal do Reino de Deus, pede oração pela vida financeira, para os clientes pagarem; os clientes tão dando, dando calote aí na dona Maria e ela vai nessa segunda-feira na Mauro Ramos na corrente dos empresários, 7h da noite. Ah, meu amigo, minha amiga, eu quero que ligue quem vai, hein? *Eu quero que ligue aqui pra gente quem vai, porque nós vamos ligar a fé e não vai ter e não vai ter nada que vai impedir você hoje, segunda-feira, de comparecer aqui na Av. Mauro Ramos, nº 184. O telefone tá aí - 2285555. Ou você pode mandar um fax - 2287691.*”

Na seqüência, o bispo anuncia mais um depoimento para provar que prosperidade é de Deus. O depoimento, segundo ele, é “bem rapidinho, mas fala muita coisa boa”. Deus é ontologizado novamente em “Ele quer que você venha a ter vida regalada, meu amigo”. O diabo, também ontologizado, é descrito mais uma vez como revoltado com o programa sobre prosperidade - ao contrário de Deus, que quer a riqueza, ele quer a miséria. A consideração da prosperidade como um dom de Deus, como já vimos, silencia as circunstâncias histórico-políticas que condicionam a situação financeira das pessoas; para ser próspero basta crer em Deus (tal como Ele é apresentado pela Igreja) e obedecer ao Pai (a ela).

“Nós vamos agora a mais um depoimento, bem rapidinho o depoimento, curto, mas olha, fala muita coisa boa. Hoje, essas pessoas comem o que querem comer, vestem o que querem vestir, mas antes estavam morando na rua, antes não tinham nada na vida. *Prosperidade é de Deus, riqueza é de Deus e Deus, Ele quer que você venha a ter vida regalada. Meu amigo, eu estou falando vida regalada. E sabe quem está revoltado que nós estamos falando de prosperidade aqui pra você? O diabo, o diabo tá revoltado, porque ele quer a sua vida miserável, ele quer a sua mão, a sua vida nas mãos dos agiotas, o diabo quer a sua vida financeira precária, destruída, devendo pra todo mundo. E Deus? Deus quer riqueza, Deus quer prosperidade, a vida regalada é dom de Deus, meu amigo e minha amiga. Ligue pra gente você que vai hoje na igreja, hoje. Se você quiser, vá de manhã, 10h, 3 da tarde; mas olha, a reunião mais forte vai ser às 7 da*

noite. Eu estarei junto com todos os pastores titulares da Grande Florianópolis. Compareça. Vamos ao testemunho desse casal. Vamos lá.”

Testemunho: ex-presidiário condenado por tráfico de drogas e ex-menina-de-rua, casados e 'recuperados'.

Filhos de Deus. Propaganda da reunião dos empresários.

O bispo volta a falar da relação do 'povo de Deus' com a prosperidade. Define-se aqui o que o cristão deve fazer para prosperar, o que caracteriza a verdadeira fidelidade a Deus - o cristão deve: acreditar nEle, fazer a prova do dízimo, dar ofertas, orar, determinar, fazer correntes. No entanto, note-se a repetição da contradição já ocorrida no programa *O Santo Culto em seu Lar*:

Bispo Mauzer: “Meu amigo, minha amiga, nós estamos falando hoje aqui de prosperidade, dinheiro. Deus quer te abençoar financeiramente? Será que é de Deus a riqueza? A riqueza, a prosperidade, dinheiro é de Deus? É ou não é? Nós não podemos, é claro, ter o coração nessas coisas; nós não podemos ter o coração nessas coisas. Nós temos que ter o coração em Deus, em Jesus, mas a nossa vida financeira, Deus tem que cuidar dela. Jesus tem que cuidar dela e tem que nos dar o melhor. E Ele nos dá quando nós acreditamos nEle, quando fazemos a prova do dízimo, quando damos, damos nossas ofertas, quando estamos ali na igreja orando, determinando, fazendo nossas correntes, Deus prospera, Deus dá a riqueza. Pastor Elias, Deus prospera aquele que busca, Deus prospera aquele que luta, Deus prospera aquele que crê, aquele que tem fé e essa pessoa deve tomar uma atitude pra sair dessa lama, pra sair de baixo e ser colocada por cima e deixar de ser cauda e ser cabeça. Deus quer que essa pessoa tenha prosperidade. Pastor Elias.”

Prosperidade e dinheiro são coisas de Deus, mas não se pode tê-las no coração porque no coração deve-se ter Deus. Mas não são essas coisas de Deus? Deus não deve cuidar delas? Não se deve fazer um projeto financeiro e lutar para realizá-lo? Então como não ter a cabeça nessas coisas? Como tomar uma atitude para ser próspero sem se concentrar no dinheiro? A oração pelo dinheiro, que é uma forma de manter o pensamento na riqueza, não faz parte da luta pela vitória? E a vitória, nessa orientação argumentativa, não é a própria riqueza, a prosperidade? Então como não 'ter a cabeça' nesses valores?

Para provar que 'riqueza é de Deus', o pastor Elias lança mão da bíblia:

Pastor Elias: “É, e eu estou aqui com essa palavra aqui na minha mão. O senhor tá falando aí, eu tô vasculhando aqui a bíblia, até que encontrei que também é dom de Deus que possa o homem comer, beber e desfrutar o bem de todo o seu trabalho. Isso é dom de Deus. Quantas pessoas estão comendo mal, morando mal, não é, se vestindo mal, quer dizer, com uma vida toda ruim e Deus diz aqui em Eclesiásticos, 3, que é dom de Deus

que o homem coma bem, desfrute, né, de todo o bem de seu trabalho. *Quantas pessoas se matando de trabalhar não desfruta de nada.*”

O bispo, em seguida, refere ao trecho já citado pelo pastor Elias, o qual diz afirmar que Deus quer a vida do homem “regalada”. A promessa do fim do sofrimento é reafirmada. O sentido de comunidade reaparece em: “liga a sua fé com a gente”. A chamada é ampla: envolve profissionais com nível universitário, empresários, ou analfabetos, como é o caso do homem que prestará o próximo depoimento.

Note-se que a força atribuída discursivamente ao nome ‘Deus’ faz significar a certeza da vitória pela tautologia em: “*Deus é Deus e vai te abençoar*”. A fé do telespectador é invocada pelos verbos em: “*creia nisso, confie nisso*”.

Bispo Mauzer: “Talvez a pessoa esteja hoje falando assim: “Poxa, eu tô aqui querendo morrer, eu tô aqui querendo me matar, eu tô aqui com a vida destruída, arrasada, o marido saiu de casa e vocês falando de dinheiro, e vocês falando aí de, de dar oferta, de dízimo”. Mas tá aqui a bíblia, é a palavra de Deus, é dom d’Ele que você coma o melhor, é... que você tenha vida regalada, meu amigo. Todo o sofrimento vai acabar e eu tô pedindo pra ligar hoje aqui é... as pessoas que vão na igreja hoje, eu tô pedindo pra ligar as pessoas que vão pra igreja hoje. Você vai? Então liga a fé com a gente. Liga a sua fé com a gente. Ó aqui, o... a Marisa, de Ponte de Imaruim, ela é advogada e está com a vida amarrada e vai na igreja 7h da noite, ali na Mauro Ramos. Ah, meu amigo, minha amiga, não fica em casa, não. Toma uma atitude. Você talvez seja advogado, um empresário, você é formado, talvez você não, não é formado em nada, você talvez não saiba nem ler e nem escrever, como esse rapaz que hoje é dono de 25 casas, 3 lojas, mais de 30 linhas de telefone e mal e mal sabe assinar o nome. Deus é Deus e vai te abençoar. Ele vai mudar essa situação financeira. Creia nisso, confie nisso, ligue pra gente agora - 2285555, ou então 2287691. É o nº do fax. A Tânia Oliveira, de Camboriú, ela está endividada e vai na igreja nessa segunda-feira. O Gelson Luiz, também de Camboriú, pede oração pela vida financeira. Vai na igreja. Tem aqui é... a nossa amiga Ernani, ela é de Biguaçu, ela pede oração pela vida financeira - “Eu vou na igreja nessa segunda-feira”. Ah, meu amigo, não fique em casa, não fique em casa, vá. Av. Mauro Ramos, nº 184. Eu estarei junto, junto, ligando minha fé com a fé de todos os pastores titulares. O pastor de Biguaçu, o pastor da Costeira, o pastor do Jardim Atlântico, o pastor de Barreiros, o pastor regional, da sede regional ali da nossa Pe. Miguelinho, 96, o pastor, este que é o segundo pastor ali, o pastor Elias, estará conosco também ali na Rua, Av. Mauro Ramos, 184, nessa fé, determinando a sua vitória, 7h da noite. Vamos agora à família do Broca. A família do Broca chegou na igreja destruída, arrasada e hoje está abençoada por Deus, hoje tem tudo, tem loja, tem prosperidade, não falta nada. Jesus abençoou.”

Depoimento do casal do Broca

5.1.8 PROMESSA DE VITÓRIA - O DIABO NÃO VENCE O LUTADOR

O bispo Mauzer convida agora explicitamente ‘aquele que quer ser rico’ para ir à igreja. A passagem de empregado a empregador é novamente mencionada como condição para a obtenção da vitória. A felicidade de Deus é mais uma vez condicionada à prosperidade do homem: “você tá ganhando salário mínimo e Deus não tá feliz com isso, não”. Como a situação do telespectador vai mudar? Através da fé, da luta, da perseverança; com esses ingredientes, “não tem diabo que segure essa pessoa”:

Bispo Mauzer: “Vamos lá, meu amigo, minha amiga, você pode ligar agora. Você pode ligar. Você tá com a vida financeira arrasada, amarrada, você quer mudar de vida? Olha, Deus não quer sua vida financeira arrasada, não. Jesus quer você próspero, Jesus quer você abençoado e você é aquela pessoa que está indignada? Meu amigo, minha amiga, você está indignado de ser empregado, você quer deixar de ser empregado, *você quer ter prosperidade, você quer ter riqueza, você quer ser rico mesmo, quer ser abençoado financeiramente, quer mesmo?* Então vá na igreja hoje, segunda-feira, hoje, 7h da noite. *Você tá ganhando salário mínimo e Deus não tá feliz com isso, não.* Você talvez esteja até desempregado, talvez você diga assim: “poxa, mas como, ô pastor, como, bispo, eu vou arrumar um emprego e a minha vida vai mudar assim?” *Meu amigo, é através da fé.* Talvez você esteja desempregado e pensando: “mas como que eu vou ser empresário? Deus vai mudar essa situação. *É na fé, é na perseverança, é na dedicação; quando a pessoa luta, ô pastor, pastor André, quando a pessoa luta, quando a pessoa persevera, quando ela sai da prostração, quando ela toma uma atitude, ah... não tem diabo que segure essa pessoa, pastor.*”

Em seguida, o pastor André recorre à bíblia para mostrar a força de Deus: “mas a palavra de Deus diz que Ele irá adiante, que Ele quebrará as portas, despedaçará as portas, quebrará as correntes de ferro para trazer o tesouro escondido a você”. O tesouro escondido aqui é a prosperidade. O pastor explica, então, o que é fé, opondo-a à razão: “você não pode ficar contestando, olhando a situação pela lógica, não. Você tem que olhar pela fé e a fé não é razão, a fé é certeza daquilo que nós esperamos e a convicção de fatos que não se vê”. Essa definição carrega consigo uma lei dessa Igreja: é proibido duvidar; é obrigatório crer.

Mais um apelo é feito àquele que por sua miséria financeira é humilhado, zombado, escarnecido - ele deve “virar a mesa em cima do diabo”:

Pastor André: “Mas não tem mesmo, porque o senhor tá falando uma coisa que é evidente na vida de muita gente. A pessoa diz: “Mas como que eu vou montar essa empresa, como que eu vou construir, como que eu vou comprar um carro zero, como que eu vou dar a volta por cima?” *Mas a palavra de Deus diz que Ele irá adiante, que Ele*

quebrará as portas, despedaçará as portas, quebrará as correntes de ferro para trazer o tesouro escondido a você, meu amigo. Agora, você tem que agir, você não pode ficar contestando, olhando a situação pela lógica, não. Você tem que olhar pela fé e a fé não é razão, a fé é certeza daquilo que nós esperamos e a convicção de fatos que não se vê. Se você quer ver Deus atuando na sua vida, mudando essa situação, porque talvez você esteja aí agora humilhado, todo mundo zomba de você, escarnece, debocha, você é chamado atenção todos os momentos e a hora é agora. Você deve virar a mesa em cima do diabo, tomar uma atitude e vencer, porque do contrário, meu amigo, você vai ficar aí a vida toda querendo, tendo vontade, vontade, mas não podendo saciar essa vontade.”

O pastor cita símbolos de *status* da nossa sociedade capitalista como exemplos da riqueza a ser obtida na Igreja: o carro zero, a casa própria, a condição de empresário.

Abaixo, o bispo continua a relatar os telefonemas recebidos. Novamente a situação de guerra é invocada: “Então, vamos estar juntos, vamos estar nessa guerra juntos e Jesus vai te dar a vitória”.

Bispo Mauzer: “Olha aqui, ó, a Fátima, do Estreito, ela teve três empresas e perdeu todas e ela disse - vai na igreja, ela vai estar com a gente na Av. Mauro Ramos, 184, 7h da noite. Tem aqui também a Marisa, ela é microempresária de Campinas e ela quer prosperar no trabalho dela e ela diz - vai na igreja na Mauro Ramos, 184. A Maria, de Itajaí, ela é evangélica, está com dívidas e está tendo dificuldade para pagar e ela diz - vai na igreja. Minha amiga, compareça, vai mesmo. E se você vai, você tá com problema financeiro, tá com a vida amarrada, quer prosperar, você quer crescer, você quer montar o próprio negócio. Então, vamos estar juntos, vamos estar nessa guerra juntos e Jesus vai te dar a vitória. Av. Mauro Ramos, 184. Você vai? Então liga pra gente agora - 2285555, ou então envie um fax - 2287691. Ligue você que vai, você que vai nessa segunda-feira, 7h da noite. Vamos agora a um testemunho lá na Terra Santa. O bispo Paulo Roberto, ele conversou com o pastor Ricardo, conversou com uma pessoa da Itália. Vamos acompanhar essa entrevista e voltamos logo em seguida.”

Peregrinação à Terra Santa: - pastor Ricardo entrevista uma fiel de Roma, ex-suicida, depressiva.

Slogan: Pare de sofrer. Procure o Deus vivo na Igreja viva. Universal, onde o milagre é algo natural.

Propaganda da reunião dos empresários.

Após o testemunho na Terra Santa, chega a hora de encerrar o programa. O encerramento é sempre feito com uma oração. Os pastores pedem aos telespectadores que tenham um copo com água (eles mesmos têm cada um o seu) para beber no final da prece.

Nesse programa, o bispo quer “apresentar o copo a Jesus para que Ele possa orar pela vida do telespectador”. O copo com água substitui o apelo dos santos adorados em outras religiões, como a católica, e rechaçados pelas igrejas evangélicas; simboliza o contato com o divino.

Bispo Mauzer: “Chegou o momento de nós orarmos, orarmos por você, determinarmos a sua vitória. Vamos orar por todos os que estão sofrendo, gemendo e padecendo. É momento de oração. Se for possível, coloque um copo com água aí perto do televisor, pra que a gente possa apresentar pra Jesus e orar pela sua vida. É momento de oração no programa aqui *Palavra de Vida* e eu tenho certeza - você, meu amigo que sofre, você que geme, você que padece, você que a vida está arrasada, amarrada, talvez as coisas estejam dando tudo errado, chegou o momento de apresentarmos a sua vida a Deus e vamos falar com Jesus.”

Note-se a falsa democratização da oração - enquanto durante todo o programa, os pastores avisaram que a oração seria dirigida a quem vai à igreja, na oração eles dizem estar pedindo por *todas as pessoas que estão sofrendo*. A oração é uma conversa com Deus, o momento em que a vida dos telespectadores será apresentada a Ele. O bispo pede que Ele dê coragem e força para que aquele que está sofrendo vá à Igreja, já que é essa a primeira atitude de fé a ser tomada. Pede a Deus, também, que Ele conduza o Seu povo. Nesses dois pedidos, Deus é tomado como responsável pelos sentimentos e atitudes dos homens - Ele os conduz à transformação do antes para o depois da Universal, do sofrimento para a alegria, da miséria para a riqueza; durante todo o programa, no entanto, o responsabilizado por sua miséria ou vitória é o próprio homem. O último pedido a Deus é para que Ele consagre a água de quem está orando. Aqui, os poderes sobrenaturais são chamados a atuar sobre um ente da natureza - a água - para que ela “se transforme em vida”; a palavra ‘vida’ aqui assume o sentido de vida abençoada na Terra.

Oração: “Meu Deus e meu Pai, em nome do Senhor Jesus, entramos juntos na Tua presença e apresentamos agora *todas as pessoas que estão sofrendo, todas as pessoas que estão passando por uma situação difícil, caótica*, pessoas que nesse momento, meu Pai, meu Deus e meu Rei, chegam a pensar em dar cabo da sua própria vida. Meu Deus, existem pessoas que estão desenganadas, desenganadas da medicina, existem pessoas que tá dando tudo errado, meu Pai, a coisa tá, tá amarrada, pessoas que estão desempregadas, endividadas, tá perdendo tudo, pessoas que estão perdendo tudo. Ó meu Deus, eu quero que, que haja uma transformação. Coloca no coração dessa pessoa força, coloca no coração dessa pessoa coragem, coloca no coração dessa pessoa vontade para que ela vá na igreja, para que ela vá na igreja hoje, segunda-feira, meu Pai, compareça na igreja, participe na igreja dessa corrente forte, dessa oração forte que nós vamos fazer hoje, 7h da noite, a reunião dos empresários. Ah, meu pai, conduz o teu povo, conduz essa pessoa e em nome de Jesus ela será abençoada pelo poder do Pai, pelo poder do Filho, pelo poder do Espírito Santo. Consagra essa água, abençoa essa água. Na hora que bebermos, devemos beber vida. Em nome de Jesus, amém e graças a Deus. Graças a Deus meu amigo, minha amiga, juntos vamos beber a água ungida, a água consagrada pelo poder de Deus.”

O bispo termina o programa reforçando o convite para a corrente. Note-se o uso da palavra ‘pacto’, mais uma que remete a situações de guerra. A referência a Deus como ‘rei’, por sua vez, nos remete a um estado de hierarquia monárquica que corrobora a relação de obediência que a Igreja exige que os fiéis tenham com Deus (ou com ela) - o mandatário e os súditos. Remete, ainda, aos relatos bíblicos da submissão do povo judeu a Roma. O vocabulário matemático entra novamente em cena - o pacto “multiplicará” a reunião dos empresários.

Bispo Mauzer continua: “Então, meu amigo, o que resta é deixarmos aqui o nosso convite. Compareça hoje, 7h da noite, reunião dos empresários, Av. Mauro Ramos, nº 184. Todos os pastores que são pastores responsáveis pelas igrejas, os pastores titulares estarão conosco na Av. Mauro Ramos, 184. *Há um pacto entre nós, há um pacto entre nós para fazermos uma reunião de empresários muito forte, para que ela possa se multiplicar. Eu tenho certeza que Deus vai te dar a vitória.* Av. Mauro Ramos, 184, 7h da noite. Até lá.”

clip musical

5.2 A ARGUMENTAÇÃO

5.2.1 A CULPA É SUA

No *Palavra de Vida*, tal como no *O Santo Culto em seu Lar*, uma das conclusões para a qual o programa orienta argumentativamente aponta para a culpa do cristão pela não obtenção das bênçãos. Essa conclusão é formulada já no início da enunciação dos pastores:

C1 “... *se você não está prosperando é porque você está longe de Deus, ou você está desobediente às leis de Deus.*”

A partir da análise do programa *O Santo Culto em seu Lar*, compreendemos que ‘estar longe de Deus’ e ‘estar desobediente às leis de Deus’ funcionam como paráfrases do cristão carnal. A carnalidade é, novamente, o erro do cristão, o que impede que ele seja abençoado; no entanto, no *Palavra de Vida*, ela não é sequer nomeada. A ênfase, neste programa, se dá sobre o milagre da prosperidade alcançada por intermédio da Igreja.

Analizamos o movimento entre os dois programas pelo conceito de condições de produção da enunciação. Com a alteração no modo de confecção dos dois programas, mudam os sujeitos interlocutores - *O Santo Culto em seu Lar* é gravado em um culto e dirigido a fiéis e *Palavra de Vida* é feito para TV e dirigido a telespectadores, sendo este grupo caracterizado em grande parte, como vimos no item 5.1, por fiéis potenciais, e não por já fiéis. Uma diferença fundamental nesses dois grupos - o fato de uns ainda não terem sido submetidos aos discursos da Universal e outros já - gera uma alteração no objetivo das enunciações nos programas e, conseqüentemente, nos seus focos argumentativos.

5.2.2 PROSPERIDADE É DE DEUS

Se o afastamento de Deus e a desobediência às Suas leis impedem a prosperidade e, por conseguinte, a aproximação com Ele e a obediência às Suas leis a possibilitam, a conclusão acima (C1) funciona como argumento para uma outra conclusão, a de que

C2 *Prosperidade é de Deus e miséria é do diabo.*

Os predicados do período pré-conversão, os quais definem esse período pela miséria e pelas conseqüências que ela acarreta, argumentam para as conclusões C1 e C2.

Os predicados parafrásticos são as seguintes:

Antes da Universal

- a) vida amarrada, arrasada;
- b) amarração financeira;
- c) vida financeira arrasada;
- d) padecimento, aflição, desespero, desengano;
- e) vergonha, desprezo, humilhação;
- f) situação difícil, caótica;
- g) impossibilidade de saciar suas vontades;
- h) estar com a corda no pescoço;
- i) estar na lama;
- j) ser cauda;
- k) estar por baixo;
- l) estar no fundo do poço.

Os predicados exegéticos exemplificam situações decorrentes da miséria financeira. A única exceção é o predicado a, que aponta sentimentos do cristão em relação à verdade divina:

Antes da Universal

- a) preconceito, orgulho, soberba;
- b) pensamento em suicídio;
- c) fracasso na vida financeira;
- d) trabalho de empregado;
- e) desemprego;
- f) mendicância do pão;
- g) empréstimos financeiros;
- h) salário mínimo;
- i) salário de fome;
- j) contas para pagar;
- k) impossibilidade de comprar coisas boas para os filhos e para si;
- l) dívidas;
- m) recolhimento de comida em latas de lixo;
- n) aluguel;

o) sofrimento de agiotagem.

Em oposição ao período pré-conversão, define-se o período 'depois da Universal', cujas paráfrases funcionam também como argumentos para as duas conclusões formuladas acima, fazendo significar a promessa do milagre:

Depois da Universal

- a) vida regalada;
- b) vida transformada;
- c) o mal na vida financeira vai sair;
- d) o mal, a amarração, a perturbação, todo o mal vai sair.

Um predicado exegético, por sua vez, condiciona a certeza das paráfrases à luta do cristão:

Depois da Universal:

- a) tempo de luta, de atitude;

Tal como no programa *O Santo Culto em seu Lar*, a predicação exegética de Deus expressa Sua vontade de abençoar a todos contrariada, por outro lado, pela efetivação da bênção só para o cristão verdadeiro. No entanto, no *Palavra de Vida*, com o silenciamento da dicotomia cristão carnal/cristão verdadeiro, este último adquire o sentido de 'fiel da Universal'. Os predicados fazem significar uma contradição - se alguns prometem a vitória financeira a qualquer um que for à corrente da prosperidade (cf. s-z), sendo reforçados pelo efeito de querer é poder (cf. a-r), outros afirmam que só quem honra a Deus na Universal, dando o dízimo e as ofertas, orando, perseverando, será abençoado (cf. aa-gg).

Deus

- a) é grande;
- b) deu o Seu espírito e a Sua palavra ao homem;
- c) disse que o menor virá a ser mil e o mínimo uma nação forte;
- d) colocou Jacó por cima porque ele queria estar por cima;
- e) quando tirou o povo do Egito, conduziu-o para uma terra abundante, abençoada, próspera; não levou o povo para a miséria e para a escassez;
- f) disse que colocará o homem por cima ainda que ele desça, fique na miséria, endividado, fracassado, perca tudo;
- g) quer que o homem viva bem, viva regaladamente, abundantemente;

- h) quer a riqueza do homem;
- i) quer riqueza, quer prosperidade;
- j) quer abençoar a vida financeira do homem;
- k) quer dar o melhor;
- l) não quer a vida do homem pequena;
- m) não quer o homem com a vida arrasada, amarrada;
- n) não fica feliz de ver o homem sofrendo, endividado, pedindo dinheiro emprestado, vivendo de aluguel;
- o) não quer que o homem viva mendigando o pão;
- p) tem que cuidar da vida financeira do homem;
- q) tem que dar o melhor;
- r) não está gostando da vida financeira do telespectador;
- s) quer abençoar essa pessoa que está em casa, quer abrir os caminhos dela, quer transformar a sua vida;
- t) quer que o telespectador venha a ser abençoado;
- u) vai mudar a situação do telespectador e enchê-lo do espírito d'Ele;
- v) vai realizar quando o telespectador entrar na igreja;
- w) vai abençoar o telespectador;
- x) vai mudar a situação do telespectador;
- y) vai dar a vitória ao telespectador;
- z) vai abrir o caminho do telespectador;
- aa) diz em Samuel: "aos que me honram, eu honrarei; porém os que me desprezam serão desmerecidos";
- bb) prospera quando o fiel faz a prova do dízimo, dá ofertas, ora, faz correntes;
- cc) prospera aquele que luta, que busca, que crê, que tem fé;
- dd) quer abençoar mas não pode enquanto o homem fica inerte;
- ee) até quer fazer, mas Ele vai fazer com aquele que ora, que persevera;
- ff) tem cumprido as suas promessas na vida daqueles que têm sido fiéis aos seus mandamentos;
- gg) tem honrado os fiéis da Universal que têm servido e honrado a Ele;

A ameaça se faz presente nos predicados de Deus, com a citação de Samuel: "aos que Me honram, Eu honrarei, porém os que Me desprezam serão desmerecidos". 'Honrar', no programa *O Santo Culto em seu Lar*, significa lutar de acordo com os preceitos da Igreja para ser abençoado, preceitos esses vastamente especificados nas definições do cristão carnal, do cristão verdadeiro e da conversão. No *Palavra de Vida*, tudo o que sabemos que a luta requer (e por meio dos predicados de Deus, uma via indireta) é a junção à Igreja, oração e doações monetárias. O silenciamento da dicotomia

cristão carnal/cristão verdadeiro faz com que a conversão (e a conseqüente obtenção das bênçãos) pareça bem mais fácil.

A tautologia 'Deus é Deus' faz significar as paráfrases vistas no programa *O Santo Culto em seu Lar*, que definem Deus como perfeito e onipotente. Os sentidos da palavra 'Deus' já estão de tal forma fortalecidos que sua repetição a enche de sentidos. A inserção da tautologia no enunciado "Deus é Deus e vai te abençoar", por sua vez, como já observamos, significa a certeza da bênção garantida pela magnitude divina.

5.2.3 CONVERTA-SE E VOCÊ SERÁ ABENÇOADO

Aos predicados exegéticos de Deus, aos predicados exegéticos e parafrásticos dos períodos antes e depois da Universal e às conclusões C1 e C2 somam-se os predicados parafrásticos do cristão verdadeiro como argumentos que orientam para uma terceira conclusão:

C3 Se você se juntar à Igreja Universal, orar, der o dízimo e as ofertas, você será abençoado.

As paráfrases do cristão verdadeiro são as seguintes:

Cristão verdadeiro

- a) aquele que luta, que crê, que tem fé;
- b) aquele que ora, que persevera;
- c) aquele que põe Deus na frente;
- d) os fiéis da Universal que têm servido e honrado a Deus.

O cristão verdadeiro não recebe predicados exegéticos; estes, no programa *O Santo Culto em seu Lar*, junto aos da conversão, definem por meio de exemplos as atitudes que o cristão deve ter. Por outro lado, ao passo que as referências ao cristão verdadeiro ocorrem em menor quantidade no *Palavra de Vida*, as referências ao diabo aumentam em relação ao *O Santo Culto em seu Lar*. Em ambos os programas o diabo justifica a não consecução das bênçãos pela legitimação da carnalidade; no *Palavra de Vida*, no entanto, a carnalidade significa apenas afastamento físico da Igreja, falta de oração e de doações financeiras. A figura diabólica, portanto, além de orientar para as conclusões já expostas acima, orienta para a conclusão que segue:

C4 Porque você está afastado da Igreja (e, portanto, próximo do diabo) você não é próspero.

Um predicado exegético é utilizado nos dois programas: o diabo se sente 'revoltado' com a Universal. Os predicados exegéticos do diabo são os seguintes:

O diabo

- a) ficou revoltado porque os pastores iniciaram o programa falando de riqueza, de prosperidade;
- b) ficou revoltado com o milagre financeiro a se realizar na corrente da prosperidade;
- c) incita o não abençoado na vida financeira a se matar, se destruir, se acabar;
- d) não quer a prosperidade do homem;
- e) quer a vida do homem miserável, na mão dos agiotas;
- f) quer a miséria e a pobreza do homem;
- g) quer a vida do homem precária, devendo pra todo mundo;
- h) quer roubar o projeto de prosperidade do cristão.

A prosperidade recebe um predicado parafrástico e um exegético que, ao relacioná-la à condição cristã, por meio das palavras 'bênção' e 'sagrada', funcionam como argumentos para a conclusão segundo a qual a conversão à Igreja é condição necessária e suficiente para a sua obtenção. O predicado parafrástico:

Prosperidade

- a) a bênção financeira.

O predicado exegético:

Prosperidade

- a) uma coisa sagrada.

Como já observamos, do rol de paráfrases das atitudes necessárias para a conversão (e a conseqüente obtenção das bênçãos) não constam várias referências à carnalidade do cristão expostas no programa *O Santo Culto em seu Lar*. O efeito de que 'querer é poder' significa:

Para ser próspero, o cristão precisa:

- a) ter um espírito de revolta contra a sua situação;
- b) não aceitar a derrota;
- c) agir, tomar uma atitude;
- d) reagir, não ficar parado;
- e) honrar a Deus.

Esses predicados parafrásticos, unidos aos do cristão verdadeiro, começam a definir a conversão. No entanto, a explicitação das atitudes a serem tomadas para que a conversão de fato aconteça (e com isso, o cristão seja próspero) aparecem nos predicados exegéticos de Deus já mencionados.

O cristão não abençoado, aquele que está afastado da Igreja e de seus preceitos, recebe o seguinte predicado parafrástico:

O cristão não abençoado

a) a vergonha do nome de Jesus.

Essa paráfrase confirma a hierarquia entre o cristão verdadeiro e o cristão carnal, fundada no critério ‘obtenção de bênçãos’, em especial a da prosperidade.

5.2.4 OS PASTORES E O TELESPECTADOR-ALVO

No *Palavra de Vida*, dois outros referentes são construídos por meio do mecanismo definitório e atuam na construção do fio argumentativo: ‘pastores’ e ‘telespectador-alvo’. Dos primeiros, consideramos as referências coletivas; do último, a predicação do pronome ‘você’.

Os predicados exegéticos dos pastores afirmam a sua autoridade para falar de prosperidade e, especialmente os que se referem à corrente da prosperidade, o seu poder de tornar essa bênção possível na vida do cristão. Esses predicados se juntam aos outros argumentos que orientam para as conclusões formuladas acima (C1-C4):

Os pastores

- a) conhecem um pouquinho da palavra de Deus e, por isso, devem falar sobre prosperidade;
- b) estão revoltados com a pobreza do telespectador;
- c) vão orar por todos os que estão sofrendo, gemendo e padecendo;
- d) convidam quem está com a vida financeira arrasada;
- e) não costumam ficar convidando pessoas de outras religiões;
- f) convidam os aflitos e os desesperados e, nessa noite, os desempregados, os endividados, aqueles que não aceitam uma vida miserável;
- g) nesta noite, pedem para ligar só quem vai à igreja;
- h) não estão de olho no dinheiro do telespectador;

- i) quando falam, provam;
- j) querem a vida do telespectador próspera e sabem que Deus vai mudar a sua situação de miséria;
- k) vão ligar a fé e não vai ter nada que impeça o telespectador de comparecer na Igreja Universal;

Na corrente da prosperidade:

- l) vão orar pelas pessoas que querem crescer na vida financeira;
- m) enquanto Deus não prosperar o povo, não mandar a bênção, não vão parar de clamar;
- n) vão dar um basta na amarração financeira;
- o) têm certeza de que o Deus da totalidade vai fazer a vitória vir total para o telespectador também;
- p) estarão somando para multiplicar;
- q) estarão determinando a bênção da prosperidade;
- r) estarão na mesma fé;
- s) vão brigar para Jesus abençoar e mudar a situação de miséria de quem for;
- t) vão fazer uma oração muito forte para Deus abrir os caminhos de quem for.

Configura-se, nos predicados dos pastores, a falsa democratização da Igreja: os pastores dizem que “vão orar por todos os que estão sofrendo, gemendo e padecendo” mas, em outros momentos, pedem para ligar “só quem vai à igreja”. Outra contradição já observada na análise do programa é a afirmação de que eles não convidam pessoas de outras religiões, mas “os aflitos e os desesperados”, grupo no qual se incluem, como vimos no item 5.1, telespectadores de outras religiões; aliás, a prevalência desses telespectadores fica clara nos telefonemas recebidos.

Compõem mais um conjunto de argumentos para as conclusões expostas acima (C1, C2, C3 e C4) os predicados parafrásticos e exegeticos atribuídos ao telespectador-alvo. As paráfrases descrevem a sua miséria financeira e sua vontade de prosperar:

Você:

- a) tá no sufoco, com o pé na lama, tá afundado com a corda no pescoço;
- b) tá com problema financeiro, tá com a vida amarrada;
- c) tá aí na sua casa oprimido, triste, amargurado, infeliz, porque você não tem prosperidade;
- d) quer prosperar, quer vencer, quer montar o próprio negócio;

Os predicados exegeticos:

Você:

- a) não foi colocado no mundo para mendigar o pão, pra ficar devendo para todo mundo, pra pedir emprestado, pra ganhar salário mínimo, pra trabalhar de empregado;
- b) tem que ter o espírito revoltado contra a sua situação;

- c) tem que agir pra Deus fazer a mudança imediata;
- d) tem que chegar na presença de Deus e dizer: “meu Deus, eu vim aqui pro Senhor mudar a minha vida”;
- e) tem que tomar uma atitude; tem que ir hoje à Igreja Universal;
- f) tem que ter prosperidade;
- g) tem que ser uma pessoa próspera, rica no lado financeiro, no lado do dinheiro;
- h) vai estar conosco nessa guerra;
- i) vai ser abençoado na vida financeira na corrente da prosperidade;
- j) não pode faltar (à corrente da prosperidade);
- k) não pode ficar em casa;
- l) não pode ficar parado, simplesmente assistir, ficar parado, esperando a bênção cair do céu;
- m) vai reverter essa situação diabólica na corrente da prosperidade;
- n) não está em condição de ficar exigindo muito, pensando muito, não;
- o) não pode ficar contestando, olhando a situação pela lógica, não; tem que olhar pela fé;
- p) deve virar a mesa em cima do diabo, tomar uma atitude e vencer, porque do contrário você vai ficar a vida toda querendo, tendo vontade, mas não podendo saciar essa vontade;
- q) tá ganhando salário mínimo e Deus não está feliz com isso;
- r) tá ganhando salário mínimo, é empregado, tá cansado de ser empregado, tá cansado de ganhar salário de fome;
- s) emprestou dinheiro com o agiota e não tem como pagar;
- t) quer, é um bom homem, é um bom rapaz, mas não está podendo dar o melhor, o melhor para os seus pais, o melhor para os seus filhos;
- u) talvez esteja aí agora humilhado, todo mundo zomba de você, escarnece, debocha, você é chamado atenção em todos os momentos;
- v) talvez não esteja em condição de exigir muito, não, porque você tá na mão dos agiotas, tá perdendo tudo, amanhã você tem cheques para cobrir, os bancos já estão lhe acionando e você não pode esperar mais nada, quer dar o melhor para a sua família e não tem dinheiro;

Os predicados exegéticos descrevem a sua miséria financeira e a sua impotência diante dessa situação, além de afirmar a sua presença na corrente da prosperidade, a possibilidade de mudança por meio da fé e as atitudes que o cristão deve tomar para prosperar.

6 ARGUMENTAÇÃO E DISCURSO

6.1 O MECANISMO DEFINITÓRIO

As definições, realizadas por meio de predicados parafrásticos e exegeticos, constituem o processo fundamental de construção da argumentação nos programas *O Santo Culto em seu Lar e Palavra de Vida*. Ao construir referentes que funcionam como conceitos-chave na enunciação da Igreja Universal, elas acabam por construir o lugar da própria Igreja entre outras religiões, na vida do fiel e na sociedade. Nossa perspectiva nos possibilita a compreensão de que isso não se dá por acaso e de que tampouco é um mecanismo absolutamente intencional e controlado pelos sujeitos falantes. Existe uma fundação, um espaço onde a história e a ideologia constroem lugares de significação, que é o interdiscurso. O sujeito enuncia filiando-se a posições desse espaço de construção da subjetividade. Em nossas análises, procuramos compreender que lugares de significação emergem nos dois programas, analisando as enunciações dos representantes da Igreja Universal do Reino de Deus ao falar em nome dela.

A partir da consideração do interdiscurso, vem a compreensão de que os sentidos (das palavras, dos enunciados) não são fixos, mas se constroem na enunciação. Dessa forma, processos de significação como o parafraseamento e a definição são desestabilizados.

A desestabilização do parafraseamento se dá na compreensão de que dois enunciados não estão em relação parafrástica permanente, mas que essa relação se dá pela coesão e pela consistência textuais, tais como as define Guimarães (cf.p.12)⁹. É no ato enunciativo, dadas as condições de produção dos enunciados, que eles reenviarão um ao outro parafrasticamente, em um mecanismo ressonante, conforme caracteriza Serrani.

⁹ Chamamos atenção para o fato de que o conceito de consistência como a remissão de uma forma ao acontecimento enunciativo (Guimarães, 1995) traz para a compreensão da construção dos sentidos a presença do interdiscurso. Dessa forma, a textualidade é tomada como um *efeito* de finitude física, já que um texto se constrói sempre em sua relação com outros textos. Temos, assim, a compreensão de que as relações de paráfrase tampouco estão presas a um texto demarcado empiricamente. Elas se constroem em relações intertextuais/interdiscursivas, como observamos em nossas análises da dicotomia cristão verdadeiro/cristão carnal.

Com relação à definição, por sua vez, tradicionalmente adota-se uma noção¹⁰ que, em nosso *corpus*, enquadra os predicados parafrásticos, já que as paráfrases são compreendidas como redefinições, mas não necessariamente os predicados exegeticos, que juntos compõem características do referente, mas que isoladamente não o redefinem. Entretanto, as análises discursivas que realizamos nos fizeram compreender o funcionamento enunciativo de ambos os predicados, conjuntamente, como definitório, cada um atuando de uma forma - as paráfrases fazendo ressoar os sentidos dos referentes; os predicados exegeticos direcionando as interpretações do referente e/ou de suas ressonâncias de forma a identificar esses referentes no universo social dos fiéis.

Para explicitar esse movimento completivo entre os dois tipos de predicados, revejamos alguns exemplos das predicções de Deus, do cristão carnal e do diabo no programa *O Santo Culto em seu Lar*. A paráfrase ‘Deus é perfeito’ tem sua significação desenvolvida pela Igreja nos predicados exegeticos, tais como: ‘Deus dá tempo ao homem para que ele se arrependa’, Ele ‘quer abençoar’, Ele só não abençoa quando ‘fica impedido pelo comportamento carnal do homem’. Os predicados exegeticos relacionam a perfeição divina à condição que o bispo se propõe explicar no programa: o fato de alguns cristãos não serem abençoados. O cristão carnal, que recebe a paráfrase ‘não é 100% Deus’, é caracterizado socialmente nos predicados exegeticos por meio de comportamentos que qualificam a carnalidade; assim, qualquer pessoa que ‘fale palavrões’ ou que ‘seja orgulhosa’ ou que ‘vá à igreja com o coração longe de Deus’ é classificada como carnal. Para legitimar a carnalidade, por outro lado, é necessário caracterizar uma força opositória à perfeição divina; entra em cena o diabo. Sua paráfrase: ‘opositor de Deus’, mesmo não formulada nos programas, é desenvolvida nos predicados exegeticos: ‘não tem nada para dar ao cristão’, ‘fica furioso porque não quer que a palavra de Deus penetre no coração do cristão’.

Argumentos e conclusões não são estanques - conclusões acabam servindo como argumentos para outras conclusões e os mesmos argumentos orientam para mais de uma conclusão. Com a construção dos referentes, forma-se uma espécie de teia argumentativa.

¹⁰ Repetimos aqui a definição do verbo ‘definir’ que expusemos no capítulo 2: “enunciar os atributos essenciais e específicos de (uma coisa), de modo que a torne inconfundível com outra”.

Os conceitos de coesão e consistência operam juntos na formação dessa teia - se a coesão nos permite que identifiquemos, por exemplo, quais predicados se juntam a cada referente por meio de anáforas, repetições nominais, etc., é pela consistência, que traz para a análise o acontecimento enunciativo e com ele a fundação interdiscursiva do dizer, que compreendemos o direcionamento da enunciação realizada na junção dos predicados.

No próximo item, trataremos da compreensão que nossa perspectiva discursiva nos possibilitou no que diz respeito aos movimentos argumentativos entre um programa e outro.

6.1.2 OS MOVIMENTOS DAS DEFINIÇÕES ENTRE OS PROGRAMAS

O SANTO CULTO EM SEU LAR E PALAVRA DE VIDA

Nos dois programas, especialmente no *Palavra de Vida*, observamos referências a outras religiões, algumas vezes corroborando a prática da Universal, como no caso da lei do dízimo, outras vezes contrariando-a, como na contraposição entre a Universal e outra religião evangélica como meios de fé e sem fé, respectivamente. A necessidade de explicitar seus dogmas definindo conceitos-chave da Igreja e especialmente de fazê-lo por meio de comparação e/ou de oposição a outras religiões se explica na história da Universal - para uma religião nova, que surge na segunda metade deste século combatendo outras religiões já estabelecidas no Brasil (especialmente a Católica, que possui o maior número de fiéis no país), dizer qual é o seu Deus é dizer que Ele não é o mesmo Deus das outras religiões, embora algumas vezes abordar a coincidência de preceitos seja uma forma de legitimar as suas práticas.

Nas definições, em especial as de Deus, da bíblia e dos pastores, é formulada a autoridade da Igreja ao falar em nome de Deus, autoridade essa que estabelece o lugar da Universal como o da verdadeira Igreja - os pastores afirmam que são representantes de Deus, que Ele determina a hierarquia interna à Igreja, que falam o que o Espírito Santo coloca no seu coração, etc. O argumento por autoridade se funda a partir de dois imaginários: o imaginário religioso do Deus perfeito, onipotente e onisciente e o que toma

o escrito como escritura; o entrecruzamento desses discursos atribui à bíblia o sentido de 'palavra de Deus'.

A face onipotente de Deus, ao mesmo tempo que possibilita a realização de milagres, pune os que não se comportam de acordo com seus preceitos. Nesse ponto realiza-se a coerção, sob a forma de ameaça: se o cristão não se comporta da forma que a Igreja preconiza, "então a coisa vai ficar muito ruim", uma consequência que é interpretada de duas maneiras, de acordo com as diferentes orientações argumentativas do programa *O Santo Culto em seu Lar*, a primeira das quais coincidente com a do *Palavra de Vida*: o cristão "vai continuar levando uma vida de sofrimentos, de miséria, de aflições, de dores"; a outra orientação adiciona ao sofrimento terreno a negação da entrada no Reino de Deus. No *Palavra de Vida*, o sofrimento terreno imputado a quem não é de Deus é confirmado na citação de Samuel, segundo a qual aos que honram a Deus, Ele honrará, mas os que O desprezam serão desmerecidos. O cristão que não se comporta adequadamente é o cristão carnal; o cristão correto, por sua vez, assume o qualificador discursivo 'verdadeiro'. Essas duas categorias funcionam de forma diferente nos dois programas. Vejamos como isso se dá.

A orientação argumentativa do *Palavra de Vida* repete a orientação predominante do *O Santo Culto em seu Lar*, conduzindo à condição necessária e suficiente da conversão para o alcance das bênçãos terrenas e à tomada dessas como medida de detecção para o cristianismo verdadeiro. Essa orientação argumentativa emerge dos discursos capitalista e liberal - o primeiro, tomando como medida hierarquizante a consecução de bens materiais; o segundo, preconizando que quem luta seguindo os preceitos da Universal vence, seja no setor financeiro ou em qualquer outro, já que as oportunidades de obtenção das bênçãos são oferecidas a todos por Deus e potencializadas pela Igreja.

No programa *O Santo Culto em seu Lar*, o discurso liberal aparece nos predicados de Deus, que o definem como justo, perfeito, disposto a abençoar a todos sem fazer secção das pessoas, e também na imputação da culpa pela não consecução das bênçãos ao fiel devido ao seu comportamento carnal. Outra manifestação desse discurso se dá nas definições do cristão verdadeiro e da conversão, que constróem a imagem de que o cristão que luta é abençoado. Da mesma forma atua a definição do cristão carnal, ao

instituir a punição (não obtenção de bênçãos (terrenas ou não) como consequência natural da má conduta do fiel. O discurso capitalista emerge na contraditória afirmação de que a Rede Record, por visar ao lucro, tem o direito de exibir uma programação carnal.

No *Palavra de Vida*, o discurso liberal se repete na reafirmação de que o cristão que luta segundo os preceitos da Igreja vence. Esse discurso aparece também na citação bíblica de Jacó, que colabora para o efeito de que querer é poder: “Jacó queria estar por cima e Deus o colocou por cima”. Outra manifestação está no incentivo para que o cristão tenha o próprio negócio, tornando-se empresário. O discurso capitalista aparece na afirmação de que “empregado tem que ser aquele que não tem Deus, aquele que não tem Jesus”, a qual põe aquele que não é fiel da Igreja Universal na posição de realizador do trabalho cuja mais-valia sustentará o fiel.

Apesar da coincidência entre a orientação argumentativa predominante do programa *O Santo Culto em seu Lar* e a orientação do *Palavra de Vida*, o deslocamento do foco argumentativo entre um e outro produz mudanças de sentido. No *O Santo Culto em seu Lar*, o foco se dá sobre a culpa e o erro do cristão carnal pela não consecução das bênçãos; no *Palavra de Vida*, sobre a possibilidade de alcance do milagre da prosperidade na Igreja. Neste programa, a dicotomia cristão carnal/cristão verdadeiro é silenciada, bem como os sentidos da conversão. A partir do silenciamento, os sentidos são alterados no intradiscurso de cada um dos programas. Explicaremos agora como isso acontece.

No programa *O Santo Culto em seu Lar*, o cristão carnal é nomeado e extensamente definido. Suas paráfrases o caracterizam como aquele que não é 100% Deus, seus predicados exegéticos exemplificam comportamentos considerados carnis, funcionando de forma a enquadrar os fiéis insatisfeitos com a não obtenção das bênçãos na Universal como carnis e culpá-los pelos seus infortúnios.

Já no *Palavra de Vida*, como afirmamos acima, a dicotomia cristão carnal/cristão verdadeiro é silenciada. O cristão carnal (não nomeado) recebe duas paráfrases que repetem as do *O Santo Culto em seu Lar*: ‘estar longe de Deus’ e ‘estar desobediente às leis de Deus’, inseridas na conclusão que orienta para a culpa do fiel pela sua vida não abençoada. A ênfase sobre a possibilidade do milagre, por outro lado, faz aumentar o número de referências ao diabo e à situação de miséria do telespectador-alvo (esta

comparada à condição próspera prometida para quem se juntar à Igreja), além de trazer à tona o poder dos pastores em determinar a bênção financeira.

Enquanto no programa *O Santo Culto em seu Lar* os numerosos predicados parafrásticos e exegéticos do cristão verdadeiro unem-se aos predicados e paráfrases da conversão como argumentos para a conclusão segundo a qual quem age como cristão verdadeiro (convertido) é abençoado, no *Palavra de Vida*, o cristão compreendido por meio de nossa análise intertextual como 'verdadeiro' recebe apenas quatro predicados parafrásticos, os quais confirmam a orientação argumentativa predominante no *O Santo Culto em seu Lar*, que vincula as bênçãos ao cristianismo verdadeiro. No entanto, sem a nomeação e a ostensiva definição do cristão carnal, no *Palavra de Vida* a carnalidade ganha o sentido de um afastamento físico do não abençoado em relação à Igreja Universal; dessa forma, cria-se o efeito de que basta juntar-se à Universal, orar e fazer ofertas financeiras à Igreja para ser um cristão verdadeiro e, portanto, abençoado. Essa conclusão, por sua vez, é corroborada pelo silenciamento dos sentidos da conversão; a ausência da sua definição, aliada à ausência da pregação exegética e à diminuição na quantidade de paráfrases do cristão verdadeiro, cria o efeito de que a conversão pressupõe uma mudança de atitude por parte do cristão cuja consequência natural é a obtenção da bênção da prosperidade.

A miséria e a riqueza são características dos períodos antes e depois da Universal, respectivamente. No *O Santo Culto em seu Lar*, o período antes da Universal é marcado pela carnalidade; já o período depois da Universal é distinguido pelo verdadeiro cristianismo o qual, na orientação predominante do programa, é caracterizado pelas bênçãos. Estas são, nos dois programas, o marco divisor entre os dois períodos. A diferença é que no *Palavra de Vida*, a partir do efeito de que a conversão ao verdadeiro cristianismo se dá pela aproximação física da Igreja, se estabelece o sentido de que todo fiel da Universal é cristão verdadeiro e, portanto, abençoado, o que, como vimos no *O Santo Culto em seu Lar*, não se confirma faturalmente.

O diabo aparece nos dois programas com a mesma função - a de legitimar a força opositória a Deus, que incita o cristão a ter atitudes carnis e contra a qual ele deve lutar para ser abençoado. No *O Santo Culto em seu Lar*, a carnalidade é primordialmente

definida pelos prazeres mundanos; no *Palavra de Vida*, ela é a incitação do cristão a atitudes auto-destrutivas.

No *Palavra de Vida*, entram no jogo argumentativo as definições dos pastores e do telespectador-alvo. Os pastores são definidos pelo seu poder em determinar a bênção da prosperidade, afirmando o lugar da Igreja Universal como o lugar da verdade divina - Deus quer prosperar o povo e essa Igreja entende essa vontade e a torna possível na vida dos fiéis. O telespectador-alvo, por sua vez, é definido pela sua miséria financeira e pelas atitudes que deve tomar para ser próspero.

As bênçãos geram contradições no discurso da Universal. No programa *O Santo Culto em seu Lar*, percebemos uma orientação argumentativa predominante que faz uma associação necessária entre cristão verdadeiro, cristão abençoado na Terra e vencedor. Segundo essa orientação, as bênçãos terrenas, em especial a prosperidade, são o critério para a qualificação de um cristão como verdadeiro e como vencedor. No entanto, algumas paráfrases do vencedor o desvinculam das bênçãos e o caracterizam pelo sofrimento e pelas bênçãos na vida após a morte, orientando argumentativamente para a conclusão segundo a qual o vencedor (ou o cristão verdadeiro) é aquele que entra no Reino dos Céus; para ser admitido no Reino de Deus, o fiel deve lutar 'pela comida que não perece'. Essa mudança marca uma nova interpretação da citação bíblica da igreja de Sardes - o "Livro da Vida" do qual será retirado o nome do cristão carnal não se refere mais à vida terrena, mas à vida após a morte. Nessa orientação argumentativa, o ônus da carnalidade é ainda maior - sofrimento em vida, pela ausência das bênçãos terrenas e sofrimento após a morte, sem a vida eterna no Reino dos Céus. É com essa última consequência de suas atitudes que o cristão carnal deve se preocupar. Contribui para essa orientação a inclusão do dinheiro, do trabalho e dos negócios na lista de interesses carnis.

Essa contradição argumentativa, como vimos, permeia o texto do *O Santo Culto em seu Lar* à medida que o fiel é chamado a lutar e perseverar pelas bênçãos que deseja, mas ao tempo, não pode ter 'o coração nessas coisas'. Por outro lado, a própria Igreja Universal apresenta, em dois momentos, o comportamento carnal que critica: a primeira vez, quando incentiva e recebe doações dos fiéis, doações cujo objetivo é dar dinheiro para recebê-lo de volta como uma bênção de Deus, o que caracteriza um comportamento

explícito de busca do lucro, um investimento que exige que tanto quem dá quanto quem recebe ‘tenham o coração no dinheiro’; a segunda vez, quando caracteriza a Rede Record como uma emissora comercial que pelo lucro exhibe uma programação imprópria para quem não é de Deus. A Universal, mantendo tal emissora, apresenta um comportamento duplo e, portanto, carnal.

No *Palavra de Vida*, a definição da prosperidade como uma coisa sagrada, de Deus, confirma essa bênção como uma característica do cristão verdadeiro. Durante todo o programa, o telespectador é incentivado a buscá-la; no entanto, os pastores continuam a afirmar que não se deve ter o coração no dinheiro. Outra contradição é a oscilação entre as promessas de vitória imediata e futura. Se em certos momentos a vitória é prometida na corrente da prosperidade, em outros ela é assegurada apenas com luta e não para logo. Manifesta-se ainda a falsa democratização da Igreja no momento da oração, quando os pastores afirmam que vão orar “por todos os que estão sofrendo, gemendo e padecendo”, contrariando o que repetem durante todo o programa - que a oração é só para quem vai à igreja.

6.1.3 OUTROS DISCURSOS

Um discurso que funda a argumentação dos pastores da Universal em nosso *corpus*, ao qual já referimos no último item, é o que atribui importância documental à escrita. É a partir desse lugar que se constrói o imaginário segundo o qual a Bíblia é a palavra de Deus - o que está escrito é inegável. Por sua vez, no *Palavra de Vida*, esse imaginário constituído entrecorta o discurso do conhecimento, manifesto nos verbos ‘saber’ e ‘conhecer’. O conhecimento atrelado à verdade divina autoriza a hierarquia entre pastores e fiéis (os primeiros são os que conhecem essa verdade), além de excluir os infiéis - aqueles que criticam a Igreja Universal o fazem porque não conhecem a sua verdade.

O discurso da lógica, da razão, aparece no *Palavra de Vida* com a utilização do adjetivo ‘sério’ significando ‘verdadeiro’ em referência às atitudes e palavras dos pastores, e também com o uso do adjetivo ‘inteligente’ qualificando a atitude do fiel que vai à igreja na corrente da prosperidade. Em outro momento, quando o pastor Elias define fé, ele é

negado: “você não pode ficar contestando, olhando a situação pela lógica, não. Você tem que olhar pela fé e a fé não é razão, a fé é certeza daquilo que nós esperamos e a convicção de fatos que não se vê”.

Há, ainda, no *Palavra de Vida*, um indício de discurso machista, na qualificação dos móveis da casa como um presente do marido para a mulher. Esse discurso parece se confirmar na hierarquia interna da Igreja, segundo a qual apenas obreiros do sexo masculino podem ascender a pastores.

Um outro discurso que identificamos foi o católico, em um deslize do pastor André, que opõe ‘ser de Deus’ a ‘ter um espírito de revolta’, com o uso da conjunção adversativa *mas* em: ‘Elias tinha um espírito de Deus, *mas* também tinha um espírito de revolta’. Esse discurso aparece também no programa *O Santo Culto em seu Lar* na orientação argumentativa de acordo com a qual o verdadeiro cristão é o que sofre; este é o que entra no Reino de Deus.

6.2 OUTROS ASPECTOS DA ARGUMENTAÇÃO

Nosso trabalho está centrado em um aspecto da argumentação que, no *corpus* analisado, consideramos ser o eixo de construção das orientações argumentativas - o mecanismo definitório, realizado por meio de predicados os quais classificamos em dois tipos: parafrásticos e exegéticos. Existem, no entanto, outros aspectos na argumentação dos programas os quais não nos propusemos analisar. Gostaríamos, nesse item, de apontar algumas outras possibilidades de estudo argumentativo que o *corpus* nos oferece.

As repetições constituem um desses aspectos. Uma ocorrência das repetições são as paráfrases adjacentes, não apenas as dos referentes, constantes de nossas análises, mas em outras ocorrências, como as que apresentamos abaixo:

“Se você tem o seu coração muito voltado *para as coisas desse mundo, para os valores desse mundo, para os valores materiais...*” (16)

“Arrependimento é você *reconhecer o seu erro, reconhecer o seu pecado...*” (18)

“... *se essa tubulação estiver suja, se houver lixo nessa tubulação...*” (19)

“Na igreja, *você tá bem, você tá sorrindo, você tá alegre, tá bem com todo mundo, mas em casa, você tá com a sua cara amarrada; em casa, você tá fechado, carrancudo, mal humorado...*” (24)

“Dorme *um de costas para o outro, um virado pra lá, outro virado pra cá.*” (24)

“... *estamos entrando mais uma vez na sua casa, no seu lar...*” (43)

“... *nós vamos falar pra você que a vontade de Deus é prosperar você, a vontade de Jesus é abençoar a sua vida financeira...*” (43)

“Você olha aí na sua casa agora e você talvez esteja *triste, aborrecido...*” (45)

“Inclusive, *todos os pastores, os pastores titulares aqui da capital estarão conosco, os pastores das nossas igrejas estarão conosco da Grande Florianópolis.*” (47)

“... *é sinal que você está muito bem financeiramente, é sinal que você financeiramente não precisa de nada...*” (47)

“... *e sabe quem está muito revoltado porque nós iniciamos o nosso programa falando de prosperidade, falando de riqueza, falando que você tem que ter o bolso cheio de dinheiro? Sabe quem tá revoltado?*” (48)

Além das repetições parafrásticas, há outras ocorrências de repetições adjacentes, que podem ser sintáticas, como o exemplo 1 abaixo, no qual se repetem orações adverbiais finais iniciadas por “pra você”, ou literais, como no exemplo 2:

1. “e você não foi colocado nesse mundo *pra você* mendigar o pão, *pra você* ficar devendo pra todo mundo, *pra você* pedir emprestado, *pra você* ganhar salário mínimo, *pra você* trabalhar de empregado.” (49)
2. “... só que hoje *a oração é pra quem vai na igreja, a oração é pra quem vai na igreja...*” (57)

Além das repetições adjacentes, há as não adjacentes. No *Palavra de Vida*, alguns exemplos recorrentes são: o convite ao comparecimento à corrente da prosperidade; a afirmação de que todos os pastores titulares da Grande Florianópolis estarão presentes e que, por isso, será uma reunião muito forte; a exemplificação de situações decorrentes da miséria financeira; a afirmação de que prosperidade é de Deus e de que quem for à corrente será abençoado; a exposição do endereço da sede regional da Igreja e dos telefones do programa.

No *O Santo Culto em seu Lar*, há a recorrência das expressões “é ou não é?”, “sim ou não?”, “tá entendendo/compreendendo, gente?”, as duas primeiras das quais caracterizam um mecanismo de oposição, o qual se repete na exigência de que o cristão seja uno (100% Deus), e que é caracterizado sintaticamente pela alternativa *ou, ou*, como em:

“... *ou* você é totalmente de Deus, *ou* você se dá totalmente pra Deus, *ou* então você vai continuar vivendo uma vida amarrada, você vai continuar vivendo uma vida de sofrimentos, de derrotas, de angústias, de aflições, de dores...” (17)

Há ainda a ocorrência dos mecanismos de duplicidade e contradição; o primeiro ocorrendo especialmente na descrição do cristão carnal como aquele que *parece* uma coisa, mas *é* outra; o segundo ocorrendo, por exemplo, na diferença entre o discurso da Igreja - que critica o que é carnal - e o seu comportamento, caracterizado como carnal, conforme apontamos em relação à Rede Record¹¹.

Outra característica recorrente nos dois programas diz respeito aos tipos de oração utilizados: no campo das subordinadas, há um grande número de condicionais, causais e finais. Por outro lado, identificamos a primazia das coordenadas assindéticas ou unidas pela conjunção *e*; o estudo das orações empiricamente tomadas como coordenadas traz a possibilidade de investigação de seu funcionamento, nem sempre inserido na coordenação.

Enfim, as possibilidades de entrada são múltiplas. Cientes da inexauribilidade daquilo que fisicamente iniciamos, findamos e chamamos ‘texto’, fizemos uma escolha

¹¹ Devemos a observação dos mecanismos de oposição, duplicidade e contradição a Mônica Zoppi Fontana, que os apontou no exame de qualificação.

pela via que achamos mais significativa do ponto de vista da formulação das orientações argumentativas - o mecanismo definatório - uma via que acreditamos ter nos possibilitado a compreensão de alguns processos de significação/argumentação nos dois programas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso aparato teórico a argumentação, como já afirmamos, faz parte da *formulação* do dizer, instância previamente definida no interdiscurso, este caracterizado como a instância da *constituição* do dizer. Os argumentos derivam, portanto, da relação de discursos (Orlandi, 1996:50). As intenções do sujeito, ao argumentar, que em algumas correntes de estudo lingüístico são tomadas como determinantes do direcionamento argumentativo, para nós já estão determinadas pelas suas filiações discursivas, as quais virão à tona na enunciação, a partir de suas (da enunciação) condições de produção, estas compreendidas como os sujeitos interlocutores e a situação de interlocução.

Lembremos a tarefa que, como analistas de discurso, assumimos: “explicitar o modo como o texto produz sentidos”. Com esse objetivo procuramos compreender as filiações discursivas presentes em cada um dos programas. Esse olhar que lançamos sobre o texto, observando em primeiro plano não a sua empiria, mas o espaço da materialidade discursiva, no qual a articulação lingüística se dá de acordo com posições de sujeito, permitiu-nos ver a argumentação se construindo, em ambos os programas, a partir de um mecanismo semântico - o das definições - estas, por sua vez, sendo formuladas por meio de predicados cujo funcionamento enunciativo nos levou a classificá-los como parafrásticos e exegeticos.

Pudemos perceber, no duplo funcionamento da predicação, a fundamentação da argumentação da Igreja Universal em basicamente dois discursos - o capitalista e o liberal. Compreendemos o papel do Estado liberal assumido pela Igreja em sua atuação como potencializadora das oportunidades de vitória oferecidas de maneira igualitária por Deus. Filiando-se a esses discursos, já fundantes das enunciações políticas e econômicas dominantes no Brasil hoje, a Igreja reproduz internamente os valores capitalistas de nossa sociedade, os quais podem ser sintetizados pelo sintagma ‘poder de consumo’. No *Palavra de Vida*, observamos a tematização explícita da prosperidade; no *O Santo Culto em seu Lar*, vimos a valorização dessa bênção emergir de forma sutil e se estabelecer nas categorias do cristão carnal e do cristão verdadeiro, categorias cujo critério de distinção,

tanto no *Palavra de Vida* quanto na orientação predominante do *O Santo Culto em seu Lar*, são as bênçãos terrenas, em especial a financeira.

Por outro lado, a análise do movimento entre um programa e outro nos possibilitou mostrar de forma especialmente clara o funcionamento do pressuposto teórico segundo o qual os sentidos se constroem no ato enunciativo, a partir das condições de produção da enunciação. Com a mudança nos sujeitos interlocutores e no foco da argumentação, no *Palavra de Vida* ocorre o silenciamento da dicotomia cristão carnal/cristão verdadeiro e dos sentidos da conversão construídos no programa *O Santo Culto em seu Lar*. Os referentes ganham, então, novos sentidos. No *Palavra de Vida* a carnalidade, que define o erro do fiel da Universal no *O Santo Culto em seu Lar*, passa a significar o afastamento físico da Igreja. A conversão, por conseguinte, passa a significar a adesão a ela. A categoria ‘cristão verdadeiro’ passa, então, a referir todo cristão da Igreja Universal. O efeito dessas alterações é de que as bênçãos (características do cristão verdadeiro) são tomadas como obtidas por todos que se juntam à Igreja.

Esse efeito de que querer é poder, filiado ao discurso liberal, exclui todo aquele que não alcança o que deseja (as bênçãos) do cristianismo verdadeiro. No *Palavra de Vida*, o excluído é aquele que não pertence à Igreja e por isso ainda não alcançou a prosperidade. Esse deve se converter ou se contentar em ser empregado possibilitando, com a mais-valia do seu trabalho, o lucro do fiel. No *O Santo Culto em seu Lar*, por sua vez, o já fiel não abençoado é o excluído dentro da própria Igreja, sendo apresentado como aquele que ainda apresenta uma face diabólica, aquele que não é 100%. Significando nas metáforas ‘o povo de Deus’/‘o povo carnal’ (ou ‘meio-Deus/meio-diabo’), está a cisão de classe capitalista entre os que têm e os que não têm direito ao consumo.

Mesmo quando desliza no discurso católico no final do programa *O Santo Culto em seu Lar*, ao desvincular o vencedor das bênçãos e vinculá-lo ao sofrimento e à passagem para o Reino de Deus, o bispo Paulo Roberto ainda se prende aos discursos capitalista e liberal, com a afirmação de que dar o dízimo e fazer ofertas à Igreja ajudam a abrir as janelas do céu para Deus abençoar financeiramente, embora essas sejam condições necessárias, mas não suficientes para que a prosperidade seja obtida. É preciso mais, é preciso tudo.

Nos dois programas, a coerção é violenta e camuflada. Em ambos se realiza a coerção ao ter; no *O Santo Culto em seu Lar*, em especial, é exercida também a coerção ao ser, que nos leva à percepção de que a aparente liberalidade atribuída pela mídia à Universal em relação aos preceitos morais não se confirma - o sexo assume sentidos de imoralidade, os 'palavrões' e a TV são tomados como carnavais, e a família é valorizada.

Enfim, esperamos poder ter dado visibilidade ao fato de que a argumentação se constrói a partir de lugares de significação, de filiações discursivas dos sujeitos, que são, por sua vez, silenciadas no direcionamento da interpretação que as orientações argumentativas realizam. Em nosso *corpus*, predicados parafrásticos e exegéticos, ao definir, constróem referentes que oferecem respostas a todas as perguntas, justificam qualquer fato. Em relações de causa e efeito, esses dois mecanismos constituem argumentos e conclusões.

As paráfrases exercem seu efeito unificador pela ressonância; os predicados exegéticos, por sua vez, espalham as ressonâncias parafrásticas em categorias aparentemente distintas e dão visibilidade social a elas. Assim se distingue quem não é 100% Deus, o que é necessário fazer para converter-se, a situação de miséria financeira vivida por quem não é de Deus, a ação dos representantes de Deus, etc.

O discurso é visto, em nossa perspectiva, como "um objeto social cuja especificidade está em que sua materialidade é lingüística" (Orlandi, 1996:27). Como analistas de discurso, portanto, compreendemos os processos de significação na construção conjunta do social e do lingüístico na enunciação. É essa relação, como constitutiva da subjetividade, que esperamos ter mostrado ao tratar da argumentação em perspectiva discursiva.

SUMMARY

This dissertation consists of an analysis of the argumentation of the priests of the Universal Church of the Kingdom of God in two programs shown at Record TV Network - *The Holy Service in your Home*, whose subject is 'being a Christian', and *Word of life*, whose subject is prosperity.

Our theoretical viewpoint is the one of the Historical Semantics of the Utterance Act, as it is presented by Eduardo Guimarães. This approach which is affiliated to the French School of Discourse Analysis takes the meaning of an utterance act as constituted in historically-built places - the discourses. With the consideration of history as constituent of meaning, speech is analysed on two levels - the one of its constitution, which is called interdiscourse, and the one of its formulation, that on which the subject verbalizes his meanings.

Argumentation, which takes place on the level of formulation, is an effect of the relation between discourses; the intentions of the subject when arguing are constituted in his historical memory, in positions of meaning that he necessarily takes, although uncounsciously. Thus in our perspective arguing is not persuading or convincing someone; it is the direction of speech, the unification of interpretation in gestures that produce the effect that what was said: 1) could only have been formulated in that way, and 2) was originated in the individual, and not as a historical process of meaning.

In our *corpus* we identified a semantic procedure in the building of argumentation - a mechanism of definition which is carried out through predication. The priests define (and by defining they build as referents) some key-concepts in the argumentation of the Universal Church, such as 'God', 'devil', 'carnal Christian', 'true Christian', 'prosperity', etc. The definitions are formulated by means of two kinds of predicates: paraphrastic and exegetic. Paraphrastic predicates resound with the meanings of each other and/or of the referents they build. Exegetic predicates give social visibility to these referents. Together both kinds of predicates work as arguments and conclusions, making an argumentative web.

In the intertextual analysis between the two programs we observed that the referents take new meanings according to the conditions of production of each of the programs. *The Holy Service in your Home* is recorded in a service in the national headquarters of the Universal Church; *Word of Life* is made for TV exhibition and is shown live. This difference brings a change in the interlocutors of the priests - in the first program, they are the congregation of the church; in the second, they are a potential congregation. With this change the aims of the programs are also different and the referents which build argumentation mean differently.

On each program and between the two of them we identified contradictions in the argumentation. The directing of meaning is set off in basically two places of meaning constitution - capitalist and liberal discourses. The contradictions are an indication that argumentation does not assure persuasion, since The Universal Church, the evangelic religion which grows fastest in Brazil, is founded upon a contradictory speech.

KEY-WORDS: 1. Semantics. 2. Discourse Analysis. 3. Paraphrase. 4. Predicate. 5. Definition.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORRÊA, Manoel Luiz G. *As vozes prementes*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1989, 2ed.

DUCROT, Oswald (1984). "Esboço de uma teoria polifônica da argumentação" in: *O dizer e o dito*, Campinas, SP: Pontes, 1987, p. 161-218.

FERREIRA, Aurélio B. de H. *Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1988.

GUIMARÃES, Eduardo. *Os limites do sentido - um estudo histórico e enunciativo da linguagem*. Campinas, SP: Pontes, 1995.

ILARI, Rodolfo e GERALDI, Wanderley. *Semântica*. São Paulo, SP: Ática, 1992, 5ed.

ORLANDI, Eni P. *As formas do silêncio no movimento dos sentidos*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995, 3ed.

_____. *Interpretação - autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

PAGELS, Elaine (1995). *As origens de Satanás: um estudo sobre o poder que as forças irracionais exercem na sociedade moderna*. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, 1996.

PÊCHEUX, Michel (1975). *Semântica e Discurso - uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995, 2ed.

SERRANI, Silvana Mabel. *A paráfrase como ressonância interdiscursiva na construção do imaginário de língua - o caso do Espanhol Riopratense*. Tese de doutorado, IEL, UNICAMP, 1991.

TRACY, David. "Metáfora e religião: o caso dos textos cristãos" in: SACKS, Sheldon (org.) *Da metáfora*. SP: EDUC/Pontes, 1992, p.95-109.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. "Heterogeneidade(s) Enunciativa(s)" in: *Caderno de Estudos Linguísticos*, 19 (jul/dez 1990), p. 25-42.

BENVENISTE, Émile. (1966) "Da subjetividade na linguagem" in: *Problemas de lingüística geral I*, Campinas, SP: Pontes/ Editora da UNICAMP, 1991, 3ed, p.284-293.

_____. (1974) "A forma e o sentido na linguagem" in: *Problemas de lingüística geral II*, Campinas, SP: Pontes, 1989, p.220-242.

_____. (1974) "O aparelho formal da enunciação" in: *Problemas de lingüística geral II*, Campinas, SP: Pontes, 1989, p.81-90.

BRANDÃO, Helena N. *Introdução à Análise de Discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995, 4ed.

COUSTÉ, Alberto. *Biografia do Diabo*. Rio de Janeiro, RJ: Record: Rosa dos Tempos, 1996.

DUCROT, Oswald. "As escalas argumentativas" in: *Provar e dizer: leis lógicas e leis argumentativas*. São Paulo, SP: Global, 1981, p.178-228.

FOUCAULT, Michel (1969). *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 1995, 4ed.

GUIMARÃES, Eduardo (org.). *História e sentido na linguagem*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

_____. “História, sujeito, enunciação” Apresentado na mesa-redonda “Sujeito e linguagem” do Seminário Oswald Ducrot, em outubro de 1996 no IEL da UNICAMP.

_____. *Texto e argumentação: um estudo das conjunções do português*. São Paulo, SP: Pontes, 1987.

LE GUERN, Michel. “Metaphore et argumentation” in: DUCROT, O. et alii. *L'argumentation*. Presses Universitaires de Lyon, 1981, p. 65-74.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/ Pontes, 1993, 2ed.

ORLANDI, Eni P. “Exterioridade e ideologia” in: Caderno de Estudos Linguísticos, 30 (jan/jun 1996), p.27-33.

ORLANDI, Eni P. e GUIMARÃES, Eduardo. “Unidade e dispersão: uma questão do texto e do sujeito” in: ORLANDI, Eni P. *Discurso e Leitura*. São Paulo, SP: Cortez/ Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988, 2ed, p.53-73.

PÊCHEUX, Michel (1983). *O discurso - estrutura ou acontecimento?* Campinas, SP: Pontes, 1990.

_____. “Delimitações, inversões, deslocamentos” in: Caderno de Estudos Linguísticos, 19 (jul/dez 1990), p. 7-24.

PERELMAN, Chaim e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo, SP: Pontes, 1996.